



**FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA – UNIFOR
VICE-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO/DOCTORADO**

MARLO RENAN ROCHA LOPES

Possibilidades subjetivas da prática da leitura para leitores idosos de Fortaleza/CE

Subjective possibilities of reading practice for elderly readers of Fortaleza/CE

**FORTALEZA
2018**

MARLO RENAN ROCHA LOPES

**POSSIBILIDADES SUBJETIVAS DA PRÁTICA DA LEITURA PARA
LEITORES IDOSOS DE FORTALEZA/CE**

**SUBJECTIVE POSSIBILITIES OF READING PRACTICE FOR ELDERLY
READERS OF FORTALEZA /CE**

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR, em cumprimento à etapa de Defesa, requisito para a obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Psicologia, Sociedade e Cultura.

Linha de Pesquisa: Ambiente, Trabalho e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. José Clerton de Oliveira Martins.

**FORTALEZA
2018**

Ficha catalográfica da obra elaborada pelo autor através do programa de geração automática da Biblioteca Central da Universidade de Fortaleza

Lopes, Marlo Renan Rocha.

Possibilidades subjetivas da prática da leitura para leitores idosos de Fortaleza/CE / Marlo Renan Rocha Lopes. - 2018
166 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade de Fortaleza. Programa de Mestrado Em Psicologia, Fortaleza, 2018.

Orientação: José Clerton de Oliveira Martins.

1. Idoso. 2. Leitura. 3. Experiência. 4. Ócio. 5. Velhice.
I. Martins, José Clerton de Oliveira. II. Título.



Universidade de Fortaleza – UNIFOR
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Ambiente, Trabalho e Cultura nas Organizações Sociais

Dissertação intitulada "**Possibilidades subjetivas da prática da leitura para leitores idosos de Fortaleza/CE**", de autoria do mestrando **Marlo Renan Rocha Lopes** aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. José Clerton de Oliveira Martins (UNIFOR) – Orientador

Profa. Dra. Sandra Maia Farias Vasconcelos (UFC)

Profa. Dra. Leônia Cavalcante Teixeira (UNIFOR)

Fortaleza, 06 de Setembro de 2018.

Visto:

Profa. Dra. Normanda Araujo de Moraes
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia
UNIFOR

Deixa-me dizer-te, meu caro, pode bem acontecer que vás através da vida sem saber que debaixo do teu nariz existe um livro no qual a tua vida é descrita em todo o detalhe. Aquilo do qual nunca te deste conta antes, vais relembrando aos poucos, assim que comeses a ler esse livro, e encontras e descobres. Alguns livros tu lês e lês e não lhes consegues encontrar qualquer sentido ou lógica, por mais que tentes. (...) Mas esse livro que talvez esteja logo debaixo do teu nariz, tu lês e sentes-te como se tivesses sido tu próprio a escrevê-lo, tal como – como é que hei-de dizer? – tal como se tivesses tomado posse do teu próprio coração (...).

Fiódor Dostoiévski, *Gente pobre*, 1846.

AGRADECIMENTOS

Meus mais fortes e sinceros agradecimentos são voltados a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a consolidação desta pesquisa – desde os seus estágios iniciais, quando isso tudo ainda era um projeto não muito bem definido, até hoje, no momento em que coloquei o ponto final na última frase. Durante esse caminho, pessoas muito próximas me deram enormes contribuições para a constituição do texto propriamente dito, e pessoas distantes, mesmo sem o saber, ajudaram a amadurecer as ideias e as propostas que assaltavam minha mente de vez em quando.

Eu só faria uma lista com o nome de todas essas pessoas se tivesse a certeza de que não me esqueceria de nenhuma delas, o que não é o caso. Portanto, vou me contentar em mencionar apenas aquelas que nunca, em circunstância nenhuma, poderiam ser omitidas, dada a relevância que tiveram para a existência concreta deste trabalho.

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais, Lalor Callado e Marta Emília. Sem o seu empenho para me colocar em uma universidade, essa pesquisa de pós-graduação não existiria, assim como não existiriam todas as coisas que aprendi e construí no Ensino Superior. Não há muito o que dizer sobre isso – tudo deste percurso devo a eles. É simples assim.

Agradeço ao meu irmão, Arthur William, por ter me feito companhia durante todo esse tempo, mostrando interesse pelo meu mestrado e me ajudando a descansar em frente a um Playstation quando era preciso.

Agradeço ao meu professor orientador, o Prof. Dr. José Clerton de Oliveira Martins, que coordena com mão firme e muita sabedoria o valioso Laboratório Otium. Somos parceiros há tantos anos, e conheço seu trabalho tão de perto, que já posso considerá-lo uma verdadeira inspiração e um mestre do ensino e da pesquisa. Seus comentários cirúrgicos sobre meus textos acadêmicos não são apenas comentários – são aulas-relâmpago.

Os colegas do Otium que se transformaram em amigos muito rapidamente têm, cada um deles, uma parcela de contribuição neste percurso trilhado. Faço questão de citar aqueles que são meus amigos mais próximos: Agê Carvalho, Ana Claudia, Benedito Júnior, Bruno Pontual, Francisco Welligton, Gustavo Halley, Laís Duarte e Rodrigo Oliveira. À Laís agradeço o seu profundo e valioso empenho voluntário em me ajudar a elaborar algumas das categorias do DSC reveladas nesta pesquisa, e também o seu auxílio em operar os dados no programa de computador *DSCsoft*.

Agradeço de coração a ajuda e a amizade dos secretários do PPGP que arrumam diariamente papéis, carimbos, chaves, pastas, relatórios, planilhas, salas e reuniões com o intuito de manter aquele lugar funcionando. Eles fazem isso tão bem e com tanta leveza que parece um trabalho fácil aos olhos de quem está de fora. Sem esse trabalho prático indispensável, esta dissertação seria apenas uma pilha de papel sem aval oficial. Esses secretários infalíveis são atualmente a Sônia e o Hendriws, e, no passado, foram o Anderson e o César.

Esta pesquisa não teria relevância se não passasse pelo crivo de avaliadores competentes e criteriosos, e por isso agradeço profundamente às duas professoras que se dispuseram a compor as bancas de qualificação e defesa do meu trabalho: Profa. Dra. Leônia Cavalcante (Unifor) e Profa. Dra. Sandra Vasconcelos (UFC).

Por último, agradeço a Patrícia Lavinias, minha namorada, que me ouviu, leu, tranquilizou, abrigou, inspirou, informou e ajudou de todas as formas que lhe foram possíveis. Tudo o que ela fez, direta ou indiretamente, transcende qualquer tentativa de descrição. Quando eu fraquejava – e isso não aconteceu poucas vezes –, era ela quem estava do meu lado; quando finalizei a redação da pesquisa, foi ela quem decidiu que tínhamos que comemorar.

Por tudo isso, só me resta dizer: Muito obrigado.

RESUMO

Dado o aumento expressivo da população idosa a nível global, tornou-se cada vez maior o interesse em investigar em profundidade as motivações, os benefícios e os significados atribuídos por idosos às suas mais diversas atividades e práticas cotidianas. Esse interesse tem levado pesquisadores a refletir sobre as possibilidades de âmbito subjetivo que o idoso tem para desenvolver seu potencial humano, ao realizar atividades motivadoras e significativas para si. Dentro desse contexto, esta pesquisa teve como objetivo identificar as possibilidades subjetivas da prática da leitura para leitores idosos, a partir de um estudo de abordagem qualitativa, do tipo descritivo e exploratório. Para a coleta dos dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com idosos que consideram cultivar a prática da leitura em seu cotidiano. A análise dos dados foi realizada através do processo de categorização proporcionado pelos operadores do método de análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), visando à elaboração de categorias que descrevam as motivações, os significados e os benefícios da prática da leitura para o leitor idoso. Os resultados apontaram que o cultivo da prática da leitura envolve componentes subjetivos que indicam a possibilidade de experiência e ócio, na medida em que ela representa, para os leitores idosos, uma prática automotivada com a percepção de liberdade, consciente e satisfatória, promovendo o desenvolvimento pessoal. A partir da análise dos dados revelados, infere-se que a prática da leitura pode ser considerada como pertencente ao âmbito do envelhecimento satisfatório para esses leitores idosos, enfatizando a experiência decorrente da leitura, para além da atividade em si.

Palavras-chave: Idoso. Leitura. Experiência. Ócio. Tempo livre.

ABSTRACT

Because of the significant worldwide increase in the elderly population, there is an interest in investigating the motivations, benefits and meanings attributed by the elderly to their most diverse daily activities and practices. This interest has led researchers to reflect about the possibilities of subjective scope that the elderly have to develop their human potential, performing activities with motivation and meaningful for themselves. In this context, the objective of this research was to identify the subjective possibilities of reading practice for elderly readers, based on a descriptive and exploratory qualitative approach. For data collection, semi-structured interviews were conducted with elderly individuals who considered cultivating the practice of reading in their daily lives. Data analysis was performed through the categorization process provided by the operators of the Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), which revealed categories about the motivations, meanings and benefits of reading practice for the elderly reader. The results pointed out that the cultivation of reading practice involves subjective components that indicate the possibility of experience and leisure experience, insofar as it represents, for the elderly readers, a motivated practice with the perception of freedom, conscientious and satisfactory, promoting personal development. Based on the analysis of the revealed data, it is inferred that the practice of reading can be considered as a field of aging satisfactory for these elderly readers, emphasizing the experience of reading.

Keywords: Elderly. Reading. Experience. Leisure. Free time.

LISTA DE ABREVIATURAS

COÉTICA	COMITÊ DE ÉTICA
DSC	DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO
IBGE	INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
IDH	ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO
LOAS	LEI ORGÂNICA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL
OMS	ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE
ONU	ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS
PPGP	PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
TCLE	TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
UNIFOR	UNIVERSIDADE DE FORTALEZA

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1. Perfil dos participantes da pesquisa.....	80
Quadro 2. Componentes da categoria “Prazer e satisfação” (motivação para a prática da leitura).....	94
Quadro 3. Componentes da categoria “Busca por conhecimentos” (motivação para a prática da leitura).....	98
Quadro 4. Componentes da categoria “Prover uma necessidade básica subjetiva” (motivação para a prática da leitura).....	101
Quadro 5. Componentes da categoria “Cultivar uma relação afetiva com os livros” (motivação para a prática da leitura).....	104
Quadro 6. Componentes da categoria “Fonte de informação e conhecimento” (significados da prática da leitura).....	109
Quadro 7. Componentes da categoria “Autoconhecimento” (significados da prática da leitura).....	111
Quadro 8. Componentes da categoria “Prazer e satisfação” (significados da prática da leitura).....	115
Quadro 9. Componentes da categoria “Fundamento para a escrita e a fala” (significados da prática da leitura).....	117
Quadro 10. Componentes da categoria “Fundamento para a escrita e a fala” (significados da prática da leitura).....	121
Quadro 11. Componentes da categoria “Autoconhecimento” (significados da prática da leitura).....	124
Quadro 12. Componentes da categoria “Aprendizagem prática e exercício para o cérebro” (significados da prática da leitura).....	126
Quadro 13. Componentes da categoria “Prazer e satisfação” (significados da prática da leitura).....	129
Quadro 14. Componentes da categoria “Humildade e respeito pela condição humana” (significados da prática da leitura).....	131
Figura 1. Percurso metodológico da pesquisa.....	90
Tabela 1. Categorias referentes à motivação para a prática da leitura.....	93
Tabela 2. Categorias referentes aos significados da prática da leitura.....	107
Tabela 3. Categorias referentes aos benefícios da prática da leitura.....	120

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 CONTEMPORANEIDADE E ENVELHECIMENTO.....	19
2.1 Apontamentos sobre a contemporaneidade.....	20
2.2 O envelhecer na contemporaneidade.....	25
3 A VELHICE SOB UMA PERSPECTIVA POSITIVA.....	31
3.1 Reflexões sobre um conceito de tempo livre.....	35
3.2 Envelhecimento satisfatório: foco em experiência e ócio.....	39
4 SOBRE A LEITURA E O LEITOR.....	46
4.1 Um conceito de leitura.....	46
4.2 A prática da leitura.....	51
4.3 Modalidades de leitura.....	53
4.3.1 <i>A leitura silenciosa e individual.....</i>	<i>56</i>
4.4 Considerações sobre um conceito de leitor.....	61
5 A EXPERIÊNCIA DA LEITURA E O LEITOR IDOSO.....	64
5.1 Nota sobre a expressão “possibilidades subjetivas”.....	64
5.2 A noção de experiência na leitura.....	67
5.3 A prática da leitura e o leitor idoso.....	70
6 PERCURSO INVESTIGATIVO.....	74
6.1 Abordagem de pesquisa.....	75
6.2 Tipo de pesquisa.....	76
6.3 Os leitores idosos: definindo os participantes.....	77
6.4 Lócus: a cidade de Fortaleza-CE.....	81
6.5 Coleta dos dados: as entrevistas individuais semiestruturadas.....	82
6.6 O Discurso do Sujeito Coletivo.....	85
6.8 Procedimentos éticos.....	90
7 O QUE OS LEITORES IDOSOS DIZEM DA SUA PRÁTICA DA LEITURA? ANÁLISE DAS CATEGORIAS DO DSC.....	91
7.1 Motivações para a prática da leitura.....	92
7.2 Significados da prática da leitura.....	106
7.3 Benefícios da prática da leitura.....	119
8 A PRÁTICA DA LEITURA PARA LEITORES IDOSOS COMO POSSIBILIDADE DE EXPERIÊNCIA E ÓCIO: RETOMANDO OS CONCEITOS.....	133
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	142
REFERÊNCIAS.....	147
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	156
APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA.....	163
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA.....	164

1 INTRODUÇÃO

Pelo fato de estarem presentes de forma tão intensa em minha história pessoal, a prática da leitura e os seus efeitos subjetivos são temas que sempre despertaram meu interesse. Meu envolvimento voluntário com a leitura teve início muito cedo em minha vida, creio, e essa relação, que logo ganhou contornos afetivos, se mantém até hoje como essencial para minha formação profissional e, acima de tudo, humana. Minhas experiências pessoais com os livros me levaram a acreditar que a leitura possa ser uma prática que comporte possibilidades ricas e diversas no campo subjetivo, e são precisamente essas possibilidades que têm despertado meu interesse nos últimos anos.

Quando adolescente, eu entendia que as ricas possibilidades da leitura podiam ser ilustradas por um silogismo muito simples: qualquer texto aborda algo sobre o mundo, seja uma ideia ou uma descrição sobre ele; portanto, ler um texto é ler o mundo em que eu vivo. Essa ideia, acalentada ao longo dos tempos, faz-me supor que a prática da leitura extrapola a mera atividade concreta de decodificação do texto e implica, possivelmente, uma experiência que desemboca na constante e consciente tentativa de elaboração de si e do mundo através de um texto. Ao que parece, essa prática pode ser uma empreitada bem-sucedida se for fomentada entre o leitor e a leitura uma relação motivada, repleta de significados.

Considero pessoal essa relação que o leitor estabelece com o texto, justamente porque suspeito que a leitura possa ir além da leitura literal, mecânica, e entrar no mundo dos significados e das experiências que cada um toma para si no contato com as palavras impressas. Essa proposição me leva a pensar sobre as motivações e os possíveis benefí-

cios da prática da leitura: quais são e como eles se relacionam à leitura enquanto experiência. Por essa razão – porque toda experiência é pessoal e, portanto, subjetiva –, é importante investigar o que os leitores têm a dizer sobre a sua própria prática da leitura.

As minhas inquietações sobre a prática da leitura e suas possibilidades subjetivas não são mais prementes do que minhas preocupações em investigar o sujeito idoso na contemporaneidade, tendo em vista sua relevância cada vez mais notável no plano social. Dada a perspectiva de um crescente envelhecimento da população mundial na transição do século XX para o século XXI, a Organização Mundial da Saúde (OMS) designou de “A Era do Envelhecimento” o período situado entre os anos 1975 e 2025. De acordo com a OMS, ao longo destes cinquenta anos as nações testemunharão um considerável aumento da população idosa, ocasião para a qual será imprescindível adotar políticas sociais – locais e globais – que deem o devido suporte a esse fenômeno (OMS, 2005). Desde o replanejamento da estrutura física das cidades – com a adoção de utilitários de acessibilidade, por exemplo – até a reavaliação das normas no campo jurídico – como a garantia de direitos previstos em lei –, o arcabouço de mudanças que tenham o intuito de prestar assistência à população idosa é encorajado e tido como essencial para assegurar um futuro com qualidade de vida a todos (Herédia, Cortelletti, & Casara, 2009; ONU, 2002).

A promoção de atividades envolvendo o público idoso cresceu bastante nas últimas décadas, bem como o interesse em investigar determinadas atividades a partir da experiência pessoal desse público, ou seja, a partir dos elementos subjetivos envolvidos nelas (Queiroz, 2016). Isso tem levado pesquisadores e especialistas a conhecer em profundidade as motivações, os significados e os benefícios atribuídos por idosos às mais diversas atividades cotidianas, o que possibilita ampliar o entendimento que se tem sobre as pessoas dessa faixa etária, formando uma base sólida e justificada para a implantação de políticas sociais voltadas ao idoso, por exemplo (Silva, Lima, & Galhardoni, 2010).

Esse interesse sobre os aspectos subjetivos do envelhecimento e da velhice nas atividades do idoso tornou possíveis algumas reflexões acerca dessa faixa etária sob a luz de uma perspectiva positiva, e não majoritariamente negativa (Cuenca, 2017). Ao conhecer em profundidade as motivações, os significados e os benefícios das atividades praticadas pelo idoso, compreende-se esse período da vida como campo de possibilidades de crescimento e transformação pessoal, e não como momento exclusivo de declínio do corpo e das capacidades funcionais do sujeito – representação típica da velhice nos estudos do século XIX e até meados dos anos 1970 (Beauvoir, 1990).

A proposta desta pesquisa, portanto, é unir esses dois temas de investigação: a leitura e o idoso. Debruçar-se sobre a prática da leitura nessa faixa etária, com base nesses encaminhamentos, corresponde à tentativa de investigar os elementos subjetivos envolvidos na leitura, sob o prisma da velhice enquanto fenômeno social e pessoal, a partir de uma prática específica desenvolvida pelo idoso. O que motiva o leitor idoso à prática da leitura, que significados ele atribui a essa prática e que benefícios ela pode lhe proporcionar, na sua perspectiva, são questionamentos que surgem diante da tentativa de identificar o que a prática da leitura possibilita ao leitor dessa faixa etária, no âmbito subjetivo.

O leitor envolvido de maneira compromissada com a prática da leitura necessita de um tempo próprio para que os conteúdos lidos passem por elaborações simbólicas derivadas do encontro com os textos que ele lê (Cabral, 2006). Isso nos faz pensar que a leitura que modifica o leitor se configura tributária da noção de experiência; e a experiência emerge onde são construídos significados pessoais, autênticos, e motivações intrínsecas (Larrosa, 2003).

Levando em consideração esses contextos, perguntamos: Quais são as motivações de leitores idosos para a prática da leitura? Como o leitor idoso significa a sua prática da leitura? Que benefícios essa prática lhe traz, na sua perspectiva? E, não menos importante,

essa prática da leitura pode convocar experiências que encaminham o sujeito para um envelhecimento satisfatório? Esses questionamentos revelam a pergunta norteadora desta pesquisa, a saber: Quais são as possibilidades subjetivas da prática da leitura para leitores idosos da cidade de Fortaleza-CE? Partindo do propósito de responder a esta questão, podemos identificar diversos elementos subjetivos convocados pela prática da leitura por leitores idosos, investigando a possibilidade de uma experiência derivada dessa prática.

Os pressupostos assumidos para esta pesquisa surgiram a partir de minha trajetória pessoal de estudos acerca da leitura e das minhas próprias experiências com a leitura, bem como de meus estudos sobre o ócio, o processo de envelhecimento, a velhice e a experiência enquanto fenômeno subjetivo que encaminha possibilidades de desenvolvimento pessoal. Esta trajetória é pautada em autores como Beauvoir (1990), Debert (1999), Bosi (2003), Schneider e Irigaray (2008), Larrosa (2002, 2003), Aquino e Martins (2007), Cuenca (2018), Bohm e Marangoni (2011), Cabral (2006), Almeida (2009) e Candido, Rosenfeld, Prado e Gomes (2005), apenas para citar alguns trabalhos referenciados com grande frequência em suas respectivas áreas.

São dois os pressupostos assumidos. O primeiro é o de que a prática da leitura pode convocar elementos subjetivos que possibilitam ao leitor idoso o que se entende por experiência, a partir Larrosa (2002, 2003). O segundo é o de que a prática da leitura pode proporcionar, aos leitores idosos, experiências de ócio relacionadas à motivação intrínseca, à liberdade percebida e à satisfação, tal como apontam Aquino e Martins (2007), Rhoden (2009) e Cuenca (2016). Acredita-se assim que a prática da leitura pode contribuir para um envelhecimento satisfatório, uma vez que ela remete a uma prática automotivada voltada para o crescimento pessoal desses leitores, fomentando situações de aprendizagem, desenvolvimento e conhecimento de si e do mundo.

Diante desse contexto geral, dos pressupostos mencionados e da questão norteadora formulada para esta pesquisa, elaboramos os seguintes objetivos para a condução da investigação:

Objetivo geral:

- Identificar as possibilidades subjetivas da prática da leitura para leitores idosos de Fortaleza-CE.

Objetivos específicos:

- Desvelar o que motiva os leitores idosos à prática da leitura;
- Elencar os significados da prática da leitura para leitores idosos;
- Apontar os benefícios proporcionados pela prática da leitura para leitores idosos.

Esta dissertação se encontra alinhada ao atual projeto de pesquisa do Laboratório de Estudos sobre Ócio, Trabalho e Tempo Livre (Otium/PPGP Unifor), cujo título é “Recriando-se nas temporalidades livres da velhice: um estudo sobre experiências potencializadoras da vida com idosos do nordeste brasileiro”. Este projeto, iniciado em 2014, possui o objetivo principal de investigar como idosos do nordeste brasileiro desenvolvem seu tempo de vida, engajando-se em experiências autônomas e satisfatórias. Dentro do Laboratório Otium, portanto, encontrei a possibilidade de investigar o tema desta dissertação, articulando o público idoso com a prática da leitura.

Esta dissertação se encontra dividida em seis seções que incluem os referenciais teóricos e as análises dos dados coletados em campo. Cada seção teórica aborda temas e subtemas que aqui são considerados relevantes para a discussão proposta pelo estudo.

Na primeira seção, propomos abordar as características gerais da contemporaneidade, bem como a condição do envelhecimento dentro do contexto contemporâneo. Este tópico é importante para destacarmos o cenário do envelhecimento no Brasil e algumas

considerações sobre o envelhecer a partir do ponto de vista individual e social, enfatizando o que se entende por envelhecimento.

A segunda seção aborda um recorte específico nos estudos sobre o envelhecimento, ao articular o envelhecer e a velhice com os conceitos de tempo livre, experiência e ócio. Trata-se aqui do envelhecimento satisfatório e de sua estreita relação com a apreensão subjetiva do tempo e das atividades realizadas pelo sujeito, a partir do que se pode discutir a prática da leitura para leitores idosos.

A terceira seção se debruça sobre o conceito de leitura e de prática da leitura, além de pontuar o que se entende pelas diversas modalidades de leitura existentes na literatura acadêmica sobre o assunto. Abordamos aqui a leitura silenciosa e individual, que é a modalidade trabalhada nesta pesquisa, e tecemos considerações breves sobre o conceito próprio de leitor.

A quarta seção apresenta o conceito de experiência e o articula com a leitura, bem como explana a prática da leitura na realidade do leitor idoso. É um tópico pertinente para que se possa considerar a prática da leitura como potencial de experiência para o leitor idoso.

A quinta seção revela o percurso metodológico da pesquisa, enfatizando sua abordagem e seu tipo, os participantes, o lócus e os instrumentos de coleta, organização e análise dos dados obtidos, bem como os procedimentos éticos adotados para a condução do estudo de campo.

A sexta seção expõe as análises propriamente ditas sobre o material coletado nas entrevistas, articulando-os com os referenciais teóricos adotados neste estudo. Tais análises se baseiam nas categorias temáticas reveladas pelo instrumento de organização e análise dos dados, o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).

A sétima seção propõe uma discussão retrospectiva sobre os resultados analisados e os pressupostos adotados no início da pesquisa. As considerações finais sobre todo o estudo realizado são feitas logo depois dessas articulações.

2 CONTEMPORANEIDADE E ENVELHECIMENTO

Como qualquer outro fenômeno humano, o processo de envelhecimento deve ser abordado levando-se em consideração o contexto sócio-histórico no qual se situa. Do ponto de vista acadêmico, esta premissa parece elementar: o pesquisador interessado no fenômeno da velhice não pode prescindir de lançar um olhar mais ou menos pormenorizado à dinâmica própria do tempo e dos valores em que o envelhecer se enquadra, sob o risco de perder de vista a maneira como a sua cultura concebe, representa e trata as pessoas idosas.

Pensar o idoso nos dias de hoje implica situar tal fase da vida na dinâmica dos valores contemporâneos porque, em primeira instância, o idoso responde – como qualquer indivíduo – a estímulos, apelos e movimentos que são característicos da época da qual ele faz parte. Por essa razão, ele é afetado por dimensões específicas que interpelam sua vida social e individual, como é o caso das dimensões do trabalho, do lazer e do consumo, por exemplo.

Este tópico procura contextualizar teoricamente, e de maneira breve, o atual momento sócio-histórico em que nos encontramos. São abordados alguns dos atributos entendidos como característicos e balizadores de nossa sociedade, com o que se pretende ampliar o entendimento sobre o momento contemporâneo e lançar as bases para o nosso olhar sobre o fenômeno do envelhecimento e, posteriormente, sobre o leitor idoso.

2.1 Apontamentos sobre a contemporaneidade

Aqui caracterizamos a contemporaneidade como *hipermodernidade*, de acordo com o entender de Lipovetsky (2004, 2007), e como *tempo líquido*, a partir dos pensamentos de Bauman (2001, 2007). Enfatiza-se a presença da cultura do consumo e do trabalho em excesso, das relações frágeis e efêmeras entre as pessoas e entre as pessoas e os objetos, a aceleração da rotina e o excesso de estímulos presentes no cotidiano.

Lipovetsky (2004) contribui para o debate sobre a contemporaneidade desenvolvendo o conceito central de hipermodernidade, com o qual define uma época em que os princípios construtivos da modernidade – a racionalidade técnica, a economia de mercado, a democratização do espaço público e a lógica individualista – foram radicalizados, o que transforma a era atual em uma “era de excessos”. O tempo acelerado passou a ser uma constante, e os estímulos que convocam a mobilização dos indivíduos para atender às mais diversas demandas se tornaram cada vez mais imperativos. O indivíduo hipermoderno que se encontra envolvido nesse movimento frenético de “dar sempre conta de tudo o que chega” parece ter exatamente o objetivo de não ser colocado para trás na esteira da suposta evolução de uma sociedade que cultua muito mais a modernização técnica do que os ideais (Lipovetsky, 2004).

Para o autor, os rápidos avanços tecnológicos que se sucederam a partir da segunda metade do século XX engendraram mudanças significativas a nível social e individual, chegando a promover inclusive a “superdimensão” das necessidades dos sujeitos, que procuram realizar cada vez mais atividades no seu cotidiano porque a tecnologia da informação e da comunicação assim o permite. Desse modo, tanto o trabalho quanto o consumo são excessivos e constantes – o primeiro como meio de sustentar o segundo.

Nesse cenário, o ideal de felicidade passa a ser pautado pelo movimento em direção ao *possuir*, que, no entanto, não é capaz de preencher a existência do viver contemporâneo, marcado por sucessivos fracassos em encontrar e produzir sentido no âmbito subjetivo (Lipovetsky, 2007). O ideal de trabalhar mais para consumir mais pode ser a representação de uma vida bem-sucedida financeiramente, mas ele não diz respeito à satisfação plena de viver a vida que se leva, pois esta última está relacionada inevitavelmente às experiências de sentido, e não à materialidade dos objetos (Salis, 2004).

Seguindo esse pensamento, Martins e Francileudo (2011) pontuam a contemporaneidade como uma época em que as pessoas se revelam inquietas e amedrontadas em relação a um futuro tão cambiante e ambivalente quanto a Bolsa de Valores. Ao mesmo tempo em que preconiza um ideal de felicidade, a dimensão *hiper* acarreta comportamentos excessivos, indicadores de um viver repleto de ações e projetos que pouco têm a ver com as necessidades não-materiais dos seres humanos. E é nessa conjuntura que Lipovetsky (2004) evidencia os paradoxos da vida na sociedade atual, exprimindo a

(...) lógica contraditória dos indivíduos hipermodernos, que são ao mesmo tempo mais informados e mais desestruturados, mais adultos e mais instáveis, menos ideológicos e mais tributários das modas (...), mais céticos e menos profundos (Lipovetsky, 2004, p. 28).

Tais contradições residem na ideia de que há hoje a ausência dos modelos sociais rígidos típicos da modernidade, segundo os quais os indivíduos teciam sua vida com maior precisão e garantiam um futuro mais ou menos estável, mas quase sempre previsível. Na hipermodernidade, o futuro se configura como uma incerteza da qual derivam preocupação e insegurança: há maior mobilidade social e mais liberdade, menos rigidez

nos ditames sociais, mas, ao mesmo tempo em que preconizam estes ideais emancipatórios iniciados já na modernidade, as pessoas nunca se sentiram tão desamparadas e carentes de princípios norteadores para as suas vidas (Lipovetsky, 2007). Além disso, o triunfo e a consolidação do capitalismo ao longo dos séculos XX e XXI contribuíram para promover a ideia de que uma vida com qualidade é aquela que depende de uma condição financeira de abundância, através da qual se pode ter acesso aos diversos bens de consumo propagandeados pelo *marketing* globalizado.

A partir desse cenário, muitos autores criticam a tendência predominantemente mercadológica das ofertas de atividades de lazer que estimulam padrões condicionados de comportamento, emprestando às atividades aparências e sensações que incitam o frenesi de consumo da lógica capitalista sem, contudo, satisfazer plenamente as pessoas (Mascarenhas, 2005). Essa insatisfação, considerada típica da hipermodernidade, encontraria origem em parte na efemeridade deste consumismo, em sua superficialidade e em sua massificação, que deixariam de lado as demandas pessoais de cada sujeito e de cada cultura, demandas estas que estão relacionadas com a busca de um sentido mais profundo e duradouro para a existência.

Lipovetsky (2007) aponta que o mundo hipermoderno mercantiliza, coisifica e empobrece o tempo livre de sentido, traduzindo-o muitas vezes como uma possibilidade de diversão superficial. Na sociedade hipermoderna, as propagandas veiculam mensagens ofertando a promessa de experiências cada vez melhores e mais gratificantes para o tempo livre, experiências nas quais o novo é exaltado e o antigo é considerado obsoleto e de pouco ou nenhum valor. Sobre a transitoriedade das relações e do culto ao novo e ao provisório, Bauman (2001, 2007) reflete que a contemporaneidade é líquida, ou seja, ordenada e vivida a partir da lógica do descartável e da efemeridade dos objetos e dos laços sociais.

Entre outros aspectos, portanto, tem-se uma sociedade global constituída por valores voláteis, relações efêmeras e pela busca constante da individualidade, da autonomia e da identidade, características de uma modernidade tardia. Segundo o autor, a vida líquida da contemporaneidade é balizada principalmente pelos ideais de consumo e pela lógica de um liberalismo extremo que atomiza os sujeitos, tornando-os responsáveis exclusivos pelo próprio desempenho e pela própria felicidade. Nessa busca incessante pela melhor performance, os objetos de consumo, assim como as relações pessoais, devem ser prontamente substituídos por outros melhores e mais atualizados (Bauman, 2001).

Nessa conjuntura, o indivíduo contemporâneo encontra no fenômeno do descarte uma maneira de suprir suas necessidades imediatas, renovando constantemente seus próprios desejos e abandonando o projeto da construção de uma identidade sólida, duradoura. Esse indivíduo busca no consumo, na fruição instantânea, o prazer que ele julga necessário para atribuir sentido a sua existência (Bauman, 2007). O duradouro, portanto, é arriscado em um ambiente que cultiva o senso de utilitarismo acima de tudo, onde as relações e os objetos constantemente são atualizados para exibir ou fornecer uma performance melhor.

Dado o seu caráter pragmático, acelerado e efêmero, a sociedade hipermoderna e líquida considera desnecessário tudo o que escapa aos modelos do utilitarismo por ela estabelecidos. Valoriza-se o consumo pelo prazer imediato que ele proporciona e pelo *status* que determinados produtos do mercado conferem a quem os possui, e desvaloriza-se os bens, as experiências e as relações que não servem a um propósito utilitário claro, socialmente estabelecido pela sociedade do desempenho (Ordine, 2013). Nesse cenário, o trabalho é reconhecido como elemento central na vida do indivíduo, pois é através dele que se pode adquirir tudo o que a cultura ocidental capitalista oferta como indispensável para uma vida com qualidade (Bauman, 2007; Lipovetsky, 2007). Há a valorização da

posse em detrimento do cultivo de atributos de caráter, dado que o trabalho, o sistema educacional e as relações sociais – eixos centrais da vida em sociedade – se transformaram em produtos do mercado (Aquino & Martins, 2007).

Configura-se inútil na cultura contemporânea hipermoderna e líquida, portanto, toda atividade que não proporciona ganhos materiais claros e que não serve a um propósito vantajoso bem definido. Ler pelo prazer de ler, ir ao cinema ou viajar, por exemplo, são atividades imediatamente enquadradas como lazer, adquirindo um significado superficial de intervalo para se poder recuperar as energias esgotadas pelo trabalho. Assim, as atividades praticadas pela experiência de desfrute que proporcionam são empobrecidas de sentido pela lógica utilitária do consumo, que vê no tempo livre uma possibilidade de promoção de produtos voltados para um prazer volátil.

Como dissemos na introdução deste trabalho, o leitor comprometido com a prática da leitura sinaliza uma apropriação temporal própria para que os textos reverberem em seu campo experiencial, fomentando elaborações simbólicas diversas derivadas desse encontro (Cabral, 2006). Comumente se fala que, ao ler um texto atentamente, o leitor cria uma espécie de redoma de vidro ao redor de si, através da qual nenhuma grande perturbação exterior penetra, mesmo que ele esteja em ambientes cheios de estímulos. Essa imagem do leitor interessado pode parecer por demais romântica, mas ela é útil para nos fornecer o indício de que a leitura, seja ela qual for, seja de um texto informativo ou de um romance, necessita de um olhar cuidadoso por parte de quem lê – um olhar receptivo que proporciona uma abertura através da qual o material lido pode reverberar no mundo subjetivo e, claro, pessoal do leitor, transformando-o verdadeiramente (Freire, 2008).

O que se quer dizer com isso é que esse tipo de relação entre leitor e texto não é apressada. Não é superficial e muito menos descartável. Ainda que, em tempos contemporâneos, seja possível ler uma quantidade enorme de textos por obrigação todos os dias, a leitura que modifica o leitor deve ser considerada aquela que é perpassada pela noção de experiência, e a experiência encontra possíveis estofos onde houver interesse e motivação intrínseca – ou onde houver uma abertura, mesmo que mínima, ao diferente, à alteridade (Almeida, 2014; Larrosa, 2003).

2.2 O envelhecer na contemporaneidade

É cada vez mais notável a relevância do idoso no plano social contemporâneo. Com o crescente envelhecimento da população mundial desde o século XX, a OMS considerou relevante adotar medidas de pesquisa e estudo sobre essa faixa etária, denominando, como já dissemos, de “A Era do Envelhecimento” o período entre os anos 1975 e 2025 (OMS, 2005). Esse notável aumento da população idosa desde o século passado tem propiciado a ocasião adequada para a pesquisa e a aplicação de políticas que forneçam suporte a esse fenômeno, já considerado por muitos países como uma questão de suma relevância pública e de saúde (Herédia, Cortelletti, & Casara, 2009).

Atualmente, cada país adota critérios particulares para definir o que seja uma pessoa idosa. De modo geral, de acordo com a OMS, pode ser considerado idoso o sujeito com 60 anos de idade ou mais nos países em desenvolvimento, e o sujeito com 65 anos ou mais nos países desenvolvidos (OMS, 2005). No Brasil, idoso é o sujeito com idade igual ou superior a 60 anos (Brasil, 2003), e a população do país enquadrada nesta faixa etária tem crescido constantemente em número, ao passo que sua expectativa de vida

também tem aumentado (OMS, 2005). O IBGE aponta que aproximadamente 29,3 milhões de brasileiros têm 60 anos de idade ou mais, o dobro do que havia sido registrado em 1991 (IBGE, 2015). Ainda de acordo com este relatório, projeta-se que em 2030 o grupo de brasileiros acima dos 60 anos será maior do que o grupo de crianças com até 14 anos de idade no País – e que, em 2055, a população total de idosos será maior do que a de crianças e jovens com até 29 anos (IBGE, 2015).

Tais dados, que apontam para o crescente envelhecimento da população brasileira, conferem ao Brasil o status de “País Ancião”, condição que deve mobilizar a estrutura da sociedade para a acomodação e o apoio às pessoas desta faixa etária específica, obedecendo à realidade do contexto brasileiro (Rolim & Forti, 2009). Embora o número de publicações científicas sobre esta fase do ciclo vital tenha crescido nas últimas duas décadas de forma expressiva, principalmente dentro do campo da Saúde, alguns autores consideram que atualmente ainda há pouco interesse do senso comum no fenômeno do envelhecimento, principalmente por conta de alguns estereótipos que são associados insistentemente a essa faixa etária (Bezerra, Almeida, & Nóbrega-Therrien, 2012).

A Constituição de 1988 garante e regulamenta os direitos dos idosos no Brasil, operando através da Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS) – Lei 8.742/93 – e da Política Nacional do Idoso – Lei 8.842/94. Fundamentalmente, estes documentos têm o propósito de assegurar os direitos da pessoa idosa no país, garantindo sua inclusão na sociedade e fomentando as condições sociais para que os idosos cultivem sua autonomia (Benedetti, Gonçalves, & Mota, 2007). Alguns autores, contudo, enfatizam o caráter excessivamente assistencialista destas leis, afirmando que elas pouco contribuem para efetivar nas práticas sociais os direitos da pessoa idosa, além de serem pouco fiscalizadas (Fernandes & Santos, 2007).

Em outubro de 2003, a legislação brasileira contou com a promulgação do Estatuto do Idoso, constituindo uma base sólida para a promoção de políticas públicas e sociais voltadas a essa faixa etária. O Estatuto do Idoso estabelece e regula as garantias fundamentais da pessoa idosa no Brasil – identificada no documento como aquela que possui 60 anos de idade ou mais – e assegura a prioridade e o cuidado no tocante à saúde, à educação, ao trabalho, ao lazer e à cidadania do idoso, dentre outros aspectos (Brasil, 2003).

Os idosos representam hoje 11% da população do Brasil. Fatores como a taxa de fecundidade abaixo do nível de reposição populacional, além dos avanços da tecnologia, especialmente na área da saúde, fazem com que os idosos ocupem cada vez mais um espaço significativo na sociedade brasileira (IBGE, 2015). Por essa razão, órgãos públicos de saúde do país têm alertado para a necessidade de se adotarem políticas bem estruturadas de assistência ao idoso (Silva, Lima, & Galhardoni, 2010).

Muitos dos estereótipos ligados aos idosos estão relacionados a uma compreensão equivocada do envelhecimento e da velhice, associando-os à decrepitude e à improdutividade por considerar apenas o plano biológico do processo de envelhecer (Whitaker, 2007). No Brasil, o olhar sobre o fenômeno do envelhecimento ainda é influenciado por associações negativas como essas, relacionadas ao isolamento, à violência, ao abandono e à exploração do idoso no país – malgrado os progressos de políticas públicas direcionadas para o bem-estar físico e social dos idosos, da ampliação da rede assistencial, dos cuidados em saúde e da conscientização da população visando o respeito para com as pessoas dessa faixa etária (Herédia et al., 2009). Por isso, afigura-se fundamental no contexto brasileiro a mudança de representação e de atitude da população sobre o envelhecimento e a velhice, encorajando-se até mesmo a conscientização do próprio idoso em relação aos seus direitos e às suas potencialidades.

De modo geral, tornar-se velho se afigura como um processo alusivo às particularidades de cada um. Em algum momento de sua história, o sujeito começa a se perceber em processo de envelhecimento, seja por constatação própria – o corpo que envelhece em frente ao espelho, as experiências que se acumulam, o vigor que começa a decair em situações específicas –, seja pelo olhar da sociedade – ser incluído em definições oficiais e leis, ter garantias ou um assento cedido dentro do ônibus –, e essas situações são interpretadas como um fenômeno amplo que está levando este sujeito em direção à condição iminente de idoso propriamente dito (Francileudo, Rocha, Brasileiro, Lima, & Martins, 2017). Isso suscita a questão de que “envelhecimento” e “velhice” não são a mesma coisa: enquanto o primeiro diz respeito a um processo em que a percepção do sujeito sobre o próprio corpo e sobre a própria história começa a levá-lo à noção de que ele está atravessando um estado social e cronológico em direção a outro, o termo “velhice” diz da condição do sujeito que já se percebe (ou já é percebido) nesse segundo estado (Barbieri, 2003; Francileudo et al., 2017).

No plano subjetivo, que leva em consideração a vivência de cada um dentro da esfera das convenções sociais, o processo de envelhecimento e a idade em que começa a velhice não são momentos cronológicos claramente delimitados e universais; afinal, lidamos de maneiras diferentes com o tempo e com os rótulos impostos, e é essa singularidade que demarca a maneira como cada sujeito se percebe em envelhecimento ou já idoso (Barbieri, 2003; Martins, 2017).

Do ponto de vista biológico, o envelhecimento é considerado um processo inerente à condição da vida humana, consolidando-se como um estágio natural do corpo; dos pontos de vista subjetivo e sociológico, por outro lado, ele se configura muito particular, pois condiciona e é influenciado pela rede de relações, memórias e experiências vividas pelo sujeito na esfera pessoal e coletiva (Bosi, 2003; Correa, 2009). Em outras palavras,

o envelhecer compreende as variáveis naturais do organismo humano – como o próprio envelhecimento das células –, bem como as histórias de vida de cada um – o que inclui condutas, oportunidades e influências de contextos culturais. É essa heterogeneidade de fatores que influencia a maneira como o sujeito idoso, ou em processo de envelhecimento, apreende e significa a própria condição para a sociedade e para si mesmo (Bosi, 2003; Vilhena, Novaes, & Rosa, 2014).

Por essa perspectiva, torna-se evidente que as pessoas não envelhecem da mesma maneira nem lidam com as mesmas condições durante seu processo de envelhecimento ou na própria velhice. O envelhecer é um fenômeno atravessado em grande medida pela volição humana, de modo que ele está, inevitavelmente, alicerçado nas experiências dos sujeitos, nos seus desejos e na elaboração que estes sujeitos fazem de aspectos da cultura – forjando, assim, experiências próprias e ao mesmo tempo atualizadas pelo contexto social que discursa sobre a velhice (Bosi, 1994, 2003; Correa, 2009).

Sabe-se que na hipermodernidade, em que atributos como beleza física, juventude, autonomia, consumo e produtividade são valorizados em grande escala, o processo de envelhecimento é mal visto pelo corpo social, o que leva à consequente marginalização do idoso por causa do apelo negativo que sua imagem evoca (Moreira & Nogueira, 2008). Assim, associado constantemente à morte, à apatia e à dependência, o fato de envelhecer costuma gerar repulsa na sociedade contemporânea, o que prejudica o acolhimento do idoso em seu seio e ergue obstáculos para o entendimento das experiências diversas que envolvem esse momento da vida (Bosi, 2003). Não por acaso, as indústrias farmacológica e cosmética investem vultuosas quantidades de dinheiro e outros recursos em produtos que prometem retardar o processo de envelhecimento, ou disfarçá-lo, o que leva à tendência de crer que o padrão de beleza continua sendo o do corpo jovem e viçoso (Whitaker, 2007).

Em sua obra de referência sobre a velhice, Beauvoir (1990) já enfatizava a marginalização social do idoso por uma sociedade que via nos mais velhos um estorvo e um impeditivo de progresso, denunciando a realidade europeia da primeira metade do século XX. A partir dessa perspectiva histórica, segundo Brum (2014), o idoso situado no contexto da modernidade em processo de industrialização que não participava das atividades laborais (do mercado de trabalho) era visto como empecilho e carregava todo um estigma negativo que lhe conferia o status de improdutivo.

Esse olhar negativo sobre o idoso e o envelhecimento, no entanto, tem mudado, ainda que permaneçam vestígios da visão pejorativa histórica sobre essa faixa etária, principalmente no mundo ocidental. De início relacionada a um ônus social e à aproximação da morte (em especial nos períodos de industrialização da modernidade e do advento do capitalismo), a representação sobre o idoso se modificou nas últimas décadas, a partir de numerosas pesquisas realizadas em todo o mundo, o que contribuiu para superar em parte esses estereótipos (Lima, 2015).

No Brasil, atualmente, os idosos constituem um público que tem considerável participação no âmbito social e econômico, constituindo inclusive um nicho particular de consumo para o qual muitas atividades de lazer são planejadas e oferecidas, por exemplo. Essa tendência de mercado abre as portas para uma percepção diferenciada do sujeito idoso na contemporaneidade, revelando-o como alguém que possui desejos e que busca o prazer e a satisfação pessoal (Queiroz, 2017).

É preciso reiterar, no entanto, que muitos dos serviços e produtos oferecidos ao idoso revelam a preocupação de se conter os sinais de envelhecimento, seja pela ocultação do corpo velho, seja pela tentativa de aproximar o sujeito idoso das referências da jovialidade. Essa aparente necessidade de associar a velhice à jovialidade é inclusive encorajada pela mídia, que não se furta de apresentar o modelo ideal de idoso como aquele que

possui o corpo atlético e saudável e que é conectado aos *gadgets* tecnológicos mais recentes do mundo acelerado hipermoderno. Para alguns autores, determinados atributos da hipermodernidade – que valoriza o novo e descarta o velho – impõem essa necessidade de rejuvenescimento do idoso, levando-o a se afastar da conscientização do seu envelhecimento e a abraçar causas e desejos que podem não corresponder aos seus (Altman, 2011; Brum, 2014).

Quando não consegue acompanhar o ritmo impositivo das novidades ou quando prescinde de ocultar os sinais de sua própria velhice, o idoso muitas vezes adota um estilo de vida que o mantém isolado social e emocionalmente das pessoas de idades diferentes da sua (Altman, 2011). A falta desse suporte social é muitas vezes considerada pela literatura especializada como algo nocivo, pois, privado da compreensão e da aceitação de pessoas das gerações anteriores à sua, o idoso acaba por se sentir vulnerável física e mentalmente e ultrapassado pelo curso do tempo – e, com a sensação de ter se tornado obsoleto, vem a sensação de ter se tornado inútil e desinteressante (Araújo, 2010; Assis & Amaral, 2010). É por esse motivo que Altman (2011) afirma categoricamente que o processo de envelhecimento envolve – como qualquer etapa do ciclo vital – uma constante adaptação social que leva em consideração tanto a expectativa dos outros quanto a percepção que o próprio idoso tem de si e de seu envelhecer.

3 A VELHICE SOB UMA PERSPECTIVA POSITIVA

Como já mencionamos, as formas de interpretar e representar a velhice e o processo de envelhecimento variam de acordo com o contexto histórico, cultural, social e econômico em questão. Muitos estudiosos têm contribuído para lançar luz sobre as diversas maneiras com que esta fase do ciclo vital fora considerada ao longo da história da

humanidade, enfatizando repetidamente que a velhice mesma não é constituída senão pelas suas múltiplas interpretações e representações na trama dos discursos sociais, sem as quais a própria noção de sujeito idoso não existiria (Vilhena et al., 2014). De modo geral, o que estes autores nos revelam é que ser idoso e viver a velhice não pode jamais ser considerado um fenômeno homogêneo, igual para todos os sujeitos, em todas as épocas e em todos os contextos. Naturalmente, a velhice e o envelhecimento frutos de cada momento histórico e social carregam as suas especificidades e assumem perspectivas valorativas distintas.

Este capítulo não tem a pretensão de discorrer sobre as interpretações e representações da velhice ao longo da história nos seus mais variados contextos – esta empreitada extrapolaria os objetivos deste estudo pela atenção e pelo espaço enormes que demandaria. Em vez disso, interessa-nos comentar aqui que esta fase do ciclo vital, considerada um estorvo principalmente desde a Revolução Industrial até meados da segunda metade do século XX, tem sido observada e avaliada agora – no começo do século XXI – a partir das potencialidades ela que convoca para uma vida digna e com sentido, ou seja, a partir de uma perspectiva positiva de desenvolvimento humano (Cuenca, 2017; Martins, 2017; Silva et al., 2010). Estudiosos de diversas áreas do conhecimento, dentre elas a Medicina, a Psicologia e a Filosofia, buscam salientar o caráter ativo e positivo da velhice, alterando a noção equivocada e amplamente aceita até então de que o idoso estaria fadado a uma existência improdutiva e sofrível, de predominante declínio biológico e psíquico (Luz & AmatuZZi, 2008).

Cuenca (2017, 2018) e Silva et al. (2010) são muito claros quando afirmam que é um erro considerar a velhice apenas do ponto de vista biológico, ou seja, da debilidade progressiva e manifesta de certas funções do corpo. É preciso ponderar que a velhice e o

envelhecimento envolvem também o plano psicológico, ou subjetivo, sem o qual é impossível considerar a experiência do sujeito idoso de modo mais amplo. É justamente esse plano que diz respeito ao modo como cada um vive sua velhice, significa suas atividades e elabora as representações sociais acerca de sua condição de idoso, atribuindo-lhes sentido. Ainda que esse campo subjetivo esteja atrelado às percepções concretas sobre o próprio corpo e sobre a maneira como ele é afetado pelo tempo, é na dimensão psicológica – no campo da experiência – que o real pode ser simbolizado e apropriado, proporcionando um espaço de desenvolvimento de si durante esta fase da vida (Martins, 2017).

Perspectivas mais negativas sobre o processo de envelhecer – e sobretudo sobre a própria velhice – historicamente levam em consideração apenas a dimensão biológica desta etapa do ciclo vital: o enrugamento da pele, a diminuição da estatura, a atrofia dos órgãos e dos músculos, a lentidão do metabolismo e a degeneração dos sentidos, por exemplo (Baltes & Smith, 2006; Moreira & Nogueira, 2008). Na modernidade que seguia na esteira da Revolução Industrial e na lógica do Iluminismo, o idoso constituía um empecilho para a vida pública, pois era improdutivo do ponto de vista capitalista (laboral) e representava a aproximação da morte, ou das trevas, em uma imagem oposta à da razão como viço e luz, típica da moral iluminista.

O que a perspectiva positiva acerca da velhice e do envelhecimento traz à tona é precisamente a relevância da dimensão psicológica para o sujeito que atravessa esta etapa da vida. Sob a ótica da experiência subjetiva como estofo afetivo e implicativo do sujeito, o fenômeno de tornar-se velho pode adquirir sentidos e significados que são parte constituinte do idoso; assim, atividades desenvolvidas pelo sujeito podem representar maneiras diferentes de se afirmar e de se presentificar no mundo, por exemplo. Cuenca (2017) considera inclusive que a experiência de um envelhecimento satisfatório – e aqui se fala da elaboração pessoal de cada um sobre a condição de ser idoso e da capacidade de se

extrair potência das atividades cotidianas – pode sobrepujar mesmo as dificuldades provocadas pelo declínio natural do corpo percebido no plano biológico. Em outras palavras, o bem-estar resultante de um processo de apropriação contínua de si e de atualização das próprias capacidades pode contribuir substancialmente para a qualidade de vida do sujeito idoso ou em envelhecimento, fazendo-o reconsiderar inclusive a questão da suposta obsolescência do seu corpo (Cuenca, 2017).

Por colocar em relevância a dimensão subjetiva envolvida na velhice, ou no processo de envelhecimento, esta perspectiva enfatiza que a qualidade de vida é uma variável relativa, estritamente dependente – não somente, mas também – da interpretação e do sentido que o sujeito atribui aos eventos circundantes, às atividades desenvolvidas e à sua própria condição. No âmbito dos estudos sobre a velhice, a chamada “boa qualidade de vida” tem sido constantemente relacionada pelos próprios idosos a fatores como independência e lucidez, pois permitem o desenvolvimento de atividades relacionadas aos interesses de cada sujeito que atravessa esta etapa do ciclo vital, proporcionando-lhe uma experiência própria de afirmação de si (Sousa, Galante, & Figueiredo, 2003; Vasconcelos, 2015).

Ao considerarmos o plano subjetivo da pessoa que envelhece, pensamos ser conveniente abordar alguns termos que estão diretamente relacionadas ao modo como o sujeito pode se apropriar de si no contexto da contemporaneidade, em tempos de excesso de trabalho e escassez de tempo. Esses termos – *tempo livre*, *experiência* e *ócio* – foram selecionados para esta discussão porque nos remetem a conceitos e noções que dialogam com certas possibilidades de desenvolvimento humano dentro do âmbito subjetivo, sublinhando uma postura ativa de busca pelo contato com o próprio sentido no cotidiano, de modo particular, e na vida, de modo geral, condizente com a perspectiva de um envelhecimento satisfatório (Cuenca, 2017, 2018).

3.1 Reflexões sobre um conceito de tempo livre

Segundo Cuenca (2018), um envelhecimento com qualidade depende de uma série de elementos que afetam a experiência do sujeito – o meio físico e social, as ações individuais e coletivas, a situação financeira, a cultura etc. – e, dentre eles, encontram-se os valores outorgados ao tempo, quer dizer, às suas potencialidades e às capacidades do próprio sujeito de usufruir das experiências vividas no tempo.

A inquietação contemporânea com o tempo advém principalmente de nossa preocupação em sermos sempre produtivos do modo mais acelerado possível, o que denota, em grande medida, o culto à performance e à eficiência em uma sociedade que centraliza o trabalho como principal atividade humana (Aquino & Martins, 2007). Contribuindo mais para a formação da identidade do sujeito do que qualquer outra atividade formal desempenhada, o trabalho moderno se revestiu de uma imagem “sacralizada” dentro do sistema capitalista graças à crença liberal e protestante de que, trabalhando, o homem dá sua principal contribuição para a vida em sociedade e sedimenta seu lugar entre seus pares (Wolff, 2012). Nesse sentido, se por um lado o tempo livre é desejado na contemporaneidade – afinal, parece necessário ter um tempo para si a fim de se dedicar aos interesses próprios, alheios à imposição do trabalho –, por outro ele é temido – o que se julga de uma pessoa que possui mais tempo disponível para si e menos tempo dedicado ao que se denomina como trabalho?

É preciso sublinhar, no entanto, que a perspectiva subjetiva de tempo livre resguarda diferenças significativas com a ideia sociológica de tempo liberado das atividades laborais. Ao longo da segunda metade do século XX, diversos teóricos da sociologia do trabalho, no Brasil, contribuíram para enfatizar o tempo liberado das atividades laborais como uma conquista social pautada no direito do cidadão de possuir uma parcela do dia

para uso pessoal, seja para o descanso, para o entretenimento ou para o desenvolvimento de capacidades e habilidades outras (Dumazedier, 1979; Marcellino, 1983). Esse tempo liberado – que é mensurável, concreto, recortado da totalidade das horas do dia – se tornou o principal palco da emergência das atividades de lazer modernas, as quais só poderiam ser praticadas nos dias de descanso, e para as quais era necessário certo poder aquisitivo conquistado por meio do trabalho (Aquino & Martins, 2007). Essas condições conferem ao lazer um caráter apenas parcialmente livre, uma vez que expressam a noção de que as atividades de lazer são, apesar de resultado de uma aparente livre escolha, determinadas por uma série de fatores socioeconômicos que viabilizam ou impedem o acesso a tais atividades.

A noção de tempo liberado remete, portanto, a uma ideia de tempo essencialmente fragmentária, mensurável e objetiva; o tempo liberado do trabalho, nesse caso, é identificado e nomeado com base em outro conceito, o de tempo de trabalho, também objetivo, mensurável e fragmentário. Para que haja um tempo liberado, é necessário que ele seja liberado *de algo*, e nessa lógica reside o caráter impositivo da atividade laborativa (Aquino & Martins, 2007).

Assim considerados, esses raciocínios nos levam a algumas reflexões interessantes. A primeira delas é que a liberdade, aqui tomada como uma experiência temporal, não pode ser experimentada durante a jornada de trabalho, pois esta última expressa o caráter mais ou menos impositivo da atividade laboral que o sujeito toma como obrigatória e alheia a ele – a liberdade de fato só pode ser exercida, assim, no tempo de *não* trabalho, quando o sujeito passa a se dedicar a si. A segunda reflexão deriva da primeira: a liberdade de se constituir como sujeito que age e reflete em prol de seus interesses, de suas paixões e de suas aptidões é cerceada pelo caráter alienante da produção capitalista (Aquino & Martins, 2007).

A esse propósito, não foi por acaso que a expressão “tempo livre” tornou-se sinônima de “tempo liberado” e passou a se referir ao tempo subtraído das atividades de trabalho. Pois ela carrega um termo que se volta para a ideia de liberação – “livre” –, o que faz pressupor a noção de que há um outro tempo em que prevalece algo imposto maior que a vontade íntima do sujeito. Afinal, dizemos repetidamente “Estou sem muito tempo livre” quando queremos enfatizar a grande quantidade de ocupações a que estamos submetidos em um determinado momento de nossas vidas ou do nosso cotidiano, deixando-nos sem tempo para nos dedicarmos aos nossos interesses.

Porém, autores como Munnè (1980) sublinham que a noção de tempo livre reside essencialmente não no âmbito cronológico, mas no âmbito subjetivo: o tempo livre não pode ser mensurado, pois diz da experiência que cada sujeito convoca para si em sua relação com o tempo e com as atividades que desenvolve no seu dia-a-dia. Nessa reflexão está a diferença entre “tempo livre” e “tempo liberado” que alguns autores contemporâneos propõem (Aquino & Martins, 2007; Cuenca, 2016; Rhoden, Martins, & Pinheiro, 2013). O qualificativo “livre” é constantemente confundido com a mera ação no senso comum, mas, em Munnè (1980), ele implica sobretudo uma dimensão em que o sujeito conduz com máxima nitidez possível a sua vida pessoal e social através de atividades autocondicionadas – ou seja, iniciadas, mantidas e finalizadas com a percepção de liberdade para iniciá-las, mantê-las e finalizá-las. Fala-se do tempo livre de Munnè com base nessa experiência temporal de autocondicionamento, e não como um tempo objetivo residual, tal como o tempo liberado do trabalho. Assim, o tempo livre é definido por ele mesmo, pela sua qualidade subjetiva de percepção de liberdade no que se produz e no que se vive; não é, portanto, um tempo que se define em contraponto a outro (Tinsley & Tinsley, 1986).

O conceito de tempo livre proposto por Munnè (1980) retira do tempo o peso exclusivo de sua materialidade e o coloca sob o prisma da experiência apropriada pelo sujeito, ainda que o enfoque do autor seja sociológico, e não psicológico. Nesse caso, o tempo livre não pode ser mensurado pelo relógio: ele é apreendido enquanto potência para se agir em prol de si, sem o objetivo de satisfazer uma necessidade externa alheia aos interesses daquele que age. Aqui, o tempo livre se configura como livre porque dele decorre uma experiência de liberdade individual no fazer e no pensar: no contato do sujeito consigo, com suas necessidades criativas, com suas paixões e com seus questionamentos íntimos, pessoais (Cuenca, 2008; Francileudo, 2013).

É frequente a associação entre velhice e aposentadoria (Fernandes, 2016), de onde se conclui geralmente que, após uma vida inteira de trabalho dedicado à sociedade, o idoso tem o direito de possuir um tempo no qual poderá se voltar inteiramente a si e às atividades que lhe dão prazer. Não obstante, convém ressaltar que, a partir de uma perspectiva subjetiva do processo de envelhecimento e da velhice, a mera disponibilidade do tempo cronológico não é suficiente para definir uma vivência satisfatória. É preciso levar em consideração a necessidade de se adotar estratégias pessoais para um estilo de vida mais autocondicionado, de acordo com a terminologia adotada por Munnè (1980), em que a temporalidade se percebe como de fato livre, e não apenas disponível.

Na esteira desse pensamento, variados autores sublinham que a idade da velhice coincide com esse movimento de se voltar para si, em que se pratica e se realiza atividades que satisfaçam os próprios interesses; após a jornada de uma vida inteira dedicada ao trabalho e à família, o idoso sente que é tempo de viver experiências a seu modo, no seu ritmo, que digam respeito majoritariamente à sua concepção de satisfação de vida (Cuenca, 2017; Martins, 2017; Queiroz, 2017). Coopera para esta percepção de liberdade o tempo advindo da aposentadoria, que fornece ao idoso a disponibilidade de um tempo

antes dedicado às atividades laborais. No entanto, vale frisar, a experiência de liberdade se deve a uma postura de interpretação do sujeito diante dos acontecimentos e dos afazeres de sua vida, e não apenas do mero tempo liberado das obrigações.

Portanto, pode-se dizer que o envelhecimento satisfatório diz respeito ao engajarse de maneira significativa no tempo percebido como livre, explorando possibilidades que promovam o desenvolvimento humano e o bem-estar individual e social nesta fase da vida (Cuenca, 2017; Monteagudo, Cuenca, Bayón, & Kleiber, 2013). Nesse caso, não se trata apenas de fruir o tempo liberado do trabalho ou de alguma obrigação; trata-se de se envolver em uma atividade – ou em um conjunto de atividades cotidianas – de tal modo que a experiência advinda deste envolvimento dê ao sujeito a percepção de que seu tempo lhe pertence e é por ele apreendido satisfatoriamente, o que contribui para uma vida digna, com sentido e com qualidade. Por essa razão, o conceito de envelhecimento satisfatório dialoga estritamente com os conceitos de experiência e ócio (Cuenca, 2018).

3.2 Envelhecimento satisfatório: foco em experiência e ócio

Discorrer sobre o tempo livre enquanto apropriação subjetiva do tempo nos leva à necessidade de comentar o conceito de experiência segundo a visão de Larrosa (2002), fundamental para que se compreenda a proposta de um desenvolvimento de si fruto do contato passional e interessado com o mundo e da experiência de liberdade no tempo.

Larrosa (2002) se ocupa em definir o conceito de experiência partindo do significado de *experiri*, palavra em latim que remete a “provar” ou “experimentar”, o que afirma a condição de que a experiência ocorre quando há um encontro com algo que se prova ou experimenta – ou seja, um contato com o diferente, com o novo. O radical *periri*, por sua vez, remete à ideia de perigo, ou risco, sendo encontrado também em *periculum*. Já a raiz

indo-europeia da palavra, *per*, relaciona-se à noção de travessia, viagem ou passagem. Portanto, a experiência convoca o lançar-se do sujeito a uma série de provações, “degustações” ou experimentações que incluem o perigo de ser confrontado com realidades e verdades diferentes das suas, explorando um mundo incerto e desconhecido a partir do qual ele pode construir uma sabedoria para si a partir deste contato com o inédito (Larrosa, 2002, 2003).

O sujeito aberto à experiência é o sujeito que “se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova [ou provando, experimentando] e buscando no encontro sua oportunidade, sua ocasião para transformar-se” (Larrosa, 2002, p. 25). Muito mais do que o acúmulo de informações ou atividades, o sujeito da experiência busca a potência transformadora daquilo que chega a ele, estando atento, assim, ao modo como a vida ao redor interfere em seu mundo subjetivo. O tempo, nesse sentido, é o tecido em que as experiências podem ocorrer, e as atividades, o balizador concreto dessas experiências.

A ênfase de autores como Cuenca (2017, 2018) na qualidade das experiências para um envelhecimento satisfatório reside precisamente na importância que o plano subjetivo tem para a promoção de uma vida digna e com potencial de desenvolvimento dentro das capacidades e condições do sujeito idoso. A experiência tem um papel central, portanto, para que uma velhice possa ser relatada como satisfatória ou não; nas palavras de Schneider e Irigaray (2008), envelhecer é uma experiência subjetiva que pode ser boa e má ao mesmo tempo, inclusive. O sentido e o significado que o idoso atribui a esta ocorrência natural da vida são, sem dúvida, influenciados pelas condições do meio externo e pelo histórico individual, mas a experiência pessoal que cada um vive e interpreta é uma das principais fontes para que o indivíduo possa dizer algo sobre sua velhice.

A experiência que atravessa a velhice, portanto, envolve componentes emocionais individuais e fatores externos ligados às contingências do ambiente; a relação entre ambos é o que nos leva a supor um processo de envelhecimento mais ou menos satisfatório, a partir do que o próprio sujeito relata (Cuenca, 2018; Xavier, Ferraz, Marc, Escosteguy, & Moriguchi, 2003). Vale destacar que esta relação implica sempre a consideração de aspectos culturais e pessoais. Por exemplo: se por um lado há o imperativo do corpo que envelhece e é mal visto em uma sociedade que valoriza a juventude e a beleza, há também, por outro lado, a implicação pessoal do sujeito idoso em afirmar seu corpo como potência, a partir de suas necessidades e do que ele considera como passível de sentido para si. É por esse motivo que a perspectiva positiva do envelhecimento e da velhice convoca a dimensão subjetiva envolvida no processo. A vivência de uma velhice agradável coloca em pauta os recursos emocionais de que o sujeito dispõe para lidar com fatores estressantes das mais diversas naturezas, incluindo os característicos da própria velhice contemporânea (Cuenca, 2018).

Tomando como aporte o conceito de experiência de Larrosa (2002), pode-se dizer que a velhice, como o restante da vida, envolve uma aposta no incerto. As palavras “travessia” e “perigo”, embutidas no próprio termo “experiência” por meio dos radicais *per* e *periri*, evidenciam a ideia de que viver a experiência da velhice inclui reconhecer uma jornada e aceitar conscientemente seus riscos, assumindo desafios que podem estimular e desenvolver o sujeito idoso. À sociedade, cabe promover condições externas ideais para que tal experiência possa ser vivida com dignidade, proporcionando crescimento.

Ainda que a palavra “ócio” esteja associada no senso comum à ideia de nada fazer, tédio ou indolência, estudiosos contemporâneos consideram que, na verdade, o termo faz referência a um conceito que dialoga as noções de liberdade percebida, experiência satisfatória e motivação intrínseca (Aquino & Martins, 2007; Cuenca, 2016; Rhoden, 2009).

Revisando a origem etimológica da palavra “ócio” – *skolé*, que na Grécia Antiga se referia às ocupações suaves e prazerosas capazes de guiar o cidadão a uma postura íntegra, sábia e digna da vida em sociedade –, estes autores têm enfatizado que hoje este fenômeno subjetivo possibilita às pessoas um movimento de encontro consigo mesmas em meio ao turbilhão de atividades aceleradas e alienantes da contemporaneidade (Salis, 2013). Isso porque estar em ócio não significa estar mergulhado em apatia, abatido ou inativo, mas, pelo contrário, significa estar absorto em atividades que combinam o interesse pessoal do sujeito com uma paixão sensível pela experiência vivida, com percepção de liberdade e satisfação pelo que se faz ou se pensa.

Os autores citados anteriormente, dentre outros, consideram que o ócio pode aproximar os sujeitos de seus projetos existenciais mais íntimos, convocando a dimensão subjetiva de cada um para a realização de atividades que proporcionam bem-estar, liberdade e desenvolvimento de si (Aquino & Martins, 2007). Não por acaso, fala-se em *experiência* de ócio, pois é necessário enfatizar que o ócio reside não na atividade concreta, mas na experiência de interpretação, significação e elaboração de sentidos para aquilo que se está praticando ou realizando concretamente. Trabalhar, ler um livro de poemas ou simplesmente divagar são atividades que, por elas mesmas, não carregam nenhum significado ou sentido intrínseco, apenas aqueles atribuídos pelo próprio sujeito que as desenvolve.

Nesse sentido, o ócio integra a dimensão da liberdade subjetiva pelo modo como cada sujeito apreende os próprios valores atribuídos às diversas temporalidades que compõem a vida cotidiana. É por essa razão que ele está essencialmente ligado, conceitualmente falando, às noções de tempo livre subjetivo e experiência. Uma experiência de ócio é valiosa na medida em que aprimora o sujeito no âmbito de suas realizações subjetivas, enriquecendo a vida mental com atividades e vivências satisfatórias capazes de lhe fornecer mais perspectivas sobre a qualidade da própria existência (Cuenca, 2016). Nessas

circunstâncias, o tempo do ócio não pode ser mensurado, tampouco trata-se de um tempo residual: é um tempo livre, de liberdade subjetiva, capaz de canalizar a potência do agir consciente nas mais diversas circunstâncias. O que é experimentado e praticado em ócio não possui utilidade nenhuma fora do sujeito, dado que ele está voltado em essência ao que é do seu interesse pessoal, desenvolvendo a si mesmo e não atendendo a uma demanda externa; em outras palavras, em ócio o sujeito experimenta o máximo grau de autocondicionamento.

A noção de experiência de ócio tem sido considerada como necessária ao debate sobre o envelhecimento satisfatório na contemporaneidade (Martins, 2017). Experiências como as de ócio envolvem precisamente o que se configura essencial para um envelhecimento com qualidade: a satisfação com a vida, a realização de atividades que convergem para interesses e desejos do idoso e a consciência de assumir riscos e enfrentá-los, contemplando o que a existência possui de fundamentalmente humana: o voltar-se para si e para as possibilidades do fazer em um tempo apropriado subjetivamente. Disso é possível extrair a sabedoria que leva a um autoconhecimento e à potência do ser temperado pela ética do cuidado consigo e com os outros, segundo Salis (2004), o que pode conferir dignidade e qualidade de vida à velhice.

O envelhecimento satisfatório implica, assim, a postura de se comprometer ativamente consigo e com as experiências significativas derivadas do engajamento consciente nas próprias atividades e no mundo ao redor do idoso. Pode-se dizer, portanto, que o elemento primordial do envelhecimento satisfatório não é a *ação*, não é o simplesmente manter-se em movimento, ocupado com alguma atividade: é o que o sujeito idoso extrai de sua experiência em ócio no tempo tomado como de liberdade para ele. Por essa razão, envelhecer satisfatoriamente não pode ser considerado um fenômeno que se dá ao acaso: ele é fruto de um posicionamento consciente do sujeito em relação ao que ele faz e ao que

lhe acontece (Cuenca, 2017). Como toda experiência, aquela que acompanha o envelhecimento satisfatório se fundamenta no *saber* e no *sabor* do contato afetivo com o mundo; ela exige um sujeito preparado para o deixar-se afetar pelo que lhe atravessa, consciente das transformações de si e das potencialidades das ocasiões (Larrosa, 2002).

O termo “satisfatório”, aliás, está diretamente relacionado à sensação de prazer e plenitude que o idoso experimenta ao realizar algo repleto de sentido para si, o que, na sua concepção, claramente o fortalece em termos subjetivos (Queiroz, 2017). É preciso comentar que esta sensação não é pontual e não está atrelada apenas a atividades específicas: trata-se de uma sensação de satisfação duradoura, derivada muito mais da percepção de que se está apreendendo o tempo como um todo do que simplesmente aproveitando uma atividade interessante. É por esse motivo que o envelhecimento satisfatório não pode ser avaliado por uma única atividade ou por um único conjunto de atividades: é preciso aqui considerar a experiência global do tornar-se velho para o sujeito em questão, articulando essa experiência com o que se extrai, em termos subjetivos, das atividades que são desenvolvidas por esse sujeito.

Com ênfase na experiência, e não na atividade, o envelhecimento satisfatório nos fornece uma visão alternativa do que seja um “bom envelhecimento”, destacando a noção de que é essencial cultivar na velhice também a dimensão subjetiva do sujeito que atravessa esta fase da vida. Manter-se ocupado não parece apropriado se a ocupação em questão não dialoga com as necessidades, as paixões e os desejos mais prementes do idoso, contribuindo para a sua qualidade de vida. Muitas vezes, aliás, uma ocupação realizada sem interesse acarreta efeitos adversos para o praticante, contribuindo para o enfado, o cansaço e o tédio (Monteagudo et al., 2013). Essa noção é pertinente para projetos sociais que visam à assistência e ao cuidado ao idoso, pois é preciso atentar, nesses casos, para

os fins das atividades propostas para esse público, as motivações dos participantes e as condições disponíveis para a realização das atividades.

Através da apreensão subjetiva do tempo e da apropriação das potencialidades de si no cotidiano e nas atividades praticadas, o envelhecimento satisfatório incide diretamente sobre a saúde do idoso, promovendo bem-estar, relações sociais significativas e melhor autoconhecimento (Cuenca, 2017; Silva et al., 2010). Nesse contexto, o envelhecimento satisfatório atravessado pelo ócio convoca uma experiência significativa e ativa para o idoso implicado, contribuindo para a consolidação do sentimento de movimento no mundo e de pertencimento social vitais para esta fase da vida. Por essa razão, o conceito de experiência dialoga tão fortemente com o de envelhecimento satisfatório: quando se fala deste último, não se pode prescindir de abordar o viés qualitativo subjetivo de ser idoso e agir a partir dessa posição (Cuenca, 2018).

A relação entre experiência e envelhecimento satisfatório é inclusive mais clara quando se sublinha que a primeira diz respeito à imersão afetiva e consciente no acontecimento: ela contempla o contato significativo – do ponto de vista subjetivo – entre sujeito e redor, ou entre sujeito e atividade, o que colabora para que da situação surja possibilidades de desenvolvimento e satisfação duradouras. O que o conceito de envelhecimento satisfatório aborda, nesse caso, é precisamente o fato de que a dimensão temporal e as atividades concretas, quando percebidas como livres, podem lançar o sujeito idoso a identificar sentidos e significados a partir de experiências capazes de recriar e conferir novos sentidos à vida. Essa visão sobre o envelhecer é bastante pertinente se quisermos explorar as possibilidades subjetivas envolvidas em uma atividade praticada pelo idoso com potenciais ganhos de ordem não material – como pode ser o caso da prática da leitura.

4 SOBRE A LEITURA E O LEITOR

Um dos temas centrais desta dissertação é a leitura. Ao abordar os significados, as motivações e os benefícios da prática da leitura para leitores idosos, convém que esteja claro o que entendemos por leitura e, mais especificamente, por prática da leitura, baseando-nos em estudos acadêmicos que compõem as referências atuais no assunto. Dentro desse âmbito, configura-se pertinente explicitar também o conceito de leitor adotado neste estudo, uma vez que a literatura acadêmica que define esse termo é muito variada.

Vale ressaltar, contudo, que o tema da leitura é demasiadamente amplo para que se realize aqui um apanhado satisfatoriamente abrangente de todas as possibilidades de enfoque neste domínio. O intuito deste capítulo é apenas abordar, a partir de referenciais atuais e clássicos da literatura, proposições e aspectos históricos sobre a leitura que possam fornecer ao leitor deste trabalho uma compreensão introdutória à matéria, a fim de situá-lo nas discussões posteriores.

Além das definições apresentadas para os conceitos de leitura, prática da leitura e leitor, este capítulo menciona algumas das modalidades de leitura identificadas nos referenciais teóricos pesquisados e comenta um tipo específico de leitura – a leitura individual e silenciosa, modalidade investigada nas entrevistas com os sujeitos desta pesquisa.

4.1 Um conceito de leitura

Uma primeira aproximação teórica a este tema revela que há numerosas teorias e definições sobre o conceito de leitura, sobre o que representa o ato de ler e sobre como a leitura pode ser compreendida enquanto um processo cognitivo, social e afetivo particular aos seres humanos. “O que precisamente define uma atividade como leitura?”, “Quais são

os atributos cognitivos, sociais e experienciais envolvidos nessa atividade?” e “Que efeitos a leitura produz no leitor?” são algumas das perguntas recorrentes nesse campo de investigação. Neste tópico, interessa-nos situar o conceito geral e consensual de leitura, e para isso nos reportaremos a alguns dos processos que a compõem.

Afirmar que a leitura seja apenas a visualização de sinais gráficos e a consequente transformação cognitiva desses sinais nos seus respectivos conceitos já não basta; resumir a essa noção simplista seria ignorar as possibilidades subjetivas complexas que ela proporciona (Cabral, 2006). Toda leitura é, pelo menos, a leitura visual de um texto e a apreensão do conteúdo desse texto com base em algum aspecto da realidade do leitor. Essa relação faculta ao leitor uma capacidade interpretativa intrínseca ao ato da leitura, ainda que superficial e até ignorada por ele¹ (Lencastre, 2003). Por mais que o sujeito não tenha a leitura como prática frequente em seu cotidiano e por mais que ele ignore as consequências da leitura em seu próprio campo experiencial, ela gera, intrinsecamente, efeitos diversos em sua percepção e representação da realidade – e considerar este aspecto da leitura significa retirar dela um suposto caráter de atividade passiva, puramente física (Almeida, 2014).

Afirma-se usualmente que a atividade de leitura envolve a) a assimilação visual dos sinais gráficos, b) a apreensão dos conceitos que estes sinais representam e c) a consequente interpretação do conteúdo do texto, considerando os pontos de partida do próprio leitor, isto é, a sua realidade. Isso implica afirmar que o ato da leitura inclui um esforço neurológico e cognitivo, assim como um empenho interpretativo, baseado na cultura particular que cada leitor traz consigo. Nesse sentido, a leitura abrange a coordenação

¹ Desconsidera-se aqui o leitor analfabeto funcional.

de múltiplas habilidades por parte daquele que se propõe a ler, habilidades que incluem a capacidade de inferência, julgamento, memória, reconhecimento e experiência, por exemplo (Lencastre, 2003; Manguel, 1997).

Há cada vez mais evidências de que, durante a leitura, o texto representa apenas uma de várias fontes de informação para o leitor (Lencastre, 2003). Pode-se dizer, grosso modo, que o texto escrito equivale a um gatilho que dispara uma rede de conteúdos relacionados e independentes, alguns suscitados pelo contato direto do leitor com o material inédito do texto, outros emergentes da relação desse material com o mundo afetivo-subjetivo do leitor. Ao processar mentalmente um texto, interpretando-o, o leitor opera com o reconhecimento de estruturas simbólicas nas quais as proposições textuais se organizam em módulos de conhecimento já existentes na memória – e é por isso que, neste caso, o conteúdo memorialístico do leitor tem importância fundamental no processamento do texto durante a leitura (Bosi, 2003; Lencastre, 2003). Isso é especialmente claro em casos de leitura de textos literários: ao ler uma frase como “A casa era pequena, verde e avarexada”, o leitor criará uma imagem mental desta casa – ainda que não necessariamente nítida –, lançando mão de ideias, projeções e memórias acerca de todas as casas que ele já viu, conhece ou concebe, e essas evocações pessoais influenciarão de maneira inequívoca a sua apreensão do conteúdo lido (Bosi, 2003).

Essa concepção da atividade de ler como algo fundamentado também em um conteúdo próprio do leitor, com o qual o texto dialoga livremente, é chamada de “abordagem descendente” por autores como Lencastre (2003), sob a justificativa de que o conteúdo que o leitor elabora em conjunto com o texto pode ser “ativado diretamente por cada módulo da estrutura textual e processada de forma paralela” (Lencastre, 2003, p. 37), sem seguir necessariamente uma hierarquia cognitiva que vai do processamento mais simples

do texto ao mais complexo. Ao ler e interpretar um texto, o leitor elabora uma compreensão ampla do seu conteúdo geral, utilizando para isso representações de conhecimentos e memórias que ele já tem e que, a partir de suas elaborações subjetivas, conecta-se àquilo que foi lido. Ainda que as informações do texto sejam apresentadas através de uma estrutura hierárquica (incluindo o corpo concreto do texto, com letras que formam palavras, palavras que formam frases etc.), o leitor é capaz de ativar seu próprio conhecimento durante a leitura para completar, antecipar ou até mesmo substituir uma informação, gerando redes de sentido suscitadas por qualquer elemento do texto e que podem não seguir uma lógica serial ou ascendente de complexidade interpretativa.

A leitura é usualmente encarada nessa perspectiva como uma atividade em que não está em jogo apenas a codificação das palavras e das estruturas textuais concretas, mas que implica, principalmente, a relação dessas estruturas com o conhecimento que o leitor já possui, podendo inclusive resultar desse diálogo a mudança de representações pré-existentes do próprio leitor.

Tomemos como exemplo um leitor que se depara com uma reportagem sobre a poluição dos mares do sudeste asiático. Em uma perspectiva informativa de leitura, seu conhecimento sobre a poluição da água ao redor do mundo pode ser ampliado em contato com este texto; já em uma perspectiva afetiva, a descrição das rotas aquáticas e das ilhas do Oceano Índico pode evocar memórias, expectativas pessoais e interesses diversos, incluindo lembranças da infância regada a histórias de aventura que se passavam nessa região, ou preocupações pessoais com o bem-estar da vida marinha; em uma perspectiva de significação, ou seja, de representação de conteúdos e crenças particulares, a sua noção geral de preservação ambiental pode ser modificada, reiterada ou incrementada. Cada perspectiva dessas envolve esferas subjetivas específicas e inter-relacionadas de elaboração simbólica, seja a nível cognitivo ou afetivo. De modo geral, esse exemplo ilustra

como a leitura envolve diferentes processamentos interpretativos, resultado de maneiras distintas de se relacionar com o texto.

Em um artigo de referência sobre o tema da leitura, Haberlandt e Graesser (1985) definem de maneira didática os processamentos mentais que ocorrem durante a atividade de ler. De modo resumido, eles são baseados nos seguintes níveis: 1) o nível da estrutura concreta do texto, que envolve os microprocessos de codificação capazes de transformar as características visuais das palavras e das frases em grafemas e fonemas e, posteriormente, em conteúdos abstratos, ou seja, em unidades simbólicas passíveis de interpretação; e 2) o nível da compreensão propriamente dita do texto, que envolve a identificação geral do tema e dos subtemas do material lido e a reverberação das informações do texto no campo experiencial do leitor.

É consensual a noção de que a leitura envolve processamentos cognitivos e afetivos multiníveis e complexos; essa perspectiva, aliás, é amplamente debatida pelas correntes cognitivas da Psicologia que se propõem a estudar a atividade da leitura, ainda que haja opiniões divergentes sobre como os diferentes níveis de apreensão textual se relacionam. O sujeito que realiza uma leitura trabalha em vários níveis e em várias esferas de processamento, como dito anteriormente, e esses processos podem ser conscientes ou não, “automáticos” ou fruto de um esforço deliberado. Todos eles envolvem esquemas simbólicos elaborados pelo leitor, e são esses esquemas que orientam a leitura e balizam a compreensão do que se lê (Cabral, 2006; Lencastre, 2003). Naturalmente, cada leitor possui um conjunto de esquemas exclusivo do qual sua história pessoal é tributária. E, como se sabe, cada texto pode admitir múltiplas interpretações, pois a “ativação” de cada esquema depende das referências pessoais e culturais a que o leitor se reporta durante a sua leitura.

4.2 A prática da leitura

Esta dissertação se baseia na ideia de que a atividade de leitura e a prática da leitura são conceitos distintos. Os dois termos, apesar de semelhantes e às vezes considerados sinônimos pelo senso comum e pela literatura acadêmica, apontam relações diferentes entre o leitor e o texto, indicando maneiras distintas de envolvimento do leitor com a própria leitura (Cabral, 2006; Ferreira, 2012; Silva, 2011).

Costuma ser considerado que a atividade de leitura se refere à ação essencial e pontual de ler. Ou seja, ela diz respeito à execução objetiva e fundamental deste ato, enfatizando a faculdade da pessoa de decifrar as palavras impressas e seus significados, bem como a sua capacidade de avaliar o que foi lido à luz de um pensamento reflexivo, situado no contexto social e pessoal do leitor (Ferreira, 2012). As crianças são alfabetizadas na escola, em casa e em outros espaços sociais para que, dentre outras capacidades, estejam aptas à atividade básica de ler um texto sabendo interpretá-lo nessa perspectiva. É importante frisar que a atividade de leitura não diz respeito apenas ao movimento concreto de ler palavras e transformá-las em conceitos, pois ela implica, também, uma interpretação contextualizada do que é lido – é a leitura em sua atividade elementar, capilar (Cabral, 2006). A atividade de leitura envolve, nesse sentido, “ver” as palavras impressas, traduzi-las para os conceitos compartilhados entre aqueles que dividem o conhecimento daquela língua e, conseqüentemente, dialogar estes conceitos com as informações conhecidas pelo sujeito, realizando-se, nesse processo, uma interpretação essencial do que foi lido (Lencastre, 2003; Silva, 2011).

Ainda que a noção de atividade de leitura seja alvo de constantes análises e críticas por parte de autores brasileiros, há um certo consenso em distingui-la da prática da leitura (Silva, 2011). A prática da leitura, que está relacionada ao objetivo geral desta pesquisa,

é entendida como o exercício constante e motivado da atividade de ler, e isso implica considerá-la como o cultivo de um comportamento pessoal consciente ligado ao contexto social e experiencial do leitor; para manter uma prática da leitura, não é apenas preciso ler e interpretar um texto, é necessário também manter os estímulos e as motivações pessoais para a leitura ao longo do tempo e extrair dela algo para si (Freire, 1993; Silva, 2011). A prática da leitura pode ser identificada em pessoas que consideram a leitura parte de sua rotina cotidiana, mas que não a automatizam e, assim, não perdem de vista os efeitos subjetivos desse comportamento sobre si mesmas. Nessa perspectiva, enquanto a atividade de leitura pode ser caracterizada como o ato essencial de ler e interpretar um texto de forma contextualizada, a prática da leitura sinaliza uma relação duradoura, afetiva e significativa entre o leitor e a atividade de leitura (Ferreira, 2012; Silva, 2011).

Como prática, a leitura envolve determinadas atitudes, posturas, habilidades e gestos que são desenvolvidos e cultivados pelo leitor: ele tem expectativas quanto ao conteúdo e ao próprio uso da linguagem nos textos, baseando-se na experiência com textos anteriores; movimenta-se com certa familiaridade e autonomia entre as perspectivas de leitura possíveis; adquire certa capacidade de avaliar autores e gêneros específicos, ancorando-se nas próprias preferências; tem um repertório pessoal de leituras com as quais se identifica ou cujos textos admira; e possui critérios que o auxiliam a discernir uma leitura interessante de uma desinteressante, mais uma vez baseando-se em experiências passadas (Ferreira, 2012).

Em seu constante contato com textos, o leitor mobiliza afetos de sua vida pessoal e social e os atualiza através daquilo que as suas leituras lhe acrescentam. Trata-se, portanto, da dimensão da prática, do exercício consciente, frequente e autorreflexivo de uma atividade e da reverberação que essas leituras têm no cotidiano do leitor, interagindo com seu contexto pessoal (Almeida, 2014). Não são atividades de leitura isoladas, pontuais;

elas constituem um conjunto, uma prática articulada com o cotidiano do leitor, gerando e mobilizando seus interesses, propósitos, conteúdos e valores (Ferreira, 2012) e, ainda, definindo leituras futuras e novos modos de interpretação.

Nesse sentido, a prática da leitura não pode ser pensada como fenômeno alheio às demais práticas sociais e individuais que, cultivadas no cotidiano através de relações de poder e emergência de afetos, conferem sentidos e valores à ação humana (Ferreira, 2012). A prática de ler – aliás bastante encorajada e legitimada na sociedade pela sua associação com a aquisição de conhecimentos, no senso comum – engendra no leitor um modo particular de diálogo com o meio social, sendo, portanto, um trabalho de produção constante de sentido perpassado por expectativas, capacidades e sensibilidades frente ao mundo que se apresenta ao sujeito.

4.3 Modalidades de leitura

Os estudos históricos de Chartier (2001, 2003) são muito esclarecedores para que se tenha uma noção ampla das diversas modalidades de leitura historicamente elaboradas e determinadas nas sociedades humanas. Desde os anos 1980, este pesquisador francês tem se dedicado a investigar o contexto sociocultural das práticas de leitura do surgimento das primeiras escrituras no ocidente até a contemporaneidade, debruçando-se sobre como as próprias modalidades de leitura se organizam em cada momento histórico, enfatizando a influência de elementos sociais, tecnológicos e pessoais que influenciam e engendram diferentes modos de ler.

As investigações de Chartier (2003) se detêm no fato de que as definições de leitura são bastante variadas e cambiantes, o que impossibilita uma compreensão universal exata desta atividade com base em um único conceito ou em uma única modalidade. As

maneiras pessoais de ler, os protocolos de leitura implícitos no texto (de modo particular) e na sociedade (de modo geral), o acesso aos textos e os dispositivos e materiais disponíveis são alguns dos elementos que possibilitam uma ampla diversidade de modalidades e processos de leitura, levando-se em conta ainda que cada leitor e grupo de leitores possui seus próprios costumes, objetivos e razões para ler (Chartier, 2001).

O autor aponta, por exemplo, diferenças entre as modalidades físicas de leitura, que podem ser realizadas em voz alta ou em silêncio, individualmente ou em grupo. Quanto ao estilo, ele sublinha diferenças entre os modos intensivo – em que se dedica muito tempo a uma pequena quantidade de textos, como no caso de algumas iniciações religiosas – e extensivo – no qual se investe pouco tempo em uma grande quantidade de textos, como em certos cursos escolares preparatórios. Quanto ao método de leitura, o autor menciona o monástico – em que o texto é lido exaustivamente e decorado para fins de meditação e oração – e o método escolástico – que encara a leitura como uma atividade intelectual de apropriação de informações contidas em um texto que representa o mundo e que pode alterar a percepção do leitor sobre determinados assuntos. Há ainda as modalidades de leitura que visam à apreensão direta do conteúdo proposto pelo texto – a leitura de conhecimento, correlata do método escolástico – e as que buscam um diálogo aberto entre a bagagem vivencial do leitor e os conteúdos oferecidos pelo texto – as leituras de descobrimento, de caráter mais experiencial (Chartier, 2003).

Mais do que a preocupação em definir com exatidão cada modalidade de leitura, as propostas de Chartier buscam abordar as diferentes apropriações que o leitor faz do seu objeto principal, os textos, ajudando-nos a pensar a leitura como prática social forjada a partir de diferentes relações de poder e diferentes objetivos pessoais. Que instâncias reguladoras determinam o que ler e como ler, por exemplo? E como os leitores respondem social e pessoalmente a esses protocolos?

Como esclarece Cabral (2006), os próprios significados que são conferidos à atividade e à prática da leitura são constituídos, também, pelas formas diversas com que os leitores podem se apropriar dos textos, e essa multiplicidade de formas de leitura dá a estes leitores certa capacidade inventiva para engendrar relações particulares com a atividade de ler. É o caso da modalidade da “leitura mediada” – muito estudada e aplicada em projetos pedagógicos de educação infantil no Brasil –, através da qual um leitor estimula a participação de outro pela leitura conjunta de um texto, ou de uma série de textos, em que prevalece a conversação reflexiva e produtiva sobre o material lido (Rodrigues, Silveira & Pelisson, 2017). A leitura mediada é um exemplo de modalidade surgida a partir de um contexto específico – no caso, educacional – e voltada para determinadas demandas sociais.

Em certos casos, não raros, as modalidades de leitura se confundem: a partir de um livro paradidático sugerido pela escola como leitura obrigatória, por exemplo, o aluno pode fazer suscitar uma leitura de conhecimento e, ao mesmo tempo, de descobrimento – o que, aliás, se aproxima do ideal defendido por alguns estudos pedagógicos (Ribeiro, Batista & Rodrigues, 2014). Nesse caso, está em jogo como cada leitor se apropria do que lê e que relação ele estabelece com a leitura – que objetivos ele busca nela – considerando-se o que dele é esperado pelo meio social.

De modo geral, as modalidades de leitura encontradas nas investigações de Chartier podem ser organizadas com base nos seguintes critérios: a) *O que ler*, que diz respeito à forma material do texto (se virtual ou impressa, por exemplo) e às suas características formais e técnicas (o gênero, os protocolos de leitura, o estilo etc.); b) *Por que ler*, relacionado aos objetivos envolvidos na atividade e na prática da leitura, incluindo os interesses e as expectativas do leitor e dos próprios autores lidos; c) *Como ler*, em que se discutem as diferentes formas de interação e os diversos ritmos de leitura praticados a

partir das capacidades e dos objetivos de cada leitor, o que depende, também, da relação estabelecida entre leitor e texto; e d) *O que se sente ao ler*, critério que aborda os efeitos da leitura sobre o leitor e, conseqüentemente, a maneira como este leitor se relaciona com a leitura a partir de sua própria experiência – trata-se de um critério referente sobretudo aos sentimentos envolvidos na leitura, como prazer, descoberta, reconhecimento, fruição, problematização etc., que podem balizar novas formas de ler (Cabral, 2006).

Dentre as diversas modalidades de leitura historicamente elaboradas e situadas, é de nosso interesse abordar em detalhes uma delas em específico: a leitura silenciosa e individual, praticada pelos participantes desta pesquisa.

4.3.1 A leitura silenciosa e individual

Até por volta do século X, mesmo nos primórdios da escrita cuneiforme suméria e dos hieróglifos egípcios, os glifos e as palavras escritas eram lidos em voz alta, independentemente da ocasião, estando ou não o leitor acompanhado por outras pessoas (Manguel, 1997). Isso ocorria porque se acreditava que cada glifo e, posteriormente, cada palavra comportava uma espécie de essência sonora sem a qual era impossível apreender o sentido das informações grafadas; ou seja, para expressar o seu conceito intrínseco, a sua “alma”, o signo escrito deveria ser pronunciado de forma audível durante a leitura. Por essa razão, por exemplo, nas línguas arcaicas da Bíblia – o hebreu e o aramaico –, não havia distinção entre o ato de falar e o ato de ler: a ambos era designado um mesmo vocábulo, pois constituíam a mesma atividade (Manguel, 1997).

Nas cidades do antigo Império Romano, em que se falava latim, cabia ao leitor emprestar a sua voz para dar vida à palavra escrita – a *scripta* –, a fim de torná-la *verba*, palavra falada, revestida de sentido através de sua expressão sonora, oral. O ditado latino

scripta manent, verba volant – “A escrita fica, as palavras voam”, em tradução livre – é derivado exatamente desta noção de que a mensagem dos textos só poderia encontrar seu curso na fala ou nos debates, dado que a linguagem escrita não lida era considerada morta, sem utilidade (Manguel, 1997).

Nessa conjuntura, como o valor dos textos estava na fala, e não propriamente na escrita, não havia rigidez nas normas de redação até por volta do século III d. C.; até esse momento, no ocidente, as letras e palavras que compunham a maioria dos textos não precisavam ser separadas pelo escritor em unidades gramaticais claras – era suficiente apenas encadeá-las em um fluxo contínuo de frases, muitas vezes sem qualquer pontuação que separasse essas frases umas das outras. Durante boa parte da Idade Média, importava que o texto fosse lido em voz alta, muitas vezes para um público que não sabia ler, e por isso se escrevia de uma maneira muito próxima à fala, como em uma pregação ou um discurso (Manguel, 1997).

No que diz respeito à leitura silenciosa, uma curiosidade histórica digna de nota consta nas *Confissões* de Santo Agostinho. Dentre os casos isolados de leitores silenciosos que foram registrados com mais ou menos precisão até os anos 900 d. C. – dos quais se destaca a leitura silenciosa que Alexandre, O Grande, fez de uma carta de sua mãe em frente aos seus soldados, para espanto geral –, o de Ambrósio parece ser o mais incisivo. No século IV, Agostinho escreveu que este bispo da cidade de Milão, amigo de sua mãe, era um leitor extraordinário, pois, “quando lia, seus olhos perscrutavam a página e seu coração buscava o sentido delas, mas sua voz ficava em silêncio e sua língua, quieta. Nós sempre o encontrávamos lendo em silêncio: ele jamais lia em voz alta” (Agostinho, como citado em Manguel, 1997, p. 58). Se esta modalidade de leitura praticada por Ambrósio era suficientemente surpreendente para ser registrada por Agostinho em suas *Confissões*,

isso indica que ela ainda era uma prática não usual, bastante rara na transição do século IV para o século V.

Nos séculos posteriores, a leitura silenciosa foi se tornando mais disseminado no ocidente, auxiliado tanto pelo cuidado progressivo com as normas de redação que organizavam a leitura – surgiam os primeiros gramáticos atentos ao uso da língua escrita – quanto pelos crescentes, mas ainda precários, índices de alfabetismo. Inclui-se nesse contexto o fato de que alguns filósofos e estudiosos medievais começaram a praticar e elogiar a leitura silenciosa, alardeando o quanto ela era eficaz para a memorização e a meditação; o teólogo Isidoro de Sevilha, por exemplo, chegou a comentar no século VII que a leitura silenciosa era excelente porque permitia ao leitor “ler sem esforço, refletindo sobre o que foi lido, tornando a sua fuga da memória mais difícil”. Nessa época começa a surgir – de forma incipiente, ancorada na prática da leitura silenciosa – uma relação assumidamente pessoal entre o leitor e o texto, que atingiria seu ápice na Reforma Protestante capitaneada por Martin Lutero quase oito séculos depois (Manguel, 1997).

A partir do século X, a leitura silenciosa passara a ser muito mais comum entre os círculos letrados das principais cidades europeias, o que afligiu alguns dos intelectuais e estudiosos mais conservadores da época, gerando preocupação quanto à disciplina de seus pupilos: afinal, ler um texto silenciosamente poderia criar condições para distração, preguiça e evasivas as mais variadas, retirando do leitor o foco nos textos (Manguel, 1997). Além disso, o que mais perturbou a maioria dos padres cristãos ortodoxos foi a percepção de que, lendo silenciosamente, os fiéis poderiam refletir de forma íntima sobre os textos eclesiásticos, sem a mediação das autoridades religiosas, o que acabava por deixá-los livres da censura que um ouvinte poderia fazer caso a leitura fosse realizada em voz alta. Nesse ponto, mais uma vez, começava a ficar claro o tipo de relação individual, afetiva e intelectual que a leitura em silêncio proporcionava ao leitor em contato direto com o texto.

Contribuiu também para o advento da leitura silenciosa a invenção do tipo móvel, iniciada por Johannes Gutenberg na primeira metade do século XV. As famosas prensas de Gutenberg foram responsáveis por pavimentar o caminho da reprodução em massa de textos variados, revolucionando as técnicas de impressão e inaugurando novas modalidades de leitura – uma vez que agora os livros não estariam mais restritos ao clero e à nobreza. Dentre essas modalidades, destacam-se a leitura silenciosa e a individual.

Cabral (2006), retomando os estudos de Chartier (2003), situa a leitura silenciosa e individual como uma modalidade que se tornou muito comum após a popularização do livro em seu formato de brochura, portátil, tornando-se um instrumento acessível em qualquer momento e relativamente fácil de manusear, o que passou a estabelecer uma certa proximidade afetiva com o leitor. A partir do século XVIII, em que os romances se tornaram populares e a quantidade de livros disponíveis era muito maior do que nos séculos passados, a leitura individual e silenciosa começou a se tornar corriqueira (Manguel, 1997).

As implicações subjetivas da leitura individual são bastante estudadas atualmente. Segundo Larrosa (2003), é na modalidade de leitura individual que o leitor pode estabelecer um tipo especial de relação consigo a partir dos temas que o texto propõe; nesta intimidade, a solidão da leitura individual permite uma entrega profunda ao texto, cujos efeitos advindos de sua fruição podem pôr em movimento as reflexões do leitor, gerando uma relação potencialmente transformadora na leitura.

Na leitura individual e silenciosa, a leitura é reflexiva, uma espécie de modo particular de se viver a experiência da solidão (Larrosa, 2003). Ela é caracterizada por uma interrupção no fluxo da vida cotidiana, um íterim suspenso em que é possível “ruminar” as ideias apresentadas pelo texto e fruí-las no silêncio necessário à elaboração de novos sentidos. Nesta modalidade de leitura, acredita-se que o silêncio detém o tempo veloz do

mundo cotidiano – que anula as possibilidades de reflexão – a partir de uma incursão exploratória no plano dos sentidos (Cabral, 2006; Larrosa, 2003). Essa incursão, que visa ao acolhimento das propostas de reflexão oferecidas pelo texto, pode encadear no leitor uma abstração do mundo que lhe permite emprestar novos sentidos ao entorno e a si mesmo.

A modalidade de leitura individual nos leva a considerar a qualidade da relação entre o leitor e o texto e, particularmente, como esse texto o afeta pessoalmente. Neste tipo de leitura, encontra-se o leitor que acolhe a possibilidade de tecer relações entre o texto, suas vivências, seus conhecimentos, as representações sobre si mesmo e as experiências proporcionadas pela leitura (Cabral, 2006).

É interessante considerar que a prática da leitura individual e silenciosa, tal como está sendo abordada aqui, pode se relacionar à prática da *leitura de fruição*. Segundo Barthes (2002), a leitura de fruição – que depende mais da abertura do leitor e menos da qualidade do texto em si, embora não seja sensato ignorar esta última – é uma leitura que desestrutura e desconforta, pois questiona as convicções e as estabilidades daquele que lê, afetando-o em seus preconceitos. Nesse sentido, o leitor frui, desligado de grandes amarras. Ela abre a possibilidade, portanto, para uma leitura experiencial, que não garante manter o leitor em uma posição confortável e segura que afasta os riscos à integridade de suas crenças e oferta-lhe uma satisfação passageira (Barthes, 2002).

É certo que nem todas as leituras individuais e silenciosas são de fruição, mas elas carregam a possibilidade de, no contato íntimo do leitor com o texto, abrir-se para a proposta do exercício de alteridade, posicionando o leitor em pontos de vista que ele usualmente não tomaria para si. Na leitura individual e silenciosa, o leitor pode experimentar novos espaços e novas ideias a partir da solidão e do silêncio alimentados pelo texto, conduzindo-o a uma experiência muito pessoal.

4.4 Considerações sobre um conceito de leitor

Se os conceitos de leitura e prática da leitura admitem diversas possibilidades teóricas e diferentes modalidades de enfoque, o conceito de leitor não poderia ser menos abrangente. Os significados deste termo, aliás, podem variar de acordo com a área de conhecimento em que ele é abordado, e não raro se encontra ligeiras divergências conceituais dentro de cada área. Nesse sentido, a Educação usualmente utiliza um conceito de leitor diverso daquele que é encontrado nos estudos da Literatura, por exemplo, ou mesmo na Filosofia (Cabral, 2006). Interessa-nos aqui apontar brevemente algumas considerações teóricas encontradas na literatura acadêmica que possam nos ajudar a explicitar o que seja um leitor – quais as suas características distintivas e, em suma, o que o define enquanto tal, para os propósitos desta dissertação.

A primeira definição usual de leitor discrimina o sujeito que foi alfabetizado com base em um determinado sistema formal de linguagem escrita e falada, compartilhado por uma comunidade ou sociedade, o que o torna apto à atividade de leitura de textos impressos e, conseqüentemente, à capacidade essencial de interpretar um texto a partir de representações sociais e experiências próprias que lhe atribuem sentido (Ferreira & Dias; 2005; Dell’Isola, 2005). Essa definição de leitor se apoia na concepção de que um sujeito está capacitado a ler e interpretar um texto quando consegue dominar as formas correntes de decodificação e interpretação da linguagem escrita compartilhadas pela comunidade ou sociedade de que faz parte. Nesse caso, o leitor – que pode assim ser denominado porque fora *alfabetizado* – é uma condição referente àquele sujeito que domina uma técnica e que está capacitado a fazer uso dessa técnica em seu cotidiano, a partir da sua necessidade pessoal ou da necessidade imposta por agentes externos. Frisa-se que a alfabetização pode ocorrer através de uma educação formal, escolar, ou informal, fora do âmbito da escola.

A definição de leitor ancorada na noção de alfabetização é essencial para que possamos compreender que o leitor, como não poderia deixar de ser, só pode existir se ele de fato consegue ler e interpretar um texto. Essa é, portanto, uma característica fundamental e distintiva do leitor, sem a qual ele não poderia ser concebido enquanto conceito. Nesse sentido, o leitor pode ser considerado um agente social que cumpre com os mais diversos propósitos sócio-comunicativos: ele lê para resolver problemas de ordem prática, para se manter informado sobre a realidade, para tomar parte em um assunto que é do seu interesse, para escrever melhor, para entrecocar visões de mundo, e assim sucessivamente. Não por acaso, o ser humano que fora instruído a ler e fazer uso da leitura é considerado cidadão, um agente político, porque ele se tornou capaz de se comunicar entre seus pares, expressando, pelo entendimento da voz e da escrita, seus desejos, suas necessidades e suas opiniões, além de entrar em contato, através da leitura, com os desejos, as necessidades e as opiniões de seus semelhantes (Freire, 2011).

Também são pertinentes a esta dissertação estudos que consideram a perspectiva de que nem o texto, nem o leitor, podem ser qualificados de modo estanque, através de um conceito cristalizado. Isso porque, nessa perspectiva, o leitor será definido a partir da relação que ele estabelece com a própria leitura; e a leitura, por sua vez, será qualificada levando-se em consideração o valor e o significado que o leitor confere a ela (Ferreira & Dias, 2005; Santos, 2014). Ambos são necessários para que o sentido da leitura – e do ser leitor – seja elaborado, sempre com base nas necessidades daquele que lê, nos afetos que por ventura surjam no contato com o texto e na história cognitiva e intelectual do sujeito. A definição do ser leitor, neste caso, deve levar em consideração as motivações, os significados e os benefícios que ele vê nas suas leituras cotidianas, por exemplo. Cada sujeito pode se revelar um tipo de leitor diferente ao longo do dia, dependendo da representação

mental pessoal que ele tem daquelas leituras específicas, ou dos significados que ele atribui a elas (Ferreira & Dias, 2005; Horikawa, 2006).

O leitor, portanto, assume uma dupla perspectiva conceitual: em seu sentido literal, condicional, ele só pode existir onde existe o sujeito alfabetizado, que está capacitado à atividade da leitura e da interpretação essencial de um texto, inserido, portanto, em uma comunidade que compartilha signos e conceitos sobre uma linguagem escrita e falada que representa o mundo. Por outro lado, o leitor revela também uma dimensão plástica, mutável: sua qualidade, ou seu próprio *modus operandi*, depende da relação que ele estabelece com o texto, de modo particular, e com a leitura, de modo geral, e é dessa relação que surge sua própria definição de leitor (Horikawa, 2006). Assim, o leitor é aquele que aprendeu a decodificar os sinais gráficos de um texto, utilizando-se de estratégias (as ensinadas por terceiros e as aprendidas por conta própria) para interpretar e compreender o conteúdo do que está sendo lido; ao mesmo tempo, ele se vê às voltas com elementos afetivos e cognitivos de ordens diversas que ditam a relação que este leitor estabelecerá com este texto e com a leitura cotidiana, definindo-os em sua própria natureza.

A noção de leitor como conceito indissociável da relação própria do sujeito com a sua leitura se ancora no pressuposto de que o ser leitor está implicado no ato da escrita e participa da estrutura interna do texto, estrutura esta que é elaborada, significada e interpretada a partir das atualizações históricas individuais do leitor – de sua idiossincrasia –, das representações sociais do grupo de que este leitor participa e das possibilidades mesmas oferecidas pelo conteúdo do texto (Ferreira & Dias, 2005; Guimarães, 2001). Assim, a definição de leitor deixa de se situar exclusivamente em características concretas do sujeito – ser alfabetizado, por exemplo –, produzindo-se no “embate do leitor com o texto, na atividade da leitura para a qual o leitor traz as suas crenças e expectativas” (Guimarães, 2001, p. 20), seus afetos e suas motivações.

A noção de prática da leitura, neste caso, faz emergir uma noção de leitor específica, referente ao sujeito que cultiva a leitura no seu cotidiano como um exercício consciente e motivado, não automático, cujos efeitos subjetivos são percebidos por ele como frutos diretos desta prática (Silva, 2011). Não se trata, portanto, de definir o leitor baseando-se na quantidade de material que ele lê em um determinado período, ou na natureza desse material lido (se são livros, jornais, revistas etc.), ou mesmo no grau de instrução e letramento do sujeito; trata-se de defini-lo a partir de sua própria prática da leitura, pelo que ele relata de si e de sua relação com a leitura no seu cotidiano, significando-a e significando-se (Ferreira & Dias, 2005).

5 A EXPERIÊNCIA DA LEITURA E O LEITOR IDOSO

Até aqui, foram tecidos comentários sobre alguns aspectos do envelhecimento e da velhice na contemporaneidade, sobre uma perspectiva teórica positiva acerca da velhice em sua dimensão subjetiva e sobre um breve apanhado teórico do conceito de leitura e da prática da leitura. Convém articular agora a noção de experiência na leitura e algumas implicações subjetivas da prática da leitura para a velhice. O objetivo deste capítulo é aproximar algumas reflexões teóricas sobre a velhice das perspectivas conceituais da experiência derivada da prática da leitura, o que nos conduz ao tema central desta dissertação: as possibilidades subjetivas da prática da leitura para leitores idosos.

5.1 Nota sobre a expressão “possibilidades subjetivas”

Esta dissertação se refere constantemente à expressão “possibilidades subjetivas”. Como se trata de uma expressão central para os objetivos da pesquisa, e que delinea em

grande parte as análises dos dados coletados nas entrevistas, é de grande importância que deixemos claro a que estamos nos referindo quando mencionamos as “possibilidades subjetivas” da prática da leitura para leitores idosos.

A tarefa de definir o conceito de “subjetividade” é considerada árdua exatamente porque não há uma delimitação clara do que essa palavra possa vir a representar especificamente: a depender do ponto de vista teórico e da própria condição histórica em que nos situamos, este conceito se altera. É possível até mesmo dizer que a subjetividade nem sempre existiu: ela foi engendrada durante o período histórico conhecido como modernidade, a partir de movimentos como o Iluminismo e o Romantismo, quando as chamadas “grandes narrativas” (os discursos extra-indivíduo que balizavam a vida coletiva, como o discurso da Igreja ou do rei feudal) entraram em declínio e as atenções foram voltadas para a existência individual, em que o sujeito era senhor de suas ações e podia definir, de forma mais ou menos autônoma, o próprio destino, ancorado principalmente na lógica burguesa crescente (Figueiredo, 2007; Santi, 2016).

Será tomado como mote aqui a ideia de que a subjetividade, como sinaliza a própria palavra, é concernente ao *sujeito*, isto é, diz algo da singularidade de uma pessoa que se exprime, que pensa, que representa e se relaciona no mundo (Figueiredo, 2007; Orlandi, 2003). Se é dito hoje que a ciência não pode ser pensada sem levar em consideração a subjetividade do próprio pesquisador, é porque se considera vital ponderar que este pesquisador possui uma bagagem de vivências, experiências e reflexões que derivam de sua história pessoal – de sua singularidade – e que não seria aconselhável supor que a construção do conhecimento científico esteja alheia a essa circunstância.

É subjetivo aquilo que anuncia um sujeito e que sublinha as relações singulares que este sujeito estabelece consigo e com o seu meio social, tornando-o capaz de definir-se e/ou de ser definido entre seus pares (Figueiredo, 2007; Simondon, 2003). É por isso

que, com o surgimento da noção de indivíduo na modernidade, introduz-se paulatinamente o conceito de subjetividade, capaz de fazer referência a uma experiência pessoal e a uma vida com uma dinâmica psíquica privativa, não compartilhada (Santi, 2016). Trata-se da subjetividade aqui como esta instância psíquica forjada através das relações engendradas pelo sujeito, e não como uma espécie de simples repositório em que são armazenadas vivências e representações: a subjetividade é resultado e processo ao mesmo tempo, uma vez que é ela constituída por ações, discursos e representações e, ainda, baliza a organização social e pessoal do sujeito (Figueiredo, 2007).

Nesse sentido, baseando-nos nas reflexões dos autores citados anteriormente sobre o campo da subjetividade, entendemos que uma possibilidade subjetiva faz referência ao que é possível engendrar a partir de uma singularidade psíquica – de um sujeito – frente a uma realidade, um objeto ou um fenômeno. Dado que a especificidade das vivências dos sujeitos é uma parte do que constitui a subjetividade de cada pessoa em suas relações, seja com os outros, seja com o ambiente ou consigo mesma, consideramos que a expressão “possibilidades subjetivas” diz das possibilidades de elaboração de sentidos, significados e representações sobre práticas e objetos a partir de uma história pessoal. Nesta pesquisa, entendemos que os significados da leitura para leitores idosos, suas motivações para ler e os benefícios alcançados através da prática da leitura são possibilidades de elaboração subjetiva de um fenômeno que é, neste caso, o envolvimento do idoso com a leitura no seu cotidiano.

Alguns postulados de Mikhail Bakhtin, importante teórico da filosofia da linguagem, são muito oportunos para essa discussão. De acordo com o autor, a leitura é uma prática social constitutiva do sujeito (isto é, da subjetividade e da formação do indivíduo como agente social) porque integra no exercício de ler o contexto que o cerca (Bakhtin, 2010, 2011). Além disso, a prática da leitura é entendida como produtora de sentidos e

significados diversos derivados do engajamento próprio do leitor no texto, bem como produtora de processos dialógicos que contribuem para a formação e a transformação subjetiva do leitor (Bakhtin, 2011). Ao afirmar este postulado, consideramos que a prática da leitura é rica em possibilidades subjetivas porque ela proporciona uma pluralidade de condições autorreflexivas e representações subjetivas envolvidas na leitura. A teoria bakhtiniana sobre a linguagem como constituição subjetiva, portanto, compreende a leitura como um processo de compreensão ativa, em que o leitor estabelece uma relação dialógica, plural, com os múltiplos sentidos elaborados a partir dos textos que ele lê.

Ainda de acordo com Bakhtin (2011), a linguagem mesma é dialógica e constitutiva do ser humano. Nessa perspectiva, a prática da leitura, enquanto produtora de sentidos e significados por meio de experiências pessoais, constitui a subjetividade ao possibilitar contradições entre o leitor e o texto – diálogos – que criam tensões e conflitos e contextualizam a produção de novos sentidos e significados derivados da leitura, através de enunciados que se integram ao contexto social e pessoal do leitor (Santos, 2014).

O conceito de experiência e, mais especificamente, as reflexões sobre a experiência na leitura são centrais neste debate. Ao se falar de experiência, fala-se do contato pessoal de um sujeito com um objeto ou um fenômeno e da elaboração subjetiva, autorreflexiva, que deriva desse encontro (Larrosa, 2002). Por isso, toda experiência é subjetiva, porque ela está associada ao que o sujeito significa e representa, e não apenas à atividade ou ao objeto em si.

5.2 A noção de experiência na leitura

Variados autores apontam que a leitura envolve uma produção de sentido elaborada pelo leitor a partir de sua relação com o texto, e que essa produção de sentido pode

acarretar uma experiência capaz de afetar este leitor e transformá-lo, ao estabelecer um diálogo entre suas vivências e reflexões e o conteúdo do que é lido (Cabral, 2006; Freire, 2008; Larrosa, 2003; Piegay-Gros, 2002). Nessa perspectiva, essa experiência derivada da leitura pode proporcionar ao leitor idoso uma reflexão crítica sobre o mundo em que se encontra e sobre suas próprias representações acerca de si e do ambiente em que vive.

Nessa experiência, o leitor idoso ressoa as suas vivências e os seus pensamentos nos temas abordados pelos textos, favorecendo uma postura ativa e potencialmente transformadora que se torna viável pela sua receptividade ao conteúdo das leituras (Almeida, 2014). Nesse caso, a prática da leitura – ou seja, a leitura enquanto atividade consciente, motivada e frequente no cotidiano – pode possibilitar uma experiência que proporciona ao leitor o exercício de novos modos de pensar e interpretar o mundo e as suas próprias vivências (Almeida, 2008, 2009). Assim, a prática da leitura pode constituir encontros potencialmente promotores de experiências nas quais o leitor constrói sentidos, afeta-se e transforma sua compreensão do entorno (Freire, 2008); ou seja, a prática da leitura pode proporcionar um exercício intelectual e afetivo que forja parte da subjetividade do leitor através dos temas que os textos propõem e da postura receptiva daquele que lê e que tece associações entre o conteúdo de suas leituras e suas experiências pessoais (Cabral, 2006; Silva, 2011).

Em uma experiência dessa natureza, o leitor idoso pode vir a testar um despreendimento reflexivo de si, que o leva a colocar sistematicamente em suspenso, ou em xeque, suas próprias convicções e seus hábitos relacionados à maneira com que ele mesmo se elabora. Essa noção de experiência nos remete ao pensamento de Larrosa (2002), que a concebe como um encontro com algo que se prova, ou que se degusta, incluindo nesse encontro o risco consciente de ser confrontado com o novo, de esgarçar-se através do inédito, e a possibilidade de se transformar através desse encontro.

É interessante observar que a possibilidade de experiência na leitura advém principalmente da postura receptiva do leitor ao conteúdo de suas leituras, e não da qualidade propriamente dita dos textos lidos; o leitor que se abre à possibilidade de experiência na leitura é o leitor que se coloca como *ouvinte* dos textos, segundo a definição do próprio Larrosa (2003), e que assume que as estruturas oferecidas por esses textos – tanto a sua forma quanto o seu conteúdo – são uma possibilidade de diálogo, e não uma verdade permanente que ele deve assimilar ou rebater a todo custo. Por esse motivo, a experiência facilitada pela prática da leitura leva o leitor a compreender o seu papel ativo na interpretação e na significação daquilo que ele lê, deslocando a importância anteriormente exclusiva dos autores e dos textos para o seu próprio modo de leitura, frisando a participação do leitor na elaboração dos sentidos proporcionados pelo contato com os textos.

Pode-se dizer que na experiência de leitura existe um movimento dinâmico entre leitor e mundo, através do qual o primeiro pode engendrar novos sentidos e significados ao segundo. E essa produção de sentidos e significados só é possível quando o leitor transcende o ato concreto de ler (a simples decodificação dos sinais linguísticos e a interpretação literal do escrito) e passa a perceber o texto como dialógico às suas próprias vivências e experiências, a partir das quais ele pode elaborar sabedoria para uma ação transformadora de si e do entorno (Freire, 1996; Kramer, 2000). Nesse caso, o leitor assume a posição de sujeito da experiência, tal como o define Larrosa (2002): algo como um território de transição, um receptáculo sensível que produz afetos e inscreve novas marcas a partir do que lhe toca, deixando vestígios do vivido e assumindo alguns de seus efeitos.

O leitor idoso, portanto, pode ser modificado pela experiência derivada de sua prática da leitura porque o contato dialógico com o que é lido é justamente o campo onde ocorrem estas experiências transformadoras. E tais experiências são possíveis porque,

nessa perspectiva, os textos são vistos como uma possibilidade de que o leitor vivencie uma experiência de alteridade, de “colocar-se como outro”, sendo-lhe apresentadas várias verdades que ele mesmo experimenta sob diferentes pontos de vista (Almeida, 2008). Isto pode ocorrer quando o leitor assume uma exposição interessada aos textos – uma abertura ao seu conteúdo.

Quando o leitor atualiza o que sente e produz na leitura para além dos momentos de leitura – pensando criticamente sua própria vida, sua história e seu ambiente, fazendo com que os sentidos produzidos com os textos reverberem em suas ações –, aí se pode cogitar que a prática da leitura proporcionou experiência (Kramer, 2000). E, nesse caso, trata-se de uma experiência transformadora, porque o leitor entra em contato com o conteúdo inédito dos textos, podendo elaborar através deles alguma reflexão crítica – alguma nova maneira de perceber-se e perceber o mundo. Assim, o leitor que pratica a leitura afirma-se no próprio exercício de se expor ao contato com os textos, fazendo-os suscitar forças ativas e reativas que marcam o campo experiencial da leitura na vida cotidiana (Almeida, 2014). O leitor que vive uma experiência através da leitura se projeta no texto à medida que lê, compartilhando do estado de espírito e das emoções do autor, dialogando suas próprias ideias com as proposições daquele que está sendo lido, e, assim, cria representações que influenciam sobremaneira seu modo de portar-se no mundo (Silva, 2011).

5.3 A prática da leitura e o leitor idoso

No Brasil, em pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro (Failla, 2016), pessoas que se consideram leitoras com idades entre 50 e 69 anos representam 41% de uma amostra nacional de 5.012 sujeitos. Dessa mesma amostra, 27% dos que se consideram leitores têm mais de 70 anos de idade. Segundo o próprio Instituto, para esta pesquisa, foram

consideradas leitoras as pessoas que leram, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos 3 meses. Se levarmos em consideração dados levantados em 2011 pelo mesmo Instituto Pró-Livro, os leitores dessas duas faixas etárias cresceram em número: naquele ano, também a partir de uma amostra de 5.012 pessoas, leitores entre 50 e 69 anos de idade representavam 33% do total entrevistado, ao passo que leitores acima de 70 anos representavam 24% (Failla, 2016).

Ainda de acordo com esta pesquisa, sobre as motivações para a leitura, 439 leitores com idades entre 50 e 69 anos foram consultados, dos quais 25% afirmaram que leem “por motivos religiosos” e 23% disseram que a leitura está presente no seu cotidiano “porque gostam de ler” (Failla, 2016), índices muito próximos dos revelados pelos leitores com mais de 70 anos (25% e 23%, respectivamente, de uma base de 66 leitores consultados). Trata-se das duas principais motivações identificadas, e, desses dados, surge a reflexão de que a proximidade com textos de ordem religiosa, nessas faixas etárias, ocorre por conta da educação tradicional de base que estas pessoas tiveram, muito próxima dos preceitos cristãos, em que a Bíblia constituía uma referência moral central.

Por mais que não trabalhe exclusivamente com a categoria “idoso”, a pesquisa do Instituto Pró-Livro, considerada de referência nacional, fornece dados bastante relevantes e atuais sobre o perfil do leitor no Brasil, incluindo as faixas etárias que abrangem a definição de idoso no país de acordo com a OMS. Mas, em termos qualitativos, como a prática da leitura pode dialogar com a velhice?

Como foi visto anteriormente, uma perspectiva positiva acerca da velhice concebe o idoso como um sujeito que pode ressignificar as suas realidades externa e interna, conferindo novos sentidos ao mundo e a si mesmo e atualizando crenças, comportamentos e valores para uma vida digna, satisfatória e compatível com as suas capacidades. Para essa abordagem, o corpo que envelhece e perde algumas de suas aptidões físicas é apenas um

dos vários aspectos de um fenômeno complexo que deve levar em consideração, também, o plano subjetivo do idoso – ou seja, as experiências que dão forma essencial à sua capacidade de significar e conferir sentido à própria velhice.

Essa perspectiva é interessante porque nos indica que o aprendizado pode ocorrer em qualquer etapa da vida, desde que haja o desejo de atualizar-se frente às circunstâncias. E o aprendizado, aqui, tal como propõem Bohm e Marangoni (2011), não deve ser confundido apenas com a assimilação de novos conhecimentos: ele deve incluir, principalmente, a (re)apropriação de um saber que permita ao sujeito uma nova leitura da vida, ressignificando experiências e conhecimentos através de encontros considerados afortunados, transformadores.

Se a prática da leitura pode proporcionar a possibilidade de uma experiência em que o sujeito opera com novas leituras de si e da realidade circundante, ressignificando o mundo e a si mesmo, é oportuno pensar que esta prática em idosos esteja alinhada com uma concepção positiva da velhice: afinal, neste caso, a leitura abrange a possibilidade de um aprendizado, de uma abertura ao inédito que pode se revelar transformadora da própria condição de idoso (Cabral, 2006; Debert, 1999). Isto porque a prática da leitura, como qualquer circunstância que envolve aprendizado, “inquieta, desassossega e vivifica” (Bohm & Marangoni, 2011, p. 147), e assim o idoso pode escrutinar a vida lançando mão de uma prática que lhe dá apoio para reflexões e elaborações de sentido através dos textos que são lidos.

Diversos autores defendem que a prática da leitura valoriza a aceitação, por parte do leitor, da polissemia: ele passa a ser capaz de experimentar variados pontos de vista sem perder sua própria base identitária, o que lhe confere uma grande liberdade de atuação para posicionar-se de forma crítica diante do que é lido e ressignificar conceitos que ele considera ultrapassados e carentes de atualização (Almeida, 2014; Larrosa, 2003).

Assim, o leitor idoso pode experimentar o caráter transcendente da leitura com relação aos seus próprios limites, contornando a ideia disseminada no senso comum de que a velhice traz exclusivamente a estagnação e a senilidade; na verdade, no caso da leitura, ela pode viabilizar descobertas de si e dos outros, ampliando constantemente o repertório cultural e intelectual com que o idoso avalia o mundo (Bohm & Marangoni, 2011; Brum, 2014).

Através do encontro frequente com os textos, a prática da leitura pode oferecer ao leitor idoso enfoques pouco comuns da condição humana, que ele não experimentaria de outra maneira senão pelo contato com o conteúdo que é abordado nessas leituras. Leitores idosos já relataram que a leitura pode acrescentar muitas possibilidades do que não foi vivido à vida propriamente dita, residindo, nisso, a riqueza de uma leitura que oferece novas experiências mesmo para sujeitos que, segundo a representação comum, já acumulam um grande número de vivências (Bohm & Marangoni, 2011).

Bohm e Marangoni (2011) empreenderam um estudo interessante no qual propuseram uma oficina de leitura para idosos, em um centro de ensino superior no município de Farroupilha-RS, com o objetivo de investigar a leitura como possibilidade de ressignificar a vida nesta faixa etária. Na proposta da oficina, os textos eram lidos durante os encontros do grupo – composto por oito idosas de diferentes classes sociais e idades entre 50 e 84 anos –, e o debate girava em torno das apreensões de cada participante sobre a obra em questão, ao final do qual cada idosa poderia elaborar um texto de sua autoria, baseado no que fora lido, e compartilhar com as demais.

Os resultados divulgados pelas autoras do estudo apontam para o fato de que a leitura auxilia a compreensão do mundo pelo idoso, oferecendo “pontos de vista móveis e ambivalentes e (...), com eles, a dialética e a dinâmica da vida” (Bohm & Marangoni, 2011, p. 154), facultando esses leitores a perceberem as transformações constantes a que

estão submetidos enquanto sujeitos que agem e pensam dentro de um determinado contexto social – que já diz algo da velhice para os próprios idosos. Isso os privilegiaria com uma gama de artifícios subjetivos proporcionados pela leitura para encarar estereótipos e situações as mais diversas, tanto no âmbito pessoal quanto no comunitário, ampliando as possibilidades de ser e conviver.

Mota, Pereira e Rodrigues (2014) articulam a prática da leitura em idosos com a capacidade de memória do leitor e a faculdade interpretativa derivada dessa memória. Segundo as autoras, ler requer o uso constante da memória de aprendizagens efetuadas ao longo da vida, e são precisamente essas memórias que balizam os sentidos elaborados pelo leitor em contato com o texto – são elas, portanto, que determinam como o leitor lê e processa o conteúdo de suas leituras. Para iniciar a compreensão de um texto, o leitor interpreta o que está proposto literalmente com base nas suas próprias leituras de mundo, e esse processo torna explícito o papel ativo das memórias que são (re)construídas ao longo da vida do sujeito. No caso do leitor idoso, a prática da leitura ancorada na experiência acumulada ao longo de tantos anos de vida pode suscitar variados efeitos de sentido que se transformam a partir da maturidade do sujeito; cada história pessoal, portanto, aponta para uma possibilidade de experiência distinta na prática da leitura, e essa leitura, no final das contas, tem a ver com a história que cada um elabora e narra para si (Bosi, 2003; Mota et al., 2014).

6 PERCURSO INVESTIGATIVO

Visando conformidade com o problema levantado e os objetivos expostos, esta pesquisa opta pelo uso de uma metodologia de natureza qualitativa, de caráter descritivo

e exploratório, utilizando a entrevista semiestruturada como principal ferramenta de coleta de dados. Para a organização e a análise destes dados, foram utilizados dois operadores do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), método de análise que valoriza a resposta individual como dado de um recorte coletivo.

A seguir, serão detalhados o tipo e a abordagem da pesquisa, os participantes, o lócus em que ocorreram as entrevistas, as técnicas de coleta e análise de dados e os procedimentos éticos adotados.

6.1 Abordagem de pesquisa

Uma abordagem de natureza qualitativa foi o que orientou o empreendimento desta pesquisa. A abordagem qualitativa tem o intuito de se debruçar sobre o objeto de estudo em seu contexto natural, valorizando a particularidade e a qualidade dos fenômenos investigados (Flick, 2009). Este tipo de abordagem interessou a este estudo porque a pesquisa qualitativa procura descrever e interpretar os dados coletados à luz das experiências pessoais dos participantes; ou seja, seu escopo é investigar como os indivíduos constroem um mundo de significados à sua volta e que relação esses significados resguardam com a literatura acadêmica produzida até o momento (Flick, 2009). Em uma abordagem qualitativa de pesquisa, portanto, o objetivo principal é receber dos participantes um relato o mais autêntico possível sobre os temas relacionados ao problema de pesquisa em questão – e por “autêntico” se quer dizer coerente com a natureza e a condição de quem participa do fenômeno em foco (Creswell, 2007).

Julgamos que tal abordagem tenha sido adequada a esta pesquisa porque ela possibilitou a apreensão da qualidade subjetiva dos relatos coletados. E essa apreensão se

traduziu pela descrição e pela análise de dados essencialmente não quantificáveis. Resaltamos aqui também o caráter humanista da investigação qualitativa, que busca apreender um recorte dos aspectos subjetivos dos sujeitos investigados, mesmo em sua constante mutação (Marconi & Lakatos, 2004), o que coadunou com os nossos interesses de investigar as possibilidades subjetivas da prática da leitura para leitores idosos.

6.2 Tipo de pesquisa

Com base em sua abordagem qualitativa, esta pesquisa optou por seguir as características de uma pesquisa descritiva e exploratória. Segundo Gil (2008), a pesquisa descritiva tem como objetivo descrever os dados coletados sobre um determinado fenômeno e relacionar as variáveis que tornam esse fenômeno particular possível de ser apreendido. No caso de uma pesquisa de campo, o seu caráter descritivo reside em “observar os fatos, registrá-los, analisá-los, classificá-los e interpretá-los” (Andrade, 2002, p. 48), atentando para o modo como o mundo físico se manifesta em seus contextos naturais. Por esse motivo, uma pesquisa descritiva pode explicitar as características de um grupo de pessoas (leitores idosos), a atividade que essas pessoas praticam (a leitura) e as propriedades que configuram essa relação como um objeto de estudo particular.

A pesquisa exploratória, por sua vez, propõe investigar e conhecer com maior profundidade um determinado fenômeno, geralmente pouco abordado na literatura acadêmica, a fim de torná-lo mais compreensível e mais familiar para os especialistas e para o público geral (Raupp & Beuren, 2006). As pesquisas exploratórias têm o intuito de proporcionar uma visão contextualizada acerca daquilo a que elas se voltam, muitas vezes buscando aprofundar teorias e conceitos pouco abordados em estudos anteriores sobre o mesmo fenômeno, o que pode acarretar novos enfoques para o assunto (Gil, 2008). Uma

das intenções desta pesquisa é justamente contribuir para um conhecimento mais amplo sobre o fenômeno da velhice na contemporaneidade, enfatizando as possibilidades de desenvolvimento de si pela prática da leitura nessa faixa etária. Explorar esse tema certamente pode auxiliar, como esta pesquisa espera ter auxiliado, o entendimento sobre uma população específica que tem ganhado cada vez mais atenção no cenário acadêmico mundial.

6.3 Os leitores idosos: definindo os participantes

Com o intuito de atender aos objetivos desta pesquisa, participaram da coleta de dados 10 (dez) leitores idosos, entrevistados individualmente. Os participantes foram selecionados a partir de critérios pré-estabelecidos de inclusão e exclusão.

Os critérios de inclusão adotados foram:

1) Ter 60 anos de idade ou mais. Este critério foi adotado levando-se em consideração o Estatuto do Idoso, que estabelece a idade mínima de 60 anos para que uma pessoa seja considerada idosa no Brasil.

2) Entender os objetivos da pesquisa e ter vontade de compartilhar com o pesquisador experiências pessoais, memórias e percepções. Do ponto de vista ético, é fundamental que o participante da pesquisa compreenda o seu papel no estudo e a importância que o seu relato terá para o trabalho do pesquisador. Além disso, também da perspectiva ética, é imprescindível que ele se sinta à vontade para relatar conteúdos pessoais de sua vida durante as entrevistas.

3) Considerar que cultiva a leitura enquanto prática regular, individual e relevante para si. Este critério foi estabelecido visando a selecionar para a pesquisa sujeitos que admitem para si a leitura como uma prática frequente, motivada e consciente, ou seja,

como uma prática que recebe investimento pessoal por parte do sujeito e integra seus comportamentos cotidianos.

Os critérios de exclusão, portanto, foram os seguintes:

- 1) Ter menos de 60 anos;
- 2) Não entender os objetivos da pesquisa ou não se sentir à vontade para compartilhar com o pesquisador suas vivências, experiências pessoais e percepções;
- 3) Não considerar que cultiva a leitura enquanto prática regular, individual ou relevante para o seu cotidiano.

Os participantes foram identificados e selecionados através da prática de amostragem em “bola de neve”, que utiliza cadeias de referência para revelar sujeitos com um perfil potencialmente adequado para participação na pesquisa (Vinuto, 2014). O primeiro passo da “bola de neve” é ter acesso a um informante-chave, pontuado na literatura como necessário para dar início ao processo de identificação dos demais participantes, precisamente porque ele “ajuda o pesquisador a estabelecer seus primeiros contatos e a se familiarizar com o grupo a ser pesquisado, além de inaugurar o quadro da amostragem” (Vinuto, 2014, p. 203). Nesta pesquisa, o informante-chave foi identificado através da recomendação de uma pessoa próxima ao pesquisador, que afirmou conhecer alguém com características adequadas ao perfil aqui buscado. Tratava-se de um leitor idoso residente na cidade de Fortaleza/CE que atendia aos critérios de inclusão.

Este informante-chave foi, portanto, o primeiro participante da pesquisa. Em seguida, foi-lhe solicitado que indicasse dois contatos de sua rede pessoal que apresentassem um perfil de leitor condizente, mais uma vez, com os critérios de inclusão aqui estabelecidos. Desses dois novos participantes em potencial sugeridos pelo informante, o pes-

quisador entrou em contato com o primeiro mencionado; e caso este se recusasse a participar da pesquisa ou, contrariando as expectativas, não se encaixasse no perfil pretendido, o pesquisador recorreria ao segundo nome.

O novo participante então selecionado também indicou dois participantes em potencial, e assim sucessivamente, seguindo um processo que foi repetido até que os dados coletados se revelassem saturados para os objetivos e a abordagem da pesquisa, levando em consideração, ainda, a limitação própria do pesquisador, que só poderia analisar qualitativamente um número restrito de participantes (Vinuto, 2014). O processo da “bola de neve” finalizou com 10 participantes entrevistados. Acredita-se que este número seja adequado para se trabalhar os dados em profundidade através de uma perspectiva qualitativa (Flick, 2009).

É importante relatar que quatro pessoas reveladas pelo processo de amostragem não participaram da pesquisa por vontade própria. Duas delas não se consideram leitoras e afirmaram, categoricamente, que o cultivo da leitura não faz parte do seu cotidiano – ou, em outras palavras, que a leitura tem papel secundário no seu dia a dia e não se constitui como prática suficientemente relevante para elas. As outras duas não manifestaram interesse em conceder a entrevista. Em cada um desses casos, o pesquisador se voltou para o contato alternativo que havia sido indicado pelo participante anterior.

O quadro a seguir apresenta um resumo dos dados de cada participante da pesquisa que compôs a amostragem final.

	Idade (em anos)	Profissão/Ocupação	Tempo como leitor(a) (em anos)	Renda pessoal (em salários mínimos)
Eliana (Informante-chave)	82	Dona de casa	Aprox. 65	1 a 2
Maria (Indicada por Eliana)	77	Dona de casa	Aprox. 65	3 a 4
Oliveira (Indicado por Maria)	67	Arquiteto aposentado	Aprox. 60	3 a 4
Félix (Indicado por Oliveira)	64	Bancário aposentado	Aprox. 50	6 a 7
Janara (Indicada por Félix)	64	Funcionária pública aposentada	Aprox. 40	4 a 5
Alana (Indicada por Janara)	71	Artista plástica	Aprox. 55	4 a 5
Hélio (Indicado por Alana)	60	Professor de educação básica	Aprox. 50	3 a 4
Ronaldo (Indicado por Hélio)	78	Padre	Aprox. 65	3 a 4
Érico (Indicado por Ronaldo)	68	Docente universitário	Aprox. 55	7 a 8
Ulisses (Indicado por Érico)	69	Docente universitário	Aprox. 50	10 a 12

Quadro 1

Perfil dos participantes da pesquisa

Seguindo a orientação de Vinuto (2014), o processo de amostragem em “bola de neve” foi escolhido para esta pesquisa por possibilitar ao pesquisador entrar em contato com uma população que possui membros anônimos difíceis de serem identificados e que estão espalhados por uma grande região – neste caso, a cidade de Fortaleza/CE, área de alcance da pesquisa. Poder-se-ia contatar os leitores idosos através da identificação de clubes ou grupos de leitura coletiva, mas essa abordagem implicaria entrevistar exclusivamente sujeitos que experimentam a prática da leitura inseridos em uma atividade formal ou institucional, e esta pesquisa teve a intenção de incluir mesmo o leitor idoso que não estava envolvido em nenhuma atividade de leitura dessa natureza. O leitor idoso que pratica a leitura somente em casa, por exemplo, não poderia ser acessado entrevistando-se apenas integrantes de um clube ou grupo formal de leitura; já a amostragem em “bola de

neve”, ao valorizar a rede de contatos pessoais dos sujeitos pesquisados, permitiu essa inclusão (Vinuto, 2014).

Os participantes foram contatados pelo pesquisador via e-mail ou telefone e convidados a fazer parte do estudo. No momento do convite, bem como imediatamente antes das entrevistas propriamente ditas, foram esclarecidos os objetivos da pesquisa, sua justificativa e sua relevância. As entrevistas foram presenciais e ocorreram no local de preferência do entrevistado, com o intuito de fazê-lo sentir-se o mais à vontade possível para a elaboração de suas respostas.

6.4 Lócus: a cidade de Fortaleza-CE

Participaram desta pesquisa leitores idosos que residem na cidade de Fortaleza/CE. Embora muitos deles não sejam originários da cidade, todos moram nela atualmente, o que nos levou a considerá-la como o lócus oficial da pesquisa.

O fato de que todos os participantes residam nesse município específico implica situá-lo como uma circunstância que os distingue enquanto grupo social. No caso desta pesquisa, portanto, faz parte do perfil do grupo pesquisado a condição “residente em Fortaleza/CE”, e, por essa razão, abordaremos neste tópico algumas das características gerais da cidade, a fim de contextualizar o ambiente em que os discursos aqui presentes foram elaborados e expressados.

Fortaleza é um município brasileiro fundado em 1725 e localizado na região Nordeste do país. É a capital atual do estado do Ceará, situando-se na parte central da faixa litorânea cearense. Sua população é de aproximadamente 2.6 milhões de pessoas, com densidade estimada em 7.780 habitantes por quilômetro quadrado. Possui um Produto Interno Bruto (PIB) per capita de R\$ 22.092,58, e o rendimento mensal dos trabalhadores

formais é de 2,7 salários mínimos, em média. No âmbito da Educação, a taxa de escolarização de crianças e adolescentes de 6 a 14 anos de idade atende ao valor aproximado de 96,1%, considerando-se tanto matrículas em escolas particulares como em escolas da rede pública da cidade (IBGE, 2015).

De acordo com um levantamento sociodemográfico nacional realizado pelo IBGE (2015), 6,9% da população total de Fortaleza/CE que possui 15 anos de idade ou mais não sabe ler ou escrever. Deste recorte, 16,1% possuem 60 anos de idade ou mais, o que corresponde a aproximadamente 40 mil idosos analfabetos em todo o município. Para fins comparativos, em 2000, a porcentagem de analfabetismo da população que possuía 15 anos ou mais era de 11,2%, e os idosos representavam 28,1% desse índice.

O município de Fortaleza/CE conta com 6.186 unidades de organizações sem fins lucrativos, segundo o último relatório feito pelo IBGE sobre esse quesito (IBGE, 2017). Desse total, 289 unidades são constituídas por organizações voltadas para o investimento em cultura e recreação, incluindo a promoção de oficinas de leitura, a realização de eventos literários para classes sociais mais vulneráveis e a divulgação de cursos de escrita e leitura para todas as idades (IBGE, 2017).

Atualmente, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de Fortaleza/CE é 0,754 – considerado alto –, o que situa a cidade na 467ª posição entre todos os municípios brasileiros. Contribuem para esse *status* os elevados índices municipais de longevidade, renda e educação (IBGE, 2017).

6.5 Coleta dos dados: as entrevistas individuais semiestruturadas

O principal instrumento de coleta de dados utilizado nesta pesquisa foi a entrevista. De acordo com Gil (2008), a entrevista é um instrumento de extrema relevância

para qualquer pesquisa de campo, pois é através dela que o pesquisador interage de modo direto com os sujeitos que podem lhe fornecer informações pertinentes para seus objetivos. Através das entrevistas, o pesquisador obtém dados importantes para o seu estudo e complementa as informações coletadas, por exemplo, através da observação ou da aplicação de questionários fechados. É por meio da entrevista que se coleta o material relativo às vivências e experiências dos sujeitos, identificadas por eles mesmos e expressas com suas próprias palavras (Aguirre & Martins, 2014).

Para a coleta dos dados desta pesquisa, foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas. Esse tipo de entrevista permite certa flexibilidade na abordagem do pesquisador sobre o conteúdo relatado pelos entrevistados, a partir de um roteiro pré-definido de perguntas que, embora devam manter seu sentido essencial, podem ser apresentadas de forma diferente para cada participante, segundo as circunstâncias. Nesse caso, certas perguntas podem ser reformuladas, deslocadas ou até adicionadas, dependendo da condução da entrevista e do material que está sendo relatado (Flick, 2009).

As perguntas de uma entrevista semiestruturada não são excessivamente específicas, o que possibilita ao entrevistado discorrer de modo relativamente amplo sobre os tópicos de interesse do pesquisador. Entre as vantagens da entrevista semiestruturada, está o fato de que o pesquisador não se limita a um questionário fixo, podendo intervir a qualquer momento da entrevista com novas perguntas direcionadas para os objetivos da pesquisa. Garante-se, assim, que as perguntas sejam suficientemente abertas para que os participantes falem livremente sobre o assunto abordado, bem como suficientemente específicas para que eles não percam o direcionamento das respostas (Flick, 2009; Gil, 2008).

O caráter semiestruturado das entrevistas pode proporcionar respostas não muito extensas nem muito exíguas sobre o tema em pauta, dado o caráter dinâmico e balizador das perguntas. Respostas muito amplas podem ser evasivas e relegar a segundo plano os

tópicos centrais buscados, assim como respostas muito curtas podem deixar de revelar o essencial. Procurando contornar esse impasse, as entrevistas semiestruturadas tentam, por um lado, evitar a rigidez das perguntas muito direcionadas, que podem fazer com que o sujeito acabe detalhando pouco uma experiência que lhe diz respeito e cujas particularidades interessam ao pesquisador (Gil, 2008); por outro lado, elas também orientam as questões para tópicos que possam ser explorados em detalhes pelos sujeitos, garantindo assim que se dê uma atenção especial “a situações ou episódios nos quais o entrevistado tenha tido experiências que pareçam ser relevantes à questão do estudo” (Flick, 2009, p. 172).

O objetivo das perguntas da entrevista semiestruturada, neste caso, foi o de coletar dos idosos participantes da pesquisa relatos sobre as suas experiências de leitura, a fim de que se pudesse explorar nesses relatos quais são as suas motivações para a prática da leitura, os significados a ela atribuídos e os benefícios percebidos. As questões apresentadas foram, nesta ordem: “O que motiva você à prática da leitura?”, “O que a leitura significa para você?” e “O que você considera que ganha através da prática da leitura, em termos de benefício pessoal?”. Antes de cada entrevista, os participantes responderam a algumas questões sociodemográficas básicas que procuraram situar o perfil econômico, social e histórico de cada um (ver Apêndice B). O roteiro semiestruturado das entrevistas e as perguntas de ordem sociodemográfica se encontram anexados a esta dissertação.

Para facilitar a coleta dos dados derivados das entrevistas, foi utilizado um gravador digital de áudio sob autorização expressa dos entrevistados. As informações coletadas das entrevistas e armazenadas no gravador foram mantidas em sigilo e utilizadas apenas para os fins desta pesquisa.

6.6 O Discurso do Sujeito Coletivo

Para a organização e a análise dos dados obtidos através das entrevistas, foram utilizados dois operadores do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC): as Expressões-chave e as Ideias Centrais. Estes operadores possibilitam agrupar, em diferentes categorias temáticas, significados, percepções e ideias compartilhadas por um determinado grupo de pessoas sobre um fenômeno específico (Lefevre & Lefevre, 2010). Assim, o trabalho com estes operadores do DSC tem como objetivo “revelar como as pessoas pensam, atribuem significados e manifestam posicionamentos sobre determinado assunto” (Duarte, Mamede & Andrade, 2009, p. 623). No caso desta pesquisa, tais operadores nos auxiliaram a revelar como pensam, significam e se posicionam os leitores idosos de Fortaleza-CE sobre a prática da leitura cultivada em seus cotidianos, enfatizando as suas motivações, os benefícios e os significados atribuídos à leitura.

O processo de organização e análise dos dados realizado através dos operadores do DSC fornece ao pesquisador a oportunidade de identificar a essência dos depoimentos de cada participante e agrupá-los em categorias semânticas que possibilitam uma visão ampla sobre o tema que está sendo estudado. Quando discriminadas, essas categorias podem ser analisadas sob a luz das discussões teóricas que embasam os referenciais sobre aquele assunto específico. Para cada pergunta da entrevista semiestruturada, são reveladas diferentes categorias que orientam respostas, e a análise dessas categorias pode resultar em uma exploração mais detalhada sobre o fenômeno em foco.

A primeira etapa do método de análise do DSC envolve a identificação das Expressões-chave (EC) das respostas de cada participante. De acordo com Marques, Lefevre e Lefevre (2009), as EC são sentenças literais extraídas de cada depoimento que representam diretamente o conteúdo objetivo da resposta relatada. São os trechos das falas dos

participantes que constituem os conteúdos essenciais para os objetivos da pesquisa e que respondem claramente à pergunta feita pelo pesquisador.

Identificadas as EC, a segunda etapa do método do DSC consiste em definir as Ideias Centrais (IC) correspondentes. Cada EC pode ser sintetizada por uma IC, que constitui um termo ou uma frase curta capaz de exprimir o significado daquela EC. Nesse sentido, as IC operam como a síntese da síntese, ou seja, como o resumo de uma EC. As IC auxiliam o pesquisador a discriminar e classificar as EC, comparando-as e agrupando-as, facilitando o processo de categorização dos depoimentos em conjuntos semânticos equivalentes.

A terceira etapa do DSC envolve a identificação de um terceiro operador, a Ancoragem (AC), que é a expressão clara de uma crença ou valor social presente no depoimento de cada participante da pesquisa. Para identificar uma AC, é preciso encontrar no depoimento do participante marcas discursivas que denotam explicitamente a ancoragem de uma fala pessoal em um discurso coletivo compartilhado. As AC revelam, nesse sentido, pensamentos que são expressos como individuais, mas que estão ancorados, na verdade, em discursos coletivos amplos.

As AC não foram identificadas e analisadas nesta pesquisa porque os discursos coletados não revelaram dados suficientes para isso. Foram operadas apenas as EC e as IC, a partir das quais foi possível elaborar as categorias temáticas que balizaram nossas análises e que atendem aos objetivos aqui propostos.

A quarta etapa do DSC, também não realizada nesta pesquisa, refere-se à elaboração de discursos-síntese finais que agrupam todas as EC identificadas em cada categoria temática. Esses discursos são organizados pelo pesquisador a fim de dar voz a uma coletividade que exprime um pensamento comum, sendo muito útil para reforçar a ideia de

uma representação social. Eles são tecidos literalmente pela fala costurada dos participantes que expressaram ideias semelhantes em seus depoimentos, e, ao ler o resultado final, os sujeitos que participaram da pesquisa se consideram contemplados pelos discursos-síntese.

Este estudo não se propôs a elaborar os discursos-síntese sugeridos pelo método do DSC porque nossa preocupação residiu em explorar em profundidade as categorias temáticas elaboradas com o auxílio dos dois operadores citados (EC e IC), valorizando a experiência pessoal de cada participante da pesquisa. Ainda que a criação dos discursos-síntese não tenha sido feita, entendemos que os depoimentos dos participantes desta pesquisa podem ser encarados como resultantes do compartilhamento coletivo de ideias e posturas – verbalizadas ou não – dentro de um grupo social específico: o de leitores idosos da cidade de Fortaleza-CE. Assumir essa perspectiva nos leva a considerar neste estudo algumas palavras sobre a Teoria das Representações Sociais (TRS) do psicólogo Serge Moscovici, que sustenta o método de análise do DSC.

A TRS é de grande relevância quando se trabalha com a categoria “significado”, tratada em um dos objetivos específicos deste estudo, a propósito. As representações sociais se referem ao modo como cada sujeito pensa e interpreta a realidade cotidiana, expressando-a e significando-a com base em uma experiência compartilhada dentro de um grupo que, muitas vezes, nem é percebido como tal (Moscovici, 2007). Nesta pesquisa, os próprios leitores idosos, levando em conta suas vivências, seus afetos e suas relações, nomearam e verbalizaram os significados que a prática da leitura tem para eles, e esses significados compartilhados podem ser considerados como tendo origem na experiência de um grupo cujos sujeitos dividem algo em comum – a prática da leitura –, ainda que separadamente e de maneira não coordenada.

Assim, podemos considerar que as representações sociais refletem um conhecimento prático que colabora para a ação e o pensamento organizado de um conjunto de pessoas que dividem características capazes de defini-las como grupo (Wachelke & Camargo, 2007). As motivações para a leitura, seus significados e os benefícios percebidos são vistos como possibilidades de elaboração subjetiva que podem ser nomeadas e verbalizadas a partir de uma experiência comum ao grupo de leitores idosos, ainda que, em última instância, cada leitor idoso aborde essa experiência de modo estritamente pessoal.

Fundamentado na TSR, o DSC é assumidamente uma técnica de organização e análise de dados que pode assumir um caráter qualitativo e/ou quantitativo. Nesta pesquisa, o DSC como método de análise foi utilizado em sua vertente qualitativa, valorizando a elaboração pessoal e individual das experiências dos leitores idosos a partir de suas práticas de leitura, fazendo surgir categorias temáticas de discursos que respondem às questões propostas pela entrevista. Essas categorias indicam as motivações, os significados e os benefícios da prática da leitura para esses leitores idosos.

Convém pontuar que as representações sociais não são determinantes da conduta individual – pois cada sujeito possui uma história de vida particular –, mas designam uma parte das ações humanas que são influenciadas pelas interações sociais e pelo contexto mais amplo em que as pessoas estão inseridas. Além disso, as representações sociais são *indicadores* sociais, uma vez que apontam características de um determinado perfil coletivo (Wachelke & Camargo, 2007). A TRS está relacionada à realidade dos grupos e a categorias de pensamento social elaboradas a partir dessa realidade; com base nela, os sujeitos são capacitados a desenvolver posicionamentos atrelados à sua condição de membro de um conjunto maior. Sobretudo, como já afirmado anteriormente, a TRS é operada com base “na ideia de que o indivíduo extrai categorias de pensamento da sociedade” (Walcheke & Camargo, 2007, p. 380).

Esta pesquisa trabalha com a noção de que os leitores idosos em questão se posicionam sobre o seu envolvimento pessoal com a prática da leitura mediante uma atualização dos pensamentos e das posturas compartilhadas por esse grupo social que os inclui – o de leitores idosos. Embora não seja a proposta deste estudo se debruçar sobre como essa atualização é feita, nem sobre o discurso dos leitores idosos enquanto fenômeno social, entende-se aqui que essas questões existem e que o discurso dos participantes desta pesquisa foi por elas influenciado.

A utilização do DSC é cada vez mais difundida em pesquisas científicas de abordagem qualitativa, proporcionando às investigações um instrumento eficaz para se trabalhar com crenças, valores e opiniões sobre um tema específico a partir do ponto de vista de um determinado perfil de pessoas (Alvântara & Vesce, 2008).

A figura a seguir resume de maneira didática o percurso metodológico adotado para esta pesquisa.

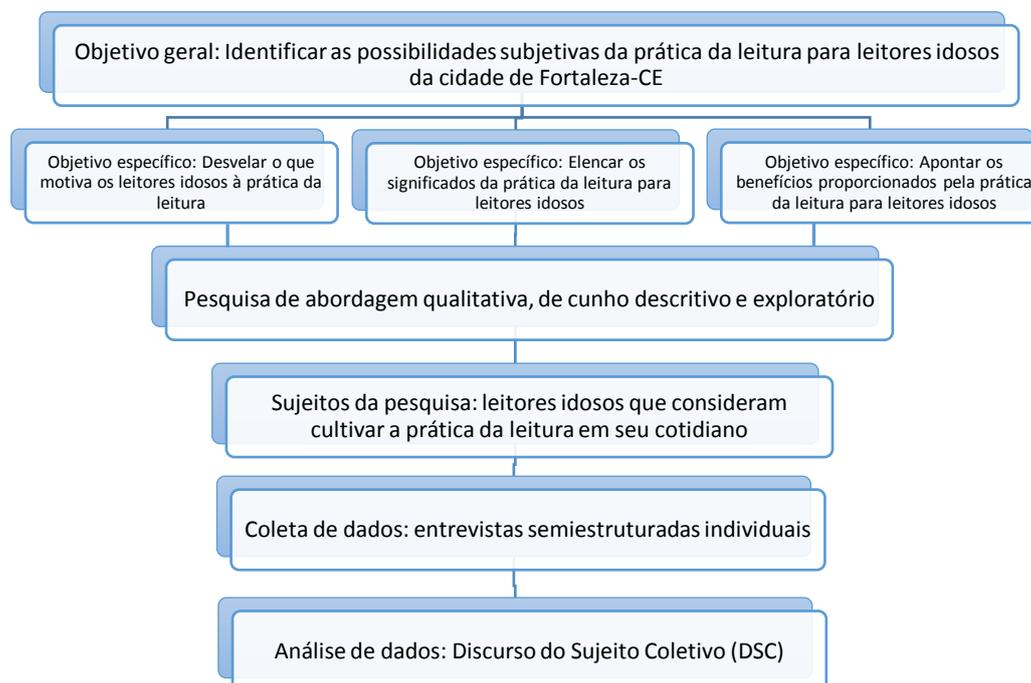


Figura 1
Percurso metodológico da pesquisa

6.8 Procedimentos éticos

Considerando os aspectos éticos referentes a pesquisas que envolvem seres humanos, atentamos para o fato de que o projeto desta dissertação fora submetido ao Comitê de Ética da Universidade de Fortaleza (Coética Unifor). Destacamos que foram explicitados aos participantes os objetivos da pesquisa e os aspectos éticos envolvidos. O pesquisador esteve à disposição dos participantes para tirar dúvidas que porventura surgissem sobre a condução da pesquisa. Além disso, foi solicitado que os participantes lessem e assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE, Resolução nº 466/12) disponibilizado a eles antes das entrevistas. Todas as ilustrações presentes neste texto (figura, tabelas e quadros) contêm dados que foram extraídos da pesquisa em si.

O uso do gravador digital foi feito apenas mediante a autorização dos participantes. Nesta pesquisa, foi assegurada a preservação da identidade dos idosos que concordaram em contribuir com o estudo, sendo preservados os seus nomes e qualquer outra informação que permita sua identificação. Para designar cada participante, o pesquisador escolheu um pseudônimo.

7 O QUE OS LEITORES IDOSOS DIZEM DA SUA PRÁTICA DA LEITURA? ANÁLISE DAS CATEGORIAS DO DSC

Este tópico trata da análise dos dados coletados através das entrevistas semiestruturadas realizadas com os leitores idosos participantes da pesquisa. Ao responder sobre as suas motivações para a prática da leitura, os significados conferidos à leitura e os benefícios percebidos como consequência dessa prática, os participantes discorreram acerca de sua relação pessoal com a leitura, considerando-a uma prática relevante em seu cotidiano, cujos efeitos subjetivos são percebidos, levados em consideração e desenvolvidos pelo leitor. Essa relação intimista com a leitura, estabelecida pelos leitores idosos aqui discriminados, torna-se evidente através das suas falas e da maneira como eles expõem o papel dessa prática na elaboração de sua subjetividade.

Os dados foram organizados e categorizados pela técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Como explicitado anteriormente, para a construção das categorias, foram extraídas as Expressões-chave (EC) das respostas de cada entrevistado, o que deu origem às suas respectivas Ideias centrais (IC), que auxiliaram a agregação de depoimentos com sentidos semelhantes. Esses depoimentos foram organizados dentro de categorias temáticas que serão analisadas neste tópico.

Para a primeira questão da entrevista semiestruturada – “O que motiva você à prática da leitura?” –, elaboramos as seguintes categorias, 4 no total: Prazer e satisfação; Busca por conhecimentos; Prover uma necessidade básica subjetiva; e Cultivar uma relação afetiva com os livros. Para a segunda questão – “O que a prática da leitura significa para você?” –, foram elaboradas as seguintes 4 categorias: Fonte de informação e conhecimento; Autoconhecimento; Prazer e satisfação; e Fundamento para a escrita e a fala. Para a terceira e última questão – “O que você considera que ganha através da prática da leitura, em termos de benefício pessoal?” –, revelamos estas 5 categorias: Conhecimento sobre o mundo; Autoconhecimento; Aprendizagem prática e exercício para o cérebro; Prazer e satisfação; e Humildade e respeito pela condição humana. Em cada tópico a seguir, serão detalhadas as informações referentes à revelação dessas categorias.

7.1 Motivações para a prática da leitura

Serão abordadas aqui as categorias que respondem à pergunta “O que motiva você à prática da leitura?”. Apresentamos as respostas individuais de cada leitor idoso, com base nas quais podemos tecer análises de cunho teórico, relacionando-as às discussões sobre a prática da leitura e os elementos motivadores para a prática da leitura de acordo com o leitor idoso.

A Tabela 1 mostra as categorias reveladas para esta pergunta (A, B, C e D), precisando o número total de Ideias Centrais identificadas (14). O índice (n) revela o número de Ideias Centrais que foram aglutinadas em cada categoria; a frequência relativa das ideias revela a porcentagem das Ideias Centrais referentes a cada categoria, em comparação com o número total de Ideias Centrais; e a frequência relativa dos entrevistados mostra a porcentagem de entrevistados cujas respostas compuseram cada uma das categorias.

PESQUISA	(n)	FREQUÊNCIA RELATIVA (IDEIAS)	FREQUÊNCIA RELATIVA (ENTREVISTADOS)
Possibilidades subjetivas da prática da leitura para leitores idosos de Fortaleza-CE			
1 - O que motiva você à prática da leitura?			
A - Prazer e satisfação	4	28.57 %	40.00 %
B - Busca por conhecimentos	6	42.86 %	60.00 %
C - Prover uma necessidade básica subjetiva	3	21.43 %	30.00 %
D - Cultivar uma relação afetiva com os livros	1	7.14 %	10.00 %
TOTAL DE IDEIAS		14	
TOTAL DE ENTREVISTADOS		10	

Tabela 1

Categorias referentes à motivação para a prática da leitura

7.1.1 Prazer e satisfação (A)

Esta categoria se refere à busca por diversão e entretenimento na prática da leitura, bem como por uma experiência satisfatória ao longo do tempo, derivada da sensação gratificante de desenvolvimento pessoal.

Part.	Expressão-chave (EC)	Ideia Central (IC)	Cat.
Maria	Claro, o prazer de ler. Ler é um prazer. A pessoa que lê, que tem esse hábito de ler, ela sente prazer com os livros, com as leituras dela. Ela sente prazer nesse aperfeiçoamento.	Prazer de ler	A
Hélio	O prazer de descobrir outros horizontes do mundo para além dos limites do meu próprio mundo, do meu próprio cotidiano. Ler é viajar, viajar é prazer... quando você se permite curtir a viagem. Então, assim, o que eu busco nesses livros, nas minhas leituras, é o prazer de ler, de descobrir, de sair da mesmice. De conhecer coisas novas. Não tem como terminar uma leitura e continuar sendo a mesma pessoa. Depois de uma leitura, você tem algo mais: um conhecimento novo. E isso me dá prazer.	Prazer pelas descobertas; prazer como experiência satisfatória de crescimento	A
Alana	O simples prazer de ler... Até porque uma leitura enfadonha a gente não aproveita, fica chata, fica ruim, e ninguém absorve nada. (...) O prazer também é importante. Lendo a gente se diverte e aprende, é um entretenimento bom. Eu leio por prazer.	O prazer de ler	A
Oliveira	Eu leio por prazer, por diversão, por vontade de conhecer, para me instruir... mas acho que o prazer sempre sobressai disso tudo. É o ponto principal da minha leitura. Porque, veja bem, qualquer leitura que lhe traga conhecimento, diversão, emoção, lhe traz prazer, porque é uma sensação prazerosa entrar em contato com coisas novas, coisas que acrescentam, que estimulam teu conhecimento, teu saber das coisas... que informam e	Prazer; satisfação	A

	ensinam. [pausa]. Geralmente eu leio por prazer. Não consigo ler por outra coisa. Se uma leitura não me agrada, vira obrigação, aí a coisa perde a graça. Eu não tenho idade para ler mais nada por obrigação, você está vendo. Então eu busco pelo prazer o conhecimento, a instrução e tudo mais que a leitura proporciona.		
--	---	--	--

Quadro 2

Componentes da categoria “Prazer e satisfação” (motivação para a prática da leitura)

Esta categoria foi criada a partir da resposta de 4 leitores idosos, o que corresponde a 40% da amostra da pesquisa. Em todas as respostas, é notório que o prazer que motiva os participantes a cultivar a prática da leitura está associado à busca por outros elementos considerados derivados, como a possibilidade de se aperfeiçoar (Maria), de descobrir novos conteúdos e de se transformar (Hélio), de divertir-se com o conteúdo lido (Oliveira) e de poder aprender através da leitura prazerosa (Alana). Nesse caso, a partir do que os leitores idosos relatam, o prazer buscado na leitura remete à possibilidade de extrair, da sua prática, a capacidade de aperfeiçoamento e expansão de si pela via lúdica. Até mesmo a participante Alana, que afirma de modo sucinto que é “o simples prazer de ler” que a motiva, associa o prazer da leitura ao aprendizado dela decorrente (“Lendo a gente se diverte e aprende”), enfatizando que a sensação prazerosa e divertida buscada na prática da leitura está acompanhada de percepções secundárias importantes.

O participante Hélio é preciso quando se refere ao tipo de prazer que ele busca na sua prática da leitura: “O prazer de descobrir outros horizontes do mundo para além dos limites do meu próprio mundo (...). Ler é viajar, viajar é prazer... quando você se permite curtir a viagem (...)”. Sua consideração sobre o prazer como elemento correlato à ampliação e à expansão de si nos remete ao espírito mantenedor de curiosidade, inquietação e interesse que anima o leitor e o leva à prática da leitura (Silva, 2011). Os demais leitores idosos sublinham, cada um a seu modo, o mesmo elemento prazer como algo buscado na prática da leitura, e que está intimamente relacionado à disposição positiva que os faz

cultivar tal prática. De acordo com os relatos, esse prazer buscado carrega a expectativa de levar o leitor idoso à expansão de si através de uma prática lúdica. Como relata o participante Oliveira, “(...) qualquer leitura que lhe traga conhecimento, diversão, emoção, lhe traz prazer, porque é uma sensação prazerosa entrar em contato com coisas novas, coisas que acrescentam”.

Nesses depoimentos, a percepção de crescimento pessoal conectada à sensação subjetiva de diversão, tal como relatam os participantes da pesquisa sobre suas motivações para a prática da leitura, pode ser associada ao que autores como Monteagudo et al. (2013) e Rhoden (2009) denominam como “satisfação”. Para esses autores, o conceito de satisfação difere da noção de prazer porque ele não designa apenas o caráter divertido, alegre e homeostático da atividade ou da prática em foco: ele pontua, além disso, o potencial de desenvolvimento humano da atividade praticada pelo sujeito, possibilitando a este último uma sensação relativamente duradoura de expansão de si. O relato de Oliveira e Hélio são muito precisos nesse sentido, porque relacionam de modo enfático o prazer buscado na prática da leitura com o crescimento e o desenvolvimento pessoal satisfatório.

Como sugere Cuenca (2004), o prazer enquanto sensação de diversão, gozo e recreação associada a uma atividade pontual ou prática duradoura pode ser percebida *antes* de a ação efetiva ocorrer, ou seja, pode ser considerada como uma motivação para a ação em si. O prazer, neste caso, estaria constituído na antecipação da leitura, em sua preparação e na configuração das expectativas em torno dela, remetendo-nos à possibilidade de considerar a busca pelo prazer de ler como um impulsionador essencial, motivador, da busca por novos conhecimentos e novas experiências (Monteagudo et al., 2013).

Zumthor (2018) considera que a procura pelo prazer na leitura remonta ao esforço, por parte do leitor, de se manter curioso e atento ao texto – ou seja, conectado a ele pela via lúdica –, visando a retirar deste último uma experiência propícia ao seu crescimento

enquanto pessoa. Neste caso, o prazer enquanto motivação para a prática da leitura não se refere somente a um prazer frugal, inócuo, destituído de substância subjetiva: este prazer buscado é a plataforma para que as possibilidades da leitura se abram diante do leitor interessado, captado pelo texto, aproximando-o de uma experiência satisfatória mais ampla. O participante Oliveira resume: “(...) eu busco pelo prazer o conhecimento, a instrução e tudo mais que a leitura proporciona”, sublinhando que o prazer é o que sustenta sua prática da leitura: “Não consigo ler por outra coisa. Se uma leitura não me agrada, vira obrigação, aí a coisa perde a graça”. Sua fala entra em perfeita concordância com o que Zumthor (2018) considera: “[O prazer] é um critério absoluto. Quando não há prazer – ou quando ele cessa – o texto muda de natureza” (p. 89).

No subtexto das observações de Zumthor (2018) e Cuenca (2004) está o fato de que a busca pelo prazer dita a qualidade que se destina à própria vivência do tempo. Uma prática da leitura, em harmonia com os interesses e as tendências dos leitores idosos, preenche o seu tempo e o tonifica com sentidos diversos atribuídos a partir da experiência prazerosa de leitura. O tempo livre, nesse sentido, não é o tempo liberado das obrigações, mas o tempo preenchido por uma prática cultivada livremente pelo leitor idoso – ou seja, de forma autônoma, satisfatória e automotivada – e cuja percepção é vivenciada como livre por aquele que a pratica.

É importante sublinhar que a procura pelo prazer em uma prática ou atividade específica constitui o denominador comum e o ponto de partida para o desenvolvimento pessoal atravessado pela satisfação (Cuenca, 2004; Monteagudo et al., 2013), tal como observado nas respostas dos participantes desta pesquisa. Naturalmente, a intensidade deste prazer e os complexos elementos que constituem o sentido da diversão e do entretenimento variam de uma experiência para outra, de pessoa para pessoa; mas o fato primordial é que o prazer como motivação para a prática da leitura aponta para a busca pelo

lúdico como potencial de revelação de novos conteúdos e novas experiências subjetivamente enriquecedoras ao leitor idoso, satisfazendo-o ao longo do tempo.

7.1.2 Busca por conhecimentos (B)

Esta categoria se refere à busca por aquisição e expansão de conhecimentos gerais como uma das motivações para a prática da leitura.

Part.	Expressão-chave (EC)	Ideia Central (IC)	Cat.
Alana	A curiosidade pelo conhecimento... a busca por esse conhecimento. Então a sede pelo conhecimento me motiva bastante. Essa sede por cultura, sabe?	A busca pelo conhecimento	B
Félix	Esse poder ampliar o conhecimento... Você fica mais inteligente, você conhece mais coisas, você se apropria de coisas que não sabia nem que existiam antes. Uma leitura de um romance, por exemplo, a gente amplia nossa bagagem de experiência, nossa visão de mundo, nossa cultura. A leitura de um modo geral faz isso, na verdade, não é? Amplia nosso mundo. Esse ampliar, esse expandir... aumentar o seu mundinho. Se você não lê, você fica confinado a um território muito pequeno, muito limitado... com um conhecimento limitado das coisas, com uma experiência limitada.	Ampliar o conhecimento e a visão de mundo	B
Erico	A curiosidade me motiva a ler. Eu sou muito curioso. Não leio apenas livros... leio o céu, as árvores. O sertão. E tudo isso tem no livro. A realidade está nos livros também, e eu tenho essa curiosidade de ir atrás da realidade dos livros. É isso que me motiva. Viajo pelos livros. Conheço o mundo pelos livros, pelas leituras. O que me motiva é isso: conhecer as coisas pelos livros.	Curiosidade de conhecer o mundo pelos livros	B
Janara	O assunto. Conhecer o assunto dos livros. Dos mais variados possíveis. Todo livro carrega um mundo de conhecimentos, um mundo cultura, de coisas que você pode conhecer e ficar mais sabido. É essa curiosidade que me move, sabe, até mesmo para as leituras mais corriqueiras... Uma notícia, uma reportagemzinha...	Curiosidade pelo assunto dos livros; conhecimento	B
Maria	A leitura é essencial para a pessoa buscar cultura, adquirir conhecimento das coisas. É pela leitura que ela se torna conhecedora, inteirada, consciente do mundo. Não tem outro caminho. Então, assim, o que me motiva é essa busca, sabe? Essa aprimoração. Títia que nos dizia sempre: "Ler é bom, leiam e vocês serão pessoas cultas, inteligentes". Isso ficou conosco, entende? Esse gosto de ir buscar cultura nos livros, nas leituras... qualquer que seja a leitura.	Aprimorar o próprio conhecimento e a própria cultura	B

Eliana	Você conhece Rosamund Pilcher? Eu amo a Escócia por causa dela. Um livro descrito por ela é muito detalhado, você sente como se estivesse fazendo uma viagem (...). Você curte, você vive aquilo ali. Então é muito motivador pra mim nesse sentido, sabe? De poder entrar em contato com essas coisas diferentes, né? Com esses mundos diferentes... você passa a conhecer melhor e tudo, principalmente quando a leitura é bem detalhista...	Entrar em contato com realidades diferentes	B
--------	--	---	----------

Quadro 3

Componentes da categoria “Busca por conhecimentos” (motivação para a prática da leitura)

Esta categoria foi criada a partir da resposta de 6 leitores idosos, o que corresponde a 60% da amostra da pesquisa. Sua prevalência entre as falas da maioria dos participantes revela que é relativamente difundida entre os sujeitos da pesquisa a noção de que a leitura representa fonte de conhecimentos, e que faz parte das motivações do leitor ir em busca deles (a prática da leitura significada como fonte de informação e conhecimento é discutida no tópico 7.2.1).

Dos 6 participantes cujas respostas compõem esta categoria, 3 mencionaram a palavra “curiosidade” (Alana, Erico e Janara), indicando que ela é a força motriz de sua própria busca pelo conhecimento através da prática da leitura. Os demais participantes não mencionaram tal palavra, mas também sublinharam, como motivação, a ideia de poder adquirir e aprimorar seus conhecimentos através do contato direto com informações novas que expandem sua concepção e seu entendimento de mundo.

A possibilidade de adquirir e aprimorar conhecimentos através da prática da leitura, como explicitada pelos participantes desta pesquisa, coloca a leitura no papel potencial de garantir ao idoso o acesso à cultura e aos bens culturais, assim como o acesso à informação – direitos resguardados pelo Estatuto do Idoso (Brasil, 2003). A capacidade de construir conhecimentos por meio da prática da leitura é, nesse caso, um processo que envolve a aquisição e o exercício de um senso crítico, proporcionando ao leitor idoso a capacidade de conhecer melhor o mundo e a sociedade em que ele vive, fazendo-o entrar em contato com conteúdos inéditos e/ou vistos sob uma nova perspectiva, afirmando-o

assim como sujeito político (Freire, 1993; Silva, 2011). A participante Maria ilustra essa proposição da seguinte maneira: “É pela leitura que [a pessoa] se torna conhecedora, inteirada, consciente do mundo. Não tem outro jeito. A leitura é essencial para a pessoa cultivar cultura”.

Cabe aqui uma consideração importante. Pode ser observada a recorrência da palavra “cultura” nas respostas que compõem esta categoria, especialmente nas expressões “ampliar cultura”, “buscar cultura”, “sede de cultura” e “todo livro carrega um mundo de cultura”. Embora os conceitos de “conhecimento” e “cultura” sejam distintos e mereçam tratamentos teóricos diferentes, nesta categoria ambos são considerados com sentido semelhante, como o processamento crítico de informações contextualizadas pelo histórico de vida do indivíduo e pelas práticas sociais do seu ambiente (Cuche, 2012), o que remete o leitor idoso à possibilidade de acesso ao mundo e participação ativa nele.

Tomar “conhecimento” e “cultura” como instâncias equivalentes foi uma decisão balizada pelo que os próprios participantes da pesquisa convocaram em suas falas. Segundo eles, a busca por conhecimento, ou a “busca por cultura através da leitura” (Maria), é tomada como a possibilidade de acesso à informação proporcionada pela leitura e a consequente elaboração dessa informação, o que propicia uma expansão do saber sobre o mundo – um conhecimento. Em todas as respostas em que aparecem juntas, as palavras “cultura” e “conhecimento” se confundem e convergem para esse mesmo sentido.

Convém lembrar que um tratamento teórico mais preciso sobre o termo “cultura” revela que nenhuma pessoa pode “construir” ou “aumentar” sua cultura: ela é produto e substrato ao mesmo tempo, pois está atravessada em todos os níveis da identidade humana, constituindo as práticas sociais mais diversas e sedimentadas no cotidiano (Cuche, 2012). Portanto, a “busca por cultura” a que os leitores idosos se referem, nesta categoria,

equivale à busca pela aquisição e elaboração de conhecimentos sobre o mundo. Esta é parte de sua motivação para cultivar a prática da leitura.

É oportuno enfatizar que esta categoria vai na contramão da imagem que o senso-comum normalmente confere ao idoso: do sujeito experimentado que, por já ter vivido longos anos, agora se limita a compartilhar com os outros as histórias de sua própria vida e os conhecimentos que ele adquiriu em todo esse tempo (Gurgel, 2017). Essa concepção coloca o idoso em uma posição cristalizada no tempo: ele não procura se atualiza mais, não se interessa por conteúdos novos e parece como que à parte do movimento do mundo, pois já é um “sábio” (Gurgel, 2017). O que esta categoria revela é que, pelo contrário, o idoso também pode se manter interessado por novos conhecimentos e ativo na busca pela expansão de seu entendimento sobre o mundo, se ele assim quiser. E essa possibilidade pode ser proporcionada pela prática da leitura (Bohm & Marangoni, 2011). Como relata o participante Félix, “você se apropria de coisas que nem sabia que existiam antes”.

7.1.3 Prover uma necessidade básica subjetiva (C)

Esta categoria se refere à busca por uma experiência subjetiva essencial e pessoal considerada motivadora para a prática da leitura, segundo os participantes.

Part.	Expressão-chave (EC)	Ideia Central (IC)	Cat.
Erico	Para mim, a leitura é uma necessidade, um alimento do espírito. Você tem que alimentar seu espírito. E a leitura é isso, para mim. A gente tem dois alimentos: o do corpo e o do espírito. A leitura faz parte do alimento do espírito. Você tem que alimentar a alma; a alma tem que ter grandeza, e a grandeza você constrói em parte com a leitura. A leitura é o rastreamento e a prospecção. Envolve um mergulho na solidão. A leitura exige uma certa solidão. Leio em casa, em uma hora em que estou sozinho.	Necessidade do espírito; engrandecer o espírito	C
Ulisses	As motivações são de ordem visceral. Posso me declarar um leitor contumaz porque não vivo sem ler. Mas leio desde sempre e lerei sempre porque é uma necessidade básica para minha alma (...). Leio por deleite, e esse deleite... é uma necessidade.	Necessidade básica da alma	C

Ronaldo	Eu leio porque a leitura movimenta uma mudança em mim. Ler é se lançar em algo novo, e esse algo novo muitas vezes modifica coisas antigas suas, coisas que parecem que não iam mudar nunca. É uma necessidade básica do humano. Eu leio porque eu não quero ficar parado: quero mudança, quero movimento, isso me faz sentir vivo, me faz sentir cidadão do mundo. Eu poderia descrever uma série de mudanças na minha vida provocadas pela leitura.	Necessidade de transformação de si	C
---------	---	------------------------------------	---

Quadro 4

Componentes da categoria “Prover uma necessidade básica subjetiva” (motivação para a prática da leitura)

Esta categoria foi criada a partir da resposta de 3 leitores idosos, o que corresponde a 30% da amostra da pesquisa. O fato de estes participantes terem sido bastante enfáticos no tocante à sua motivação intrínseca para cultivar a prática da leitura possibilitou a criação desta categoria como uma classe temática suficiente em si mesma, que diz respeito à necessidade do leitor idoso de prover a sua constituição subjetiva individual, em constante processo, através da prática da leitura. Essa provisão, de acordo com os participantes desta pesquisa, é considerada vital para a manutenção psíquica do próprio sujeito, e a prática da leitura, assim, pode carregar seu fim em si mesma.

Entendemos por “constituição subjetiva individual” a instância psíquica que sublinha um sujeito, ou seja, que aponta a existência de um sujeito formado pelas experiências afetivas e reflexivas vividas em relação com os outros e consigo mesmo, tornando-o capaz de definir-se e ser definido pelos demais (Figueiredo, 2007; Simondon, 2003). Embora em constante mutação – porque o sujeito vive em sociedade e se constitui também através da experiência da passagem do tempo –, essa constituição subjetiva revela uma identidade pessoal, idiossincrática, mais ou menos constante, sem a qual uma pessoa não poderia manter determinadas inclinações e preferências (Maheirie, 2002). A constituição subjetiva, portanto, faz referência a uma instância a um só tempo produto e processo

(Santi, 2016); e os participantes da pesquisa que foram revelados nesta categoria salientam que a prática da leitura é um elemento crucial para a manutenção dessa esfera subjetiva, tão pessoal que muitas vezes foi tomada como “alma” ou “espírito”.

O participante Ulisses, por exemplo, é muito claro quando afirma: “As motivações [para a prática da leitura] são de ordem visceral. Posso me declarar um leitor contumaz porque não vivo sem ler. Mas leio desde sempre e lerei sempre porque é uma necessidade básica para minha alma”. O participante Erico também se utiliza do termo “alma”; no seu caso, para descrever a própria constituição subjetiva em formação, constantemente atravessada pelo conteúdo das suas leituras, o que o faz definir a prática da leitura como um “alimento do espírito”: “Você tem que alimentar a alma; a alma tem que ter grandeza, e a grandeza você constrói em parte com a leitura”. No subtexto dessas falas, reside a ideia de que a prática da leitura não possui um fim externo a ela, ou seja, suas motivações são intrínsecas à constituição subjetiva desses leitores idosos, que se remetem diretamente às próprias necessidades subjetivas para justificar a prática da leitura. A incapacidade de encontrar na prática da leitura uma motivação concreta externa a ela – como a busca por prazer ou conhecimento – deriva do fato de que esses leitores buscam o *contato mesmo* da leitura com a sua bagagem experiencial, com sua própria constituição subjetiva em formação e transformação.

Sublinhando a leitura como processo, e não como atividade pontual, Ulisses e Erico destacam a leitura enquanto prática, cultivo de um hábito pessoal arraigado às suas próprias experiências de vida e ligado a uma necessidade elementar de manter-se vinculado ao que a leitura lhes proporciona. É interessante sublinhar que tanto Ulisses quanto Erico exercem a docência há pelo menos 35 anos – os dois são professores universitários –, o que parece se harmonizar com o fato de que ambos consideram a leitura um exercício

essencial de sua identidade, de sua subjetividade, forjada em parte pela prática profissional que os mantém em constante contato com os mais diversos tipos de leitura.

O participante Ronaldo também enfatizou a necessidade de prover sua constituição subjetiva através da prática da leitura como uma motivação, destacando o seu caráter transformador: “Leio porque a leitura movimenta uma mudança em mim. (...) É uma necessidade básica do humano”. No seu caso, Ronaldo considera relevante pontuar que sua constituição subjetiva está em constante mudança graças ao cultivo da prática da leitura: “Eu leio porque não quero ficar parado: quero mudança, quero movimento, isso me faz sentir vivo (...)”. No seu caso, a prática da leitura – enquanto prática consciente e motivada – o faz alimentar as próprias necessidades subjetivas que ele considera possuir como leitor e como sujeito: essas necessidades têm relação com a busca pela transformação de si, mas essa transformação, ela própria, segundo Ronaldo, é uma necessidade básica do ser humano. Mais uma vez, a prática da leitura é considerada com um fim em si mesma, pois sustenta uma necessidade básica de ordem subjetiva e é buscada, assim, não pelo ganho de algum elemento concreto externo a ela, mas pela experiência essencial que proporciona aos leitores idosos em questão, satisfazendo-os intimamente (Barthes, 2002; Larrosa, 2003).

7.1.4 Cultivar uma relação afetiva com os livros (D)

Esta categoria se refere à possibilidade de cultivar uma relação permeada por elementos afetivos com o objeto livro como elemento motivador para a prática da leitura.

Part.	Expressão-chave (EC)	Ideia Central (IC)	Cat.
Eliana	Ah, eu gosto de ler para estar perto dos livros também! [risos]. Muita gente fala para eu comprar livros pela internet. Tem gente que lê o livro pela internet. Eu não gosto. Eu gosto do cheiro do livro. De passar a página. Prefiro o livro físico. Ler em tela, só coisa rápida, matérias que me interessam, notícias, reportagens. Mas uma coisa maior, prefiro livro, papel. Gosto de colocar um marcador, grifar. É uma relação bem, bem afetiva mesmo com... o objeto. Livro a gente lê e quer ficar do lado dele. São quase pessoas, são meus amigos. Cheiro de livro é muito bom, tanto de livro novo quanto de livro velho. Acho que o livro velho é até mais cheiroso! (...) Comparo os cheiros, os formatos dos livros... Eu leio para sentir essas coisas.	Relação afetiva com os livros	D

Quadro 5

Componentes da categoria “Cultivar uma relação afetiva com os livros” (motivação para a prática da leitura)

Esta categoria foi criada a partir da resposta de 1 leitor idoso, o que corresponde a 10% da amostra da pesquisa. Quando questionada sobre sua motivação para cultivar a prática da leitura, a participante Eliana afirmou que mantém a leitura no seu cotidiano porque, dentre outras razões, ela gosta de se manter próxima dos livros – sentir sua forma e seu cheiro, sentir como eles se ajustam nas mãos, grifá-los, sentir a textura do papel e assim por diante. Ela diz: “Eu gosto de ler para estar perto dos livros. (...) Gosto de colocar o marcador, grifar. É uma relação bem, bem afetiva mesmo com... o objeto. Livro a gente lê e quer ficar perto deles”. O carinho que Eliana cultiva pelos livros que ela lê é comparado, inclusive, com a amizade: “São quase pessoas, são meus amigos”.

A afetividade é um conceito amplo e complexo que compreende as emoções, os sentimentos e as paixões do sujeito que entra em contato com outras pessoas, objetos ou fenômenos dentro de uma cultura perpassada por determinadas condições sociais que envolvem as mais diversas representações e os mais variados valores (Dér, 2004; Leite, 2011). É importante frisar que, embora sejam considerados opostos pelo senso-comum, a afetividade inclui um componente cognitivo essencial que possibilita ao sujeito representar certo objeto, ou certa relação, e situá-lo dentro da gama de emoções que esse objeto

ou essa relação nele suscitam. A afetividade envolve, assim, vivências de expressão humana complexas, possíveis graças à relação dialética entre processos biológicos (instintivos, orgânicos) e sociais, culturais (Dér, 2004), que dão origem a paixões, interesses ou ojerizas.

A possibilidade de cultivar a prática da leitura através da relação afetiva com livros, como motivação, não é inédita na literatura acadêmica que trata do tema, principalmente quando o leitor se refere aos gêneros romance, conto ou crônica (Cabral, 2006; Leite, 2011). Tais gêneros estabelecem um diálogo valorativo muito próximo com as expectativas, experiências e emoções particulares de quem lê, e o deleite derivado desse encontro pode ser suficientemente reforçador para manter a prática da leitura, inclusive entre idosos (Bohm & Marangoni, 2011; Cabral, 2006). A relação afetiva que surge no contato do leitor com o conteúdo do texto, nesse caso, se estende para o contato do leitor com o próprio objeto livro (Dadico, 2012), enfatizado nesta categoria por Eliane. Carregá-lo, acariciá-lo e experimentar a textura e o cheiro das folhas são formas de associar e vincular as experiências suscitadas pelo conteúdo da leitura com a dimensão física do material que proporciona essas experiências, servindo-se dos sentidos olfativo, visual e tátil para demarcar e tonificar essa relação afetiva (Chartier, 2003; Dadico, 2012).

É por essa razão que, assim como a participante Eliana, muitos leitores são resistentes em adotar a leitura facilitada por dispositivos digitais: estes últimos parecem “sem sabor” diante dos livros físicos justamente porque não possibilitam a vinculação emocional entre conteúdo e forma através dos sentidos corporais – do manuseio da forma do livro e de seu cheiro, especialmente – embora proporcionem praticidade e quantidade de leitura muito maiores (Dadico, 2012). A participante Eliana faz menção a essa preferência em seu relato: “Muita gente fala para eu comprar livros pela internet. (...) Eu gosto do cheiro do livro. De passar a página. Prefiro o livro físico. Ler em tela, só coisa rápida,

matérias que me interessam, notícias, reportagens”. Além disso, para leitores idosos, a tecnologia presente em um dispositivo portátil de leitura pode ser confusa e difícil de assimilar, o que os faz preferir a simplicidade e a familiaridade do livro físico, com o qual já possuem uma relação afetiva estabelecida, construída ao longo dos anos.

7.2 Significados da prática da leitura

Neste tópico, serão analisadas as categorias que respondem à pergunta “O que a prática da leitura significa para você?”. Assim como no tópico anterior, apresentamos aqui as respostas individuais de cada leitor idoso, com base nas quais são tecidas análises de cunho teórico, relacionando-as às discussões sobre a prática da leitura e os significados conferidos a esta prática pelo leitor idoso.

A Tabela 2 mostra as categorias reveladas para esta pergunta (A, B, C e D), precisando o número total de Ideias Centrais identificadas (18). O índice (n) revela o número de Ideias Centrais que foram aglutinadas em cada categoria; a frequência relativa das ideias revela a porcentagem das Ideias Centrais referentes a cada categoria, em comparação com o número total de Ideias Centrais; e a frequência relativa dos entrevistados mostra a porcentagem de entrevistados cujas respostas compuseram cada uma das categorias.

PESQUISA		(n)	FREQUÊNCIA RELATIVA (IDEIAS)	FREQUÊNCIA RELATIVA (ENTREVISTADOS)
	Possibilidades subjetivas da prática da leitura para leitores idosos de Fortaleza-CE			
2 - O que a prática da leitura significa para você?				
	A - Fonte de informação e conhecimento	7	38.89 %	70.00 %
	B - Autoconhecimento	3	16.67 %	30.00 %
	C - Prazer e satisfação	7	38.89 %	70.00 %
	D - Fundamento para a escrita e a fala	1	5.56 %	10.00 %
	TOTAL DE IDEIAS	18		
	TOTAL DE ENTREVISTADOS	10		

Tabela 2

Categorias referentes aos significados da prática da leitura

Compete esclarecer que entendemos por “significado” os conceitos que sintetizam as ideias de determinado grupo, estabilizadas e sedimentadas no meio social em que elas se encontram. Os significados, portanto, assumem um componente verbal – são expressos em palavras – e intelectual – essas palavras expressam ideias, noções, visões de mundo e conceitos compartilhados (Vygotsky, 2008). Nesse sentido, os significados não são estanques, mas dinâmicos, pois evoluem histórica e culturalmente de acordo com os movimentos sociais de que fazem parte. Os significados estão sempre sendo “ressignificados” pelos sujeitos, por assim dizer, porque, ao discorrer sobre uma ideia, um interlocutor que está expondo-a pode questioná-la, complementá-la ou refutá-la, criando novos padrões de pensamento e, portanto, novos significados (Costas & Ferreira, 2011).

7.2.1 Fonte de informação e conhecimento (A)

Esta categoria se refere à prática da leitura significada como fonte de informações e conhecimentos gerais para o leitor, de acordo com os participantes.

Part.	Expressão-chave (EC)	Ideia Central (IC)	Cat.
Maria	Ora, é exatamente isso: conhecimento. (...) Conhecimento objetivo. Conhecimento da vida... das artes... do mundo! Desde que eu comecei a ler na minha vida, eu percebo isso, esse contato com uma verdade... com uma coisa verídica, confiável, que alguém escreveu porque é importante e aí deve ser transmitido, sabe? (...) a leitura de notícias, de reportagens, de livros que falam de assuntos teóricos, essas coisas... isso é conhecimento direto do mundo, é um conhecimento técnico, objetivo. E tem também esse contato com a cultura. Falo de cultura quando estou me referindo à literatura, você entende? Literatura é cultura... é esse belo. A leitura significa isso para mim... cultura, conhecimento.	Conhecimento do mundo	A
Oliveira	... Penso em intelecto. Leitura é colocar em uso o seu cérebro. E isso não quer dizer que a leitura seja coisa só de gente inteligente, você percebe? Ler é descobrir... dar as mãos para algo novo. É também um fortalecimento do intelecto, é sabedoria. [pausa]. No caso de uma leitura de não-ficção, aquilo ali traz conhecimento, informações, expande seu conhecimento do mundo, ensina.	Fortalecimento do intelecto	A
Janara	Antes de tudo, informação. Tudo são informações. Até de um romance você pode extrair as mais diversas informações – por exemplo, você aprende várias coisas sobre o comportamento das pessoas, sobre algumas cidades aonde você nunca foi, e assim por diante. Em todos os livros e em todos os textos a gente pode extrair alguma coisa que a gente ainda não percebeu no correio da vida. Essa informação... essa busca pela informação é uma coisa muito valiosa para mim na leitura.	Fonte de informação	A
Alana	Leitura é sinônimo de conhecimento, de sabedoria. Quem lê é mais inteligente, é sempre mais inteligente do que a pessoa que não lê, não tem como não ser. É na leitura que a gente aprende, é sempre através da leitura. Então leitura, para mim, é sabedoria, sim, é conhecimento... Nos textos tem as informações, os conhecimentos que você... se você ler, você adquire, se você estuda, se você lê para assimilar aquilo, você acrescenta o seu conhecimento. Você fica mais inteligente, mais gabaritado naqueles assuntos.	Ferramenta para crescimento pessoal através da ampliação do intelecto	A
Hélio	Quando leio uma reportagem, um jornal, por exemplo, eu vejo claramente que esse tipo de leitura representa uma adição à minha cultura, ao meu conhecimento do mundo, porque traz dados novos que eu não conhecia antes. Você pega por exemplo uma reportagem de revista que fala sobre... sei lá... a vida das onças na Amazônia... parece uma coisa sem importância, banal, mas não é, é conhecimento. Você aprende um monte de coisa lendo um negócio assim. Um monte de coisa mesmo. Às vezes a gente nem se dá conta.	Adição ao próprio conhecimento do mundo; cultura	A
Ulisses	Ela serve para armazenar conhecimentos, aumentar sua carga de informações a respeito da cultura de modo geral. No meu caso, a poesia principalmente, mas também a história e a filosofia. São coisas que aumentam minha cultura. Eu estudo essas coisas. Estudo poesia, não só escrevo, e para escrever eu tenho que ler, que estudar. A mesma coisa com história e filosofia. Todo mundo gosta de história, e saber da história é ampliar seu conhecimento sobre o que ocorreu no mundo, na vida.	Fonte de informações e cultura	A

Eliana	Eu leio certas coisas para me manter informada, sim... é essa coisa da cultura... sabe? Às vezes eu leio algo sobre um autor, um livro, um texto, e vou atrás. Todo livro para mim é bom, sabe? Sempre tem algo para ensinar, para informar... De modo geral, foi leitura, eu vou fundo. Todo ele é uma história. Tem informação, tem tudo... tem intriga. É muito bom! Isso é cultura também, a gente aprende, eu acho. E nos livros de Getúlio Vargas também, que eu li. São histórias que você nem imagina. Me interessa por tudo. Quero saber da história! Esse povo de hoje não sabe de história. Não sabe da História do Brasil. Mas está nos livros aí. Na ditadura? Ninguém lê. Por isso que hoje estão nessa revolta. As leituras são fonte de cultura.	Informação e cultura	A
Félix	(...) A leitura representa esse encontro com essa arte que é a escrita. (...) Toda escrita é meio que uma forma de arte, eu acho. E a gente sempre aprende com a arte, não é? A arte tem muito o que ensinar.	Encontro com uma arte que ensina (a escrita)	A

Quadro 6

Componentes da categoria “Fonte de informação e conhecimento” (significados da prática da leitura)

Esta categoria foi criada a partir da resposta de 8 leitores idosos, o que corresponde a 80% da amostra da pesquisa. A ênfase das respostas incluídas nesta categoria recai sobre o caráter formativo e informativo da prática da leitura, que proporciona o contato do leitor com uma fonte de conhecimentos de toda sorte, capaz de tornar mais rica a bagagem intelectual daquele que cultiva essa prática.

O valor da leitura – ou, mais especificamente, o valor da prática da leitura enquanto ação cultivada no cotidiano do leitor – se dá principalmente em função do compartilhamento de representações culturais sobre o ato de ler, a leitura e a própria figura do leitor (Pena, 2010). Isso implica dizer que o significado que cada leitor confere à prática da leitura é fruto desse compartilhamento de representações (da cultura de que ele faz parte) e da sua própria história pessoal (Castanheira, 2002). Nesse sentido, não é um dado surpreendente que grande parte dos leitores idosos participantes desta pesquisa tenha atribuído à prática da leitura o significado de fonte de informação e conhecimento, uma vez que em nossa sociedade, de modo geral, a leitura é representada como sinônimo de sabedoria, aprendizagem e formação intelectual (Castanheira, 2002; Henriques & Fontoura, 2014). Para Pena (2010), não há como escapar dessa representação da leitura “que nos

envolve e nos rodeia a cada momento, pois somos constituídos em uma sociedade letrada, marcada pela escritura” (p. 129). Quem lê, portanto, revela que teve acesso a uma formação de base letrada e que continua em busca de aprimorar seus conhecimentos.

Pena (2010) ainda pontua que, para idosos e pessoas entre 50 e 60 anos de idade, é comum que o exercício da leitura seja encarado (não somente, mas em primeiro lugar) como uma espécie de instrumento para a ascensão social, uma vez que eles foram ensinados por seus pais e avós sobre a importância de cultivar a leitura como meio de desenvolvimento intelectual para “vir a ser alguém na vida”, ou seja, para adquirir conhecimento e fazer uso prático desse conhecimento em benefício próprio – principalmente a leitura de âmbito escolar. Essa função formativa da prática da leitura como exercício intelectual foi explicitada de forma bem clara pela participante Alana (“Nos textos tem as informações, os conhecimentos (...) se você ler, você adquire, se você estuda, se você lê para assimilar aquilo, você acrescenta o seu conhecimento. Você fica mais inteligente, mais gabaritado naqueles assuntos”), pelo participante Oliveira (“Leitura é colocar em uso o seu cérebro. (...) é também um fortalecimento do intelecto, é sabedoria. (...) aquilo ali traz conhecimento, informações, expande seu conhecimento do mundo, ensina”) e pela participante Janara (“Antes de tudo, informação. Tudo são informações. (...) Essa busca pela informação é uma coisa muito valiosa para mim na leitura”). O participante Félix, ainda que signifique a prática da leitura como um “encontro com essa arte que é a escrita”, pondera que a arte possui um caráter formativo, didático, de cunho intelectual: “A arte tem muito o que ensinar”.

A prática da leitura significada pela maioria dos leitores idosos como fonte de informação e conhecimento realça a importância da leitura cultivada no cotidiano para o processo de aprimoramento intelectual nessa faixa etária, o que inclui o direito de acesso à cultura e aos bens culturais estabelecido pelo Estatuto do Idoso (Brasil, 2003). De

acordo com o relato do participante Ulisses, a prática da leitura, nesse sentido, “aumenta” a sua cultura: “Eu estudo essas coisas. Estudo poesia, não só escrevo, e para escrever eu tenho que ler, que estudar”. Uma vez que os leitores idosos sublinham a relevância dessa prática para o seu próprio processo de aprendizado e formação intelectual, é de suma importância que a sociedade facilite o encontro do idoso com a leitura, estimulando sua prática consciente e motivada.

7.2.2 Autoconhecimento (B)

Esta categoria se refere à prática da leitura significada como possibilidade de promover autoconhecimento para o leitor idoso, ou seja, de lhe suscitar reflexões sobre algumas de suas particularidades enquanto sujeito.

Part.	Expressão-chave (EC)	Ideia Central (IC)	Cat.
Félix	Fonte de crescimento emocional e intelectual... de você mesmo, sobre você e para você. Como eu disse, é lendo que você se amplia, amplia suas questões, pensa mais longe. Você lê um Dostoiévski, você apreende coisas da natureza humana que lhe dizem respeito, então você se conhece melhor. Os livros são como... espelhos... nesse sentido, sabe? Refletem o que nós somos. Falo da literatura, claro, mas tem tanto livro bem escrito que não é de ficção e que também engrandece nesse sentido.	Fonte de conhecimento sobre si; sobre a condição humana	B
Ronaldo	Muitas vezes acho traços próprios da minha vida, da minha visão do mundo, dos meus sonhos, dos meus ideais, dos meus planos de vida (às vezes mal entendidos) nas leituras que faço. Então a leitura para mim só pode ser um tipo de espelho, um espelho que preciso esfregar para me ver melhor. Ela leva ao autoconhecimento... o conhecimento de mim... então ela é essa porta que me leva ao descobrimento de mim. (...) E, com isso, só ganho, só me enriqueço cada vez mais...	Autoconhecimento	B
Erico	A leitura é fonte de autoconhecimento, sem dúvida nenhuma. Existe um diálogo entre autor e leitor, e esse diálogo pode proporcionar um autoconhecimento enorme. Por isso que é importante ler de forma atenciosa, dando um mergulho no texto. Para absorver as coisas do texto. A leitura tem essa função em mim. Ela funciona como uma catarse. (...) Quando a gente lê um bom livro, um bom texto, a gente se transforma. (...) Por isso acho importante ler o que se gosta. Eu considero a leitura como um canal de autoconhecimento.	Autoconhecimento	B

Quadro 7

Componentes da categoria “Autoconhecimento” (significados da prática da leitura)

Esta categoria foi criada a partir da resposta de 3 leitores idosos, o que corresponde a 30% da amostra da pesquisa. Os relatos fazem referência à prática da leitura como uma fonte de autoconhecimento que possibilita ao leitor um engrandecimento pessoal através da capacidade de saber mais sobre si mesmo. Dois dos depoimentos, inclusive, comparam a prática da leitura com a figura do espelho, afirmando que ela, a prática da leitura, pode revelar particularidades do próprio sujeito ao expô-lo a determinados conteúdos (textos) que dialogam intrinsecamente com a história de vida do leitor idoso, bem como com a sua própria concepção de identidade pessoal.

O participante Ronaldo é muito claro quando afirma: “A leitura para mim só pode ser um tipo de espelho, um espelho que eu preciso esfregar para me ver melhor. Ela leva ao autoconhecimento. (...) E, com isso, só ganho, só me enriqueço cada vez mais...”. Segundo ele, essa possibilidade de autoconhecimento se explica pelo fato de que muito de sua “visão de mundo” – de seus “ideais”, “planos de vida” e “sonhos” – é identificado em suas leituras, e essa aproximação lhe revela, através das considerações dos autores que ele lê, aspectos de sua vida que ele não havia considerado antes, ou havia considerado de outra maneira. O participante Félix afirma a prática da leitura enquanto fonte de autoconhecimento quando diz que há muito “da natureza humana” nos livros, e que entrar em contato com esse conteúdo o faz olhar para si mesmo e o conhecer melhor – tanto através da literatura quanto por meio de outros gêneros não-literários. O participante Erico pondera que, na condição de canal de autoconhecimento e de potencial transformação de si, a prática da leitura se revela como um “diálogo entre autor e leitor”, rico para a construção de um saber sobre si.

O que esses depoimentos nos sugerem é que a prática da leitura – ou seja, o cultivo do comportamento extensivo da leitura no cotidiano, sem que se perca de vista as consequências dessa leitura cultivada para a própria constituição subjetiva (Ferreira, 2012;

Silva, 2011) – pode ser compreendida como uma possibilidade de experiência que revela um saber incapaz de ser separado da própria história de vida do leitor idoso em questão, pois, na condição de experiência, a prática da leitura é mantida e representada como algo particular a cada um, ligada à maneira como cada leitor idoso se traduz. As respostas dos três leitores idosos classificadas nesta categoria mostram que a prática da leitura é representada como fonte de autoconhecimento porque, em último caso, ela comporta a possibilidade de uma experiência que não acontece fora do leitor idoso, mas a partir dele, a partir do reconhecimento de conteúdos seus nos textos lidos, que os atualizam, que os colocam em revisão (Larrosa, 2003).

A prática da leitura significada como uma experiência de autoconhecimento desse tipo encontra respaldo nos comentários de Kramer (2000), que enfatiza o caráter pessoal do conhecimento de si elaborado através dessa prática. Segundo a autora, a prática da leitura “engendra uma reflexão sentida (...) sobre aspectos fundamentais da vida humana”, provocando “a ação de pensar e sentir criticamente as coisas da vida e da morte, os afetos e suas dificuldades, os medos, sabores e dissabores” (p. 21) a partir do confronto do leitor com os pontos de vista dos autores que ele lê. Que esse pensamento crítico possa se voltar para si, ou melhor, para o saber de si, é algo apontado pelos leitores idosos em questão, como demonstrado.

Esta categoria sublinha o caráter transitório e mutante da constituição social e subjetiva do idoso, que, neste caso, não se reconhece como entidade social e subjetiva estática, mas em constante formação e transformação. O idoso, segundo os relatos apontados nesta categoria, não é o “senhor de cabelos brancos” que sabe tudo sobre o mundo e possui uma bagagem de experiências solidificadas, de acordo com o senso-comum (Gurgel, 2017); é o sujeito que, por ser sujeito, está em permanente revisão crítica e atualização de

si mesmo, conhecendo-se e reconhecendo-se através de diversas práticas (Martins, 2017), incluindo a prática da leitura.

7.2.3 Prazer e satisfação (C)

Esta categoria se refere à prática da leitura significada como fonte de diversão e entretenimento, bem como de experiência satisfatória derivada da sensação gratificante de perceber-se em desenvolvimento pessoal.

Part.	Expressão-chave (EC)	Ideia Central (IC)	Cat.
Janara	Leitura também é diversão, é entretenimento, é prazer. Você lê um bom livro para se entreter, porque aquilo te traz... alegria... te traz um prazer, é gostoso. A gente não pode dizer que lê só para ficar mais intelectualizado, mais cheio de conhecimento e coisa e tal... A gente lê também porque gosta, porque isso faz parte do nosso lazer, do que a gente... do que nos deixa felizes. Tem gente que assiste TV, tem gente que lê, porque é aquilo que ela gosta de fazer no passatempo dela. Mas ela sempre extrai algo dessa leitura, não pode ser uma coisa passiva, em vão.	Prazer, diversão, entretenimento	C
Ulisses	Viagem... O prazer da viagem verdadeira. Não há viagem que se compare à viagem proporcionada pela leitura, já dizia Umberto Eco, né? Viagem no sentido de caminho, de sair sem saber para onde vai, onde vai chegar. A leitura é, ou deveria ser, esse grande crescimento. Você sabe que não vai te prejudicar, então pode fechar o olho e ir. Alguma coisa você vai extrair dessa viagem, desse percurso. É se jogar e aproveitar o gosto da leitura. Você cresce, você se aprimora... isso é prazeroso, é gratificante.	Prazer; Experiência similar a viagem; satisfação	C
Eliana	Ela é fonte de prazer. E como! ... Às vezes releio para saber se tenho o mesmo prazer de antes, de quando li pela primeira vez. Às vezes releio e vejo um novo significado no texto, um novo... detalhe da coisa. A leitura pra mim é essa coisa do prazer... de se renovar pelo prazer. Leio também outras coisas porque gosto, sabe? Tem que ser coisa boa, interessante, para eu ir atrás. Eu navego na história, no texto... é uma sensação boa que não vai embora... mesmo depois de muito tempo, fica com a gente.	Fonte de prazer e satisfação	C
Hélio	Quando leio literatura, eu vejo ali um sabor, um deleite que eu tenho com as palavras. Aí não tem a ver com adição de conhecimento, mas com prazer mesmo... com o gosto de ler, de ver as palavras, de juntar um enredo na cabeça... tudo isso traz um prazer, um gosto danado. (...) Porque leitura para mim é isso, essa coisa boa de descobrir e redescobrir coisas o tempo todo, assuntos bons, coisas que maravilham a gente, sabe?	Deleite; prazer	C

Oliveira	Quando eu penso em leitura, eu penso em prazer, como eu já disse... é uma coisa prazerosa. No caso de um livro de ficção, a leitura daquilo ali é prazer, é uma afetividade... uma coisa assim... ligada a sentimentos seus.	Prazer	C
Erico	Envolve um prazer. Eu tenho que tirar o sabor do saber.	Prazer; experiência	C

Quadro 8

Componentes da categoria “Prazer e satisfação” (significados da prática da leitura)

Esta categoria foi criada a partir da resposta de 6 leitores idosos, o que corresponde a 60% da amostra da pesquisa. Os depoimentos dos participantes incluídos aqui revelam que o prazer como significado da prática da leitura comporta algo semelhante ao prazer como motivação para ela, discutido no tópico 7.1.1: um espectro que vai da diversão e do entretenimento imediatos à sensação gratificante e duradoura de desenvolvimento pessoal, que denominamos, como Monteagudo et al. (2013), de “satisfação”.

Para a participante Janara, por exemplo, a prática da leitura se aproxima do que se entende por lazer a partir da perspectiva clássica de Dumazedier (1979) – diversão, descanso e desenvolvimento: “Tem gente que assiste TV, tem gente que lê, porque é aquilo que ela gosta de fazer no passatempo dela. Mas ela sempre extrai algo dessa leitura (...)”. Por outro lado, o participante Ulisses enfatiza o caráter prazeroso da prática da leitura sublinhando-o como uma experiência similar à da viagem, do encontro enriquecedor com os textos (Larrosa, 2003), algo que leva à ideia de satisfação: “Viagem no sentido de caminho, de sair sem saber para onde vai, onde vai chegar. A leitura é, ou deveria ser, esse grande crescimento (...). Você cresce, você se aprimora... isso é prazeroso, é gratificante”.

A diversão e o entretenimento podem ser caracterizados pelo rompimento da monotonia e do tédio da vida diária, aquilo que se opõe ao automatismo gerado pela ação cotidiana, trazendo consigo a percepção de alegria e bem-estar (Mascarenhas, 2005). Nesse sentido, pode-se dizer que os leitores idosos significam a prática da leitura como

potência para a promoção de um prazer que revela a perspectiva de liberdade das exigências cansativas das demais atividades do dia-a-dia. Como afirma a participante Janara: “A gente não pode dizer que lê só para ficar mais intelectualizado, mais cheio de conhecimento e coisa e tal... a gente lê também porque gosta, porque isso faz parte do nosso lazer (...), do que nos deixa felizes”. O conceito de lazer, aqui, se aproxima daquele apontado nos estudos de Camargo (2012), que ressalta as práticas de lazer também como possibilidades de evasão de um cotidiano que parece estar sempre cerceando as possibilidades de expressão de si e usufruto das atividades.

A prática da leitura significada como experiência satisfatória enfatiza, por sua vez, a sensação subjetiva de usufruir dos efeitos da leitura e a sensação gratificante de se desenvolver como pessoa através dela, ao longo do tempo. Essa experiência satisfatória, de caráter mais duradouro, não pode ser dissociada do prazer imediato que a prática da leitura convoca, de acordo com os participantes, o que nos leva a considerar prazer e satisfação como atributos correlatos, intrínsecos (Monteagudo et al., 2013). A prática da leitura como fonte de satisfação difere da sua noção de prática prazerosa porque ela está menos relacionada à diversão e ao entretenimento imediatos e mais direcionada para o reconhecimento gratificante, duradouro, de desenvolvimento pessoal. Aqui, tanto o prazer quanto a satisfação são encontrados nos relatos dos leitores idosos.

Essa é a constatação a que se chega ao observar a fala dos participantes em foco. Nas palavras de Hélio, por exemplo: “Quando eu leio literatura, eu vejo ali um sabor, um deleite que eu tenho com as palavras. Aí não tem a ver com adição de conhecimento, mas com prazer mesmo... com o gosto de ler (...), de juntar um enredo na cabeça... Tudo isso traz um prazer, um gosto danado. (...) esse prazer de descobrir e redescobrir coisas o tempo todo”. Nas palavras de Eliana: “A leitura pra mim é essa coisa do prazer... de se

renovar pelo prazer. (...) Tem que ser coisa boa, interessante, para eu ir atrás. (...) É uma sensação boa que não vai embora... mesmo depois de muito tempo, fica com a gente”.

Nesses casos, o prazer da prática da leitura inclui o prazer de evadir-se do cotidiano (no caso de uma leitura recreativa, que não seja a trabalho) e a possibilidade de expandir-se, de extrair algo “dessa viagem, desse percurso”, o que leva a uma experiência de satisfação mais duradoura. O que os depoimentos dos leitores idosos desta categoria revelam é que a prática da leitura assume para eles um caráter prazeroso que dá margem a vários encaminhamentos: do prazer da diversão e do entretenimento à satisfação pessoal de cultivar uma prática propícia ao desenvolvimento de si.

7.2.4 Fundamento para a escrita e a fala (D)

Esta categoria se refere à prática da leitura significada como exercício fundamental para a habilidade de escrever e se comunicar.

Part.	Expressão-chave (EC)	Ideia Central (IC)	Cat.
Erico	A leitura é o primeiro passo para a escrita. Para saber escrever, você deve saber ler. Eu sou professor e leio para aprender a escrever, a dar aulas, a falar.	Fundamento para a escrita e a fala	D

Quadro 9

Componentes da categoria “Fundamento para a escrita e a fala” (significados da prática da leitura)

Esta categoria foi criada a partir da resposta de 1 leitor idoso, o que corresponde a 10% da amostra da pesquisa. Na condição de professor universitário, o participante Erico sublinha o papel da prática da leitura como fundamento para o exercício da escrita e da fala, essenciais para o seu cotidiano profissional. Na sua perspectiva, a prática da leitura representa um exercício constante para o aprimoramento dessas duas habilidades

sociais, e um dos seus significados, portanto, reside no fundamento de ambas. É lendo que ele aprende, em outras palavras, a se comunicar.

O subtexto contido no depoimento de Erico dá margem a análises interessantes do ponto de vista da linguagem como processo de constituição e interação social. Ele revela que a prática da leitura e a produção de textos estão alicerçadas na noção de que as interações verbais, constituídas socialmente, colocam os interlocutores na posição “de sujeitos que agem no e sobre o mundo, usando a linguagem para influenciar o outro e ser por ele influenciado, em uma construção conjunta de sentido” (M. C. Silva, 2009, p. 4). Essa noção é de suma importância para se entender a prática da leitura como um comportamento de formação da práxis discursiva integrado à fala e à escrita – comportamento este que, desenvolvido em um meio social, como não poderia deixar de ser, é constitutivo do próprio sentido da linguagem, o que proporciona chances de ação política no mundo (Freire, 1996; M. C. Silva, 2009). Nessa perspectiva, é lendo que o leitor compartilha com os demais sujeitos uma compreensão simbólica do mundo e se capacita a compartilhar diversos conteúdos com seus pares, firmando seu papel de cidadão, de agente político formador e transformador do meio social, exercitando suas práticas discursivas.

Essas proposições encontram estofos nas análises de Bakhtin (2011), que discute o diálogo como formador do sentido constitutivo e criativo da linguagem. Para o referido teórico, um texto carrega a possibilidade de interlocução porque deve levar em consideração as elaborações do autor do escrito e do leitor que o lê. O encontro com o texto, assim, possibilita a formação dialógica de um terceiro sentido que difere daquele proporcionado exclusivamente pela visão do autor e pela do leitor – ele é fruto de ambas. Tal diálogo intertextual é atravessado pela compreensão e produção de sentidos, não se limitando, em absoluto, à mera apreensão de uma informação contida nas palavras impressas:

trata-se da dialogia como fundamento da linguagem, das práticas verbais dinâmicas, que encontram seu curso também na leitura (Bakhtin, 2010, 2011; Ferreira & Dias, 2005).

Levando em consideração esse papel da leitura na interação e na formação social, pode-se dizer que idosos que cultivam a prática da leitura se encontram inseridos nesse jogo de elaboração e compartilhamento de sentidos forjados em sociedade (M. C. Silva, 2009). Nesta pesquisa, dentre outros significados, foi revelada a prática da leitura enquanto fundamento para a fala e a escrita – ou seja, para o diálogo, entendendo-o como uma ação política –, tal como enfatizado pelo participante Erico. Além da contribuição objetiva que a prática da leitura pode oferecer ao exercício da docência – à capacidade de preparar e dar aulas com maior apropriação vocabular e narrativa, como no caso de Erico –, o cultivo da leitura no cotidiano do idoso, de modo geral, o habilita a participar da interlocução constitutiva com seus pares, como apresentamos aqui. A leitura, assim, revela um propósito efetivo de comunicação que conduz ao seu potencial político, e esse propósito, ou esse significado, é enfatizado na resposta que deu origem a esta categoria.

7.3 Benefícios da prática da leitura

Neste tópico, serão analisadas as categorias que respondem à pergunta “O que você considera que ganha através da prática da leitura, em termos de benefício pessoal?”. Essas análises dão prosseguimento às articulações teóricas dos achados do campo de pesquisa feitas nos tópicos anteriores. Aqui, relacionamos os dados coletados nas entrevistas às discussões sobre a prática da leitura e os benefícios desta prática para o leitor idoso.

A Tabela 3 mostra as categorias reveladas para esta pergunta (A, B, C, D e E), precisando o número total de Ideias Centrais identificadas (20). O índice (n) revela o número de Ideias Centrais que foram aglutinadas em cada categoria; a frequência relativa

das ideias revela a porcentagem das Ideias Centrais referentes a cada categoria, em comparação com o número total de Ideias Centrais; e a frequência relativa dos entrevistados mostra a porcentagem de entrevistados cujas respostas compuseram cada uma das categorias.

		(n)	FREQUÊNCIA RELATIVA (IDEIAS)	FREQUÊNCIA RELATIVA (ENTREVISTADOS)
PESQUISA	Possibilidades subjetivas da prática da leitura para leitores idosos de Fortaleza-CE			
3 - O que você considera que ganha através da prática da leitura, em termos de benefício pessoal?				
	A - Conhecimento sobre o mundo	6	30.00 %	60.00 %
	B - Autoconhecimento	4	20.00 %	40.00 %
	C - Aprendizagem prática e exercício para o cérebro	3	15.00 %	30.00 %
	D - Prazer e satisfação	6	30.00 %	60.00 %
	E - Humildade e respeito pela condição humana	1	5.00 %	10.00 %
TOTAL DE IDEIAS		20		
TOTAL DE ENTREVISTADOS		10		

Tabela 3

Categorias referentes aos benefícios da prática da leitura

7.3.1 Conhecimento sobre o mundo (A)

Esta categoria se refere à aquisição e ampliação de informações diversas que possibilitam ao leitor idoso conhecimentos gerais sobre o mundo, como benefício da prática da leitura.

Part.	Expressão-chave (EC)	Ideia Central (IC)	Cat.
Alana	Conhecimento, entendimento do humano... A cada livro, a cada leitura, eu enriqueço mais a minha mente, aprendo mais coisas. A aprendizagem é um dos maiores benefícios da leitura. Não tem como negar. Ela que me deixa conhecer mais sobre a natureza humana... sobre o que está acontecendo no mundo, por aí.	Conhecimento, entendimento do humano	A

Ulisses	O aumento da carga de informações, de ordem cultural e técnica. Aos 9 anos, li “Os sertões”, de Euclides da Cunha. Para mim, foi um alubrimento. Eu nem entendi tudo, lógico, porque a linguagem do livro é muito complicada. Mas sei que, dos livros fundadores do Brasil, “Os sertões” talvez seja o mais emblemático, o mais fundo na nossa essência primordial, que é sertaneja. Então você entrar em contato com essa bagagem cultural é um dos benefícios da leitura.	Aumento da carga de informações, de ordem cultural e técnica	A
Oliveira	A leitura me traz conhecimento... Você, lendo, você se atualiza do mundo, você entende os sentimentos humanos, você comunga da... de certa sabedoria universal. Porque mesmo aqueles textos mais pessoais do autor, eles trazer um conteúdo sempre universal, entende? Uma verdade universal. Não é assim? Isso enriquece a mente. Deixa você mais inteirado do mundo... do mundo humano.	Conhecimento do mundo objetivo e do mundo humano	A
Félix	Conhecimento e cultura das questões humanas. A leitura me deixa mais sensibilizado para essas coisas, para essas questões de ordem humana, digamos assim. E veja que mesmo a leitura de uma reportagem qualquer pode oferecer isso. Você lê “Nível das águas do açude não sei de onde não subiu esse ano” e pode parecer uma coisa pequena, corriqueira... mas fala da questão da água no nordeste, de como as pessoas sofrem com isso, de como os cientistas medem os níveis da água... você pode aprender muito com uma reportagenzinha dessas. Toda leitura é enriquecedora. Eu me sinto muito “alimentado” quando estou lendo, me sinto informado.	Conhecimento sobre as questões humanas	A
Eliana	Conhecimento. Hoje conheço muita coisa graças à leitura. Não viajo, mas conheço. Meu sonho é conhecer Barcelona, para ver as obras de Gaudí. Entrei nas obras dele, na vida dele pelos livros. (...) Conheço tudo, é uma maravilha! A gente fica mais informado quando lê. Eu pelo menos acho que é bom ler para se manter informado das coisas, para ganhar conhecimento, ganhar cultura, principalmente das coisas que eu gosto. Uma vez um médico já idoso escreveu um artigo sobre pessoas com Alzheimer. Eu li, achei muito interessante. Coisas assim eu entro no computador e leio. Política. Tudo. E acabo aprendendo um bocado também.	Cultura, conhecimento e informação	A
Maria	Adquiro conhecimento... Às vezes leio uma coisa em um livro que eu nunca tinha ouvido falar, aí vou atrás pesquisar sobre essa coisa, e amplio assim o meu repertório, sabe? O meu conhecimento daquilo. É assim que a leitura funciona comigo.	Amplia o conhecimento	A
Hélio	O conhecimento do mundo. Como eu disse antes, lendo você se torna mais sabido, mais por dentro das coisas. O conhecimento das coisas do mundo é importantíssimo, é uma das coisas que a leitura traz de melhor para mim.	Conhecimento do mundo	A

Quadro 10

Componentes da categoria “Fundamento para a escrita e a fala” (significados da prática da leitura)

Esta categoria foi criada a partir da resposta de 7 leitores idosos, o que corresponde a 70% da amostra da pesquisa. Todas as respostas fazem referência explícita à ampliação de conhecimentos sobre o mundo como benefício direto da prática da leitura, enfatizando

que tal prática deixa os leitores idosos em contato constante com conteúdos que expandem seu arcabouço intelectual e promovem conhecimentos os mais diversos.

A ampliação de conhecimentos sublinhada pelos entrevistados pode ser dar tanto por meio de textos de ficção, como relatado pelo participante Ulisses, como por meio de notícias e reportagens variadas, como mencionado pelo participante Félix. Em ambos os casos, a prática da leitura deixa o leitor idoso “mais sensibilizado para as questões de ordem humana” e fornece contato com “uma carga de informações” que pode aumentar a propriedade do leitor sobre assuntos diversos.

O fato de os leitores idosos participantes desta pesquisa terem relatado a ampliação do conhecimento sobre o mundo como um dos benefícios da leitura coincide com o que pesquisas anteriores já apontaram, incluindo as citadas por Bohm e Marangoni (2011). Em todos esses casos, a leitura cultivada no cotidiano do idoso é considerada propícia à construção de novos conhecimentos. Como enfatiza a participante Maria: “Às vezes leio uma coisa em um livro que eu nunca tinha ouvido falar, aí vou atrás pesquisar sobre essa coisa, e amplio assim o meu repertório, sabe? O meu conhecimento daquilo”.

Não podemos deixar de observar que o tema “conhecimento” deu origem a três categorias diferentes, cada uma constituindo parte da resposta a perguntas distintas – quanto às motivações para a prática da leitura, foi revelada a busca por conhecimento; quanto aos significados da prática da leitura, foi revelada a categoria “fonte de informação e conhecimento”; e quanto aos benefícios percebidos como fruto da prática da leitura, foi revelado o “conhecimento sobre o mundo”. Essa recorrência do tema “conhecimento” relacionado à prática da leitura parece indicar que os leitores idosos que cultivam tal prática levam em alta consideração a leitura como possibilidade de ampliar conhecimentos sobre o mundo a partir do diálogo que eles estabelecem com os textos lidos, o que evi-

dencia, sobretudo, a prática da leitura como um processo construtivo, dialógico e interativo que envolve a participação ativa do leitor idoso – afinal, são suas preferências, paixões e tendências que ditam a maneira como os conteúdos dos textos serão apropriados e elaborados (Ferreira & Dias, 2005).

A ampliação de conhecimentos sobre o mundo como benefício da prática da leitura, para leitores idosos, pode constituir “um meio de repensar a realidade e reestruturá-la a partir da crítica e do questionamento sobre essa mesma realidade” (Ferreira & Dias, 2005, p. 324), o que nos leva a encarar o leitor idoso como agente político transformador do meio social. Isso é especialmente válido quando consideramos que a ampliação de conhecimentos implica um processo reflexivo que articula criticamente as informações que chegam ao sujeito, capacitando-o a ler a realidade através de várias perspectivas inéditas (Ferreira & Dias, 2005).

7.3.2 *Autoconhecimento (B)*

Esta categoria se refere à possibilidade de o leitor idoso refletir sobre sua própria condição de sujeito por meio da prática da leitura, fazendo com que conteúdos dos textos dialoguem com suas experiências pessoais, promovendo autoconhecimento.

Part.	Expressão-chave (EC)	Ideia Central (IC)	Cat.
Hélio	Autoconhecimento. Não importa a temática... principalmente em literatura... Faço minhas aquelas experiências vividas – quer dizer, descritas – no livro. Crio sempre um quê de empatia, seja com a história, seja com algum personagem, que me faz pensar na minha própria vida, e essa empatia criada é importante, porque fala de você.	Autoconhecimento	B
Eliana	Eu sinto que os livros me dão uma força especial. Foi graças ao hábito da leitura que eu estou fazendo análise hoje. Esses livros me ajudaram a procurar uma psicóloga. Acho que lendo é possível viver, se conhecer. A leitura proporciona vida. Você passa por uma coisa difícil, por exemplo, e entra na leitura. Ela te dá forças. Te dá saídas. Aprendo exemplos de vida.	Força para viver; entrar em contato consigo	B

Maria	Uma obra literária, quando é realmente boa, ela me faz conhecer é de mim mesma! Isso a leitura às vezes me traz, que é um benefício. Me conhecer como pessoa, a pessoa que eu sou.	Autoconhecimento	B
Erico	Ela nos transfigura. Estou aqui, começo a ler e entro em um mundo simbólico que tem a virtude de nos levar para fora de nós mesmos. A leitura provoca isso e eu vejo isso como um benefício... Você experimenta coisas diferentes... a gente entra em dimensões que não são as dimensões tradicionais, banais do dia-a-dia. Eu sou presenteado com os livros, as leituras que eu faço, que mostram como o mundo é bem maior que eu. A leitura faz com que a gente se divida... e até se conheça melhor assim. Traz pontos de vista diferentes, personagens diferentes... A gente se projeta além da gente.	Transfiguração; autoconhecer	B

Quadro 11

Componentes da categoria “Autoconhecimento” (significados da prática da leitura)

Esta categoria foi criada a partir da resposta de 4 leitores idosos, o que corresponde a 40% da amostra da pesquisa. Em todos os casos, os participantes relataram que a prática da leitura proporciona o benefício do autoconhecimento; ou seja, que a leitura cultivada de modo autorreflexivo traz a possibilidade de articular o conteúdo dos textos com a própria noção de identidade do leitor idoso. Essa articulação pode acarretar consequências imprevistas, como aquela compartilhada pela participante Eliana: “Foi graças ao hábito da leitura que eu estou fazendo análise hoje. Esses livros me ajudaram a procurar uma psicóloga. Acho que lendo é possível viver, se conhecer”. No seu depoimento, o participante Erico menciona a capacidade de transfiguração que a prática da leitura lhe proporciona, fazendo com que ele assuma e considere vários pontos de vista diferentes do seu, o que lhe dá a capacidade de conhecer melhor as próprias opiniões e representações de mundo: “Ela nos transfigura. Estou aqui, começo a ler e entro em um mundo simbólico que tem a virtude de nos levar para fora de nós mesmos. A leitura provoca isso e eu vejo isso como um benefício... [Ela] faz com que a gente se divida... e até se conheça melhor assim”.

Não devemos deixar passar despercebido o fato de que todos os 4 depoimentos fazem referência à leitura de textos literários, em especial. Os participantes Erico, Hélio

e Maria falam de “histórias”, “personagens” e “obras literárias” ao explicar o tipo de leitura que tem a capacidade de fazê-los se conhecer melhor; Maria, ao falar de “exemplos de vida”, está se referindo aos romances que ela tem o hábito de ler desde a adolescência. Embora o benefício do autoconhecimento não seja exclusivo dos gêneros literários, aqui ele é associado imediatamente à literatura, de acordo com o que trouxeram os leitores idosos.

Para Azevedo (2004) e Almeida (2009), a literatura possui a vantagem de emular com fidelidade o mundo à volta do leitor, fazendo-o reconhecer-se no universo imaginado pelo autor da obra, o que facilita a identificação de quem lê com personagens e situações específicas do enredo. Por meio de um texto literário, é possível suscitar discussões e fazer surgir pontos de vista diferentes “sobre assuntos humanos relevantes, muitos deles, aliás, geralmente evitados pelo discurso didático-informativo – e mesmo pela ciência – justamente por serem considerados subjetivos, ambíguos e imensuráveis” (Azevedo, 2004, p. 25). Assim, os textos literários conversam diretamente com o leitor, dilatando as possibilidades de apreensão do ambiente e da natureza humana através da abordagem de assuntos voltados para as paixões e emoções, a construção de uma voz pessoal, as dificuldades de compreender o próximo, as várias e complexas questões éticas, a busca de uma identidade pessoal e, ainda, a busca pelo autoconhecimento (Azevedo, 2004).

Como vimos no tópico 4.2, a prática da leitura, enquanto conceito, implica essa articulação do conteúdo dos textos com o próprio mundo pessoal do leitor; do contrário, ela não teria implicações de ordem subjetiva para ele, ou seja, não traria possibilidades subjetivas ao leitor enquanto pessoa. A prática da leitura possibilita o autoconhecimento do leitor idoso porque ela faz referência exatamente a um exercício consciente e frequente da leitura, gerando reflexões potencialmente formadoras de conhecimento – tanto do

mundo externo quanto do mundo pessoal do leitor (Cabral, 2006; Ferreira, 2012; Silva, 2011).

De acordo com o que foi assinalado no tópico 2.2, o envelhecimento e a própria velhice são fases da vida marcadas por diversas transformações físicas e psicossociais, de modo que é importante ter acesso a uma via que possibilite ao idoso a capacidade de meditar, especular sobre e reconhecer sua condição de ser social inserido no mundo, com todas as suas contradições e seus entraves. Como os participantes revelados nesta categoria afirmaram, a prática da leitura representa uma dessas vias de acesso ao reconhecimento de si, constituindo uma possibilidade subjetiva significativa para o desenvolvimento pessoal.

7.3.3 Aprendizagem prática e exercício para o cérebro (C)

Esta categoria se refere ao benefício da prática da leitura de possibilitar ao leitor idoso aprendizagens objetivas (como o aprimoramento da habilidade da escrita) que favorecem um exercício constante para o bom funcionamento do cérebro.

Part.	Expressão-chave (EC)	Ideia Central (IC)	Cat.
Janara	Aprendizado constante. E outra coisa: mantenho o cérebro ativo, funcionando, raciocinando. Isso é importante. Manter o cérebro ativo. Como eu falei, né, lendo a gente aprende, e aprender movimenta o cérebro, deixa ele mais ativo, mais esperto. A leitura me ajuda a não deixar o cérebro definhando. E o bom disso é que ainda aprendo. A gente aprende lendo, né? Então esse é um ótimo benefício da leitura, o aprendizado e o exercitar da mente.	Aprendizado constante e o conseqüente exercício do cérebro	C
Eliana	Você aprende a escrever melhor quando tem o hábito de ler. Hoje eu vejo tanta gente formada que escreve ruim, com erros de português. Acho que ninguém lê hoje em dia.	Aprende a escrever melhor	C

Quadro 12

Componentes da categoria “Aprendizagem prática e exercício para o cérebro” (significados da prática da leitura)

Esta categoria foi criada a partir da resposta de 2 leitores idosos, o que corresponde a 20% da amostra da pesquisa. Tanto a participante Janara quanto a participante Eliana mencionaram, em seus relatos, um aprendizado prático como benefício direto da prática da leitura; no caso de Janara, há uma referência ao exercício mental a que o cérebro é submetido no processo da prática da leitura, e, no caso de Eliana, é mencionado o aprimoramento da habilidade da escrita. Como sublinha Janara, um dos benefícios da prática da leitura é manter o “cérebro ativo, funcionando, raciocinando. (...) Aprender movimentar o cérebro, deixa ele mais ativo, mais esperto”. Eliana dá ênfase a um aprendizado prático específico: “Você aprende a escrever melhor quando tem o hábito de ler”.

O depoimento das duas leitoras idosas chama atenção para o fato de que a prática da leitura mantém estreita relação com o desenvolvimento de habilidades práticas que proporcionam estímulos importantes para o funcionamento saudável do cérebro. Debates e pesquisas do campo da neurociência sugerem que esse desenvolvimento se dá pela percepção e apreensão consciente e inconsciente de estímulos presentes na atividade recorrente da leitura, resultando em alterações sinápticas que culminam em aprendizados diversos, como é o caso da habilidade da escrita adquirida ao longo do tempo (Dehaene, Cohen, Morais, & Kolinsky, 2015; Guaresi, 2012; Floriani, 2005). De acordo com Dehaene et al. (2015), o contato frequente com textos faz com que o leitor apreenda, geralmente de forma imperceptível à sua consciência, o uso correto da gramática, a adequada aplicação de palavras e expressões, a estrutura devida para a coerente concatenação de ideias etc. – elementos que ele tende a reproduzir na hora de falar ou escrever seu próprio texto.

Além disso, segundo Dehaene et al. (2015), cultivar a prática da leitura aumenta a competência do leitor para a memorização de conteúdos e a interpretação de ideias complexas, uma vez que ele tende a exercitar o raciocínio dedicado à decodificação e à

apreciação de signos verbais escritos. Essa competência é amplamente descrita também por Guaresi (2012): segundo o autor, “a adequada dosagem pelo escritor na relação entre informações dadas e novas permite que o leitor, durante a leitura, faça antecipações e formule hipóteses” (p. 65) que são postas à prova pelo debate ocasionado pelo texto; ou seja, o leitor participa ativamente do processo de leitura fomentando sua própria capacidade de raciocínio sobre os textos. Essa possibilidade de exercício mental é enfatizada no relato da participante Janara, como vimos.

Se o envelhecimento satisfatório está relacionado com a ideia de que os indivíduos podem desenvolver seus potenciais de bem-estar físico, social e mental ao longo desta fase do ciclo da vida (Cuenca, 2017), podemos considerar que a prática da leitura estimula esse desenvolvimento ao suscitar desafios ao leitor idoso que tonificam sua capacidade cognitiva através de uma prática que lhe é prazerosa e cultivada no cotidiano de forma voluntária. Ao afirmar que a prática da leitura lhes possibilita um aprendizado prático e um exercício cognitivo, as participantes Janara e Eliana sublinham um benefício resultante de um comportamento que elas procuram cultivar em seu dia-a-dia: a leitura. Esse benefício dialoga com a proposta do envelhecimento satisfatório porque se refere ao fruto de uma prática voluntária, prazerosa e repleta de sentidos para os envolvidos, incluindo desafio e desenvolvimento pessoal para os leitores idosos (Rhoden, 2009).

7.3.4 Prazer e satisfação (D)

Esta categoria se refere ao benefício da prática da leitura de proporcionar diversão e entretenimento ao leitor idoso, bem como uma experiência satisfatória duradoura decorrente da percepção de desenvolvimento pessoal.

Part.	Expressão-chave (EC)	Ideia Central (IC)	Cat.
Oliveira	Prazer, tranquilidade... Ler um bom livro traz tranquilidade, sim. Nada como sentar com um cafezinho aqui na varanda e ler, é uma maravilha, o tempo passa e você nem percebe. É relaxante. É uma viagem! Maior barato [risos].	Tranquilidade	D
Félix	Quando é uma leitura de ficção, e das boas, sinto... um prazer enorme. É isso. Aquela coisa que me deixa ligado, achando bom... fico submerso naquilo, nadando no texto... Me sinto pleno, alimentado, cheio de coisas novas para descobrir... me empolgo todo. Me sinto acompanhado.	Sensação de plenitude	D
Alana	Prazer. O prazer da leitura também deve ser levado em consideração. Já disse: uma leitura que não é prazerosa perde o seu poder de... de atração. Então eu só leio o que me traz prazer, e a leitura, a leitura do que eu gosto, me dá prazer. Isso é muito bom!. Não tenho mais tempo de ficar lendo coisa ruim, não é? [risos]. Só leio coisa boa, que me dá aquele prazer da leitura, que me adiciona, que me acrescenta... e que dá aquele sabor gostoso de estar lendo coisa boa.	Prazer	D
Hélio	Outro ganho é o relaxamento do corpo e da alma que a leitura propicia. Você lendo, curtindo uma boa leitura, você relaxa, esquece o caos do mundo, mergulha ali na sabedoria das palavras, das teorias, das histórias; é tipo um calmante, só que não te deixa lesado, não é? Te deixa é esperto.	Relaxamento do corpo e da alma	D
Erico	A leitura é terapêutica! A narrativa, principalmente. Ela tem a vantagem de dar um certo conforto a gente. Ela é confortável a ponto de... se eu vou botar uma criança para dormir, eu conto histórias para ela. Algumas leituras que faço têm a virtude de serem reconfortantes. Isso nos ajuda. É uma certa lombra. A leitura é uma espécie de droga, nesse caso.	Conforto, relaxamento	D
Maria	Sinto um prazer imenso lendo um bom livro... Não tem como, ler uma obra universal, bem escrita, é um prazer enorme. Tanta coisa que você aprende com grandes pensadores, autores... Você se diverte, aprende... Isso é muito prazeroso! Esse prazer da leitura está sempre presente.	Prazer	D

Quadro 13

Componentes da categoria “Prazer e satisfação” (significados da prática da leitura)

Esta categoria foi criada a partir da resposta de 6 leitores idosos, o que corresponde a 60% da amostra da pesquisa. O depoimento dos participantes revela aqui que um dos benefícios da prática da leitura é a sensação de prazer e relaxamento proporcionada ao leitor; prazer como diversão e entretenimento, e relaxamento como afastamento mental das diversas atividades cotidianas exigentes. Como sublinha o participante Félix: “Sinto... um prazer enorme. (...) aquela coisa que me deixa ligado, achando bom. Fico submerso naquilo, nadando no texto... Me empolgo todo”; e o participante Oliveira: “Ler

um bom livro traz tranquilidade. Nada como sentar aqui na varanda com um cafezinho e ler (...). É relaxante. O tempo passa e você nem percebe”.

O elemento prazer revelado nos discursos desta categoria carrega uma forte relação com o caráter de entretenimento e diversão da prática da leitura, muito embora seja imprudente resumi-lo a esses dois aspectos. Levando em consideração o depoimento global dos participantes – e levando em consideração especialmente o que foi discutido no tópico 7.1.1 –, infere-se que o prazer aqui nos direciona também para o conceito de satisfação (Monteagudo et al., 2013; Rhoden, 2009). Como foi sublinhado anteriormente, o conceito de satisfação difere da noção de prazer porque ele não designa apenas o caráter imediato divertido, alegre e homeostático da ação: ele pontua, além disso, o potencial de desenvolvimento humano da atividade praticada pelo sujeito, possibilitando a este último uma percepção gratificante de crescimento pessoal (Monteagudo et al., 2013). Essa noção de satisfação pode ser depreendida dos depoimentos de Maria e Alana, por exemplo: “Só leio coisa boa, que me dá aquele prazer da leitura, *que me adiciona, que me acrescenta...* e que dá aquele sabor gostoso de estar lendo coisa boa”; “Ler uma obra universal, bem escrita, é um prazer enorme. *Tanta coisa que você aprende com grandes pensadores, autores...*” [grifos nossos].

Portanto, ainda que a prática da leitura traga como benefício o prazer da diversão e o relaxamento, possibilitando ao leitor o descansar e o entreter-se – “esquecer o caos do mundo” e “mergulhar na história” –, ela também convoca a sensação de satisfação, ao proporcionar ao leitor aprendizados e crescimentos ao longo do tempo. Como enfatiza o participante Félix: “Me sinto pleno, alimentado, cheio de coisas novas para descobrir”, além do divertimento explicitamente relatado. Portanto, esta categoria foi intitulada como “Prazer e satisfação” porque percebemos que os dois conceitos estão presentes, não competindo entre si, mas complementando-se: o prazer como ponto de partida para a sensação

mais profunda, mais subjetiva, de satisfação pessoal (Cuenca, 2008; Monteagudo et al., 2013).

É importante sublinhar que tanto o prazer quanto a satisfação contribuem para a consolidação de uma experiência de ócio. O prazer pelo seu viés imediato de alegria e bem-estar, de distensão, que proporciona ao sujeito um estado mental propício à criatividade e à abertura para a elaboração de novos conteúdos; e a satisfação pela sensação subjetiva duradoura de crescimento pessoal pela via de uma prática desejada e automotivada (Monteagudo et al., 2013), que promove o desenvolvimento do sujeito – neste caso, do leitor idoso.

7.3.5 *Humildade e respeito pela condição humana (E)*

Esta categoria se refere ao desenvolvimento da humildade e do respeito pela condição humana através da abertura essencial aos textos, caracterizando a passividade da experiência descrita por Larrosa (2002).

Part.	Expressão-chave (EC)	Ideia Central (IC)	Cat.
Ronaldo	A humanidade não vai se perder, não está acabada, como certos falsos profetas dizem. Toda uma vida de leitura me confirma isso. A força dos livros, dos autores, é hoje maior do que nunca. Os autores têm voz pelos livros e, com eles, os leitores. Eu ganho com isso. Ganho respeito pela dignidade humana. Todo ser humano merece respeito, tem uma própria dignidade, todo ser humano é um mistério e eu faço parte disso. Você aprende a ser humilde. Afinal, quem sou eu na frente de figuras históricas ou atuais que eu nunca conheci ou conhecerei pessoalmente? Mas cuja vida, façanhas ou ensinamentos me impressionaram e me transformaram? Há muitos anos esse mistério se apresenta para mim através das minhas leituras, o mistério da humanidade, que merece consideração, merece atenção.	Esperança e respeito pela condição humana	E

Quadro 14

Componentes da categoria “Humildade e respeito pela condição humana” (significados da prática da leitura)

Esta categoria foi criada a partir da resposta de 1 leitor idoso, o que corresponde a 10% da amostra da pesquisa. O depoimento do participante Ronaldo foi tão repleto de detalhes e explorou um tema tão diverso dos demais leitores idosos que acabou por revelar uma categoria própria capaz de dialogar, inclusive, com a noção de experiência e elaboração de sentido através da prática da leitura. Segundo ele, o cultivo da prática da leitura lhe proporcionou a compreensão de que a humanidade é grandiosa em seus feitos e em suas lutas e, mesmo com suas contradições, lhe inspira respeito e humildade. Nas suas palavras, “quem sou eu na frente de figuras históricas ou atuais que nunca conheci ou conhecerei atualmente? Mas cuja vida, façanhas e ensinamentos me impressionaram e me transformaram? (...) [Através da leitura], ganho respeito pela dignidade humana”. Ainda de acordo com Ronaldo, a compreensão da existência do mistério da vida e da natureza humana, que tanto lhe inspiram humildade, só foi possível graças a “uma vida inteira de leitura”.

A resposta de Ronaldo sobre o benefício da prática da leitura traz uma ampla conexão com o que entendemos por experiência e, mais especificamente, por “saber da experiência”. Segundo Larrosa (2002), a experiência só é possível quando o sujeito se deixa ser afetado pelo fenômeno, ou seja, quando ele se transforma em “território de passagem” ou “superfície sensível” que produz afetos e inscreve marcas a partir do que se lhe passou – a partir do que foi vivido, a partir de sua relação com o fenômeno. Nesse caso, ainda de acordo com o autor, o sujeito da experiência é caracterizado por sua passividade, quer dizer, pela primazia da abertura em detrimento da ação marcada pela certeza. Em outras palavras, o sujeito da experiência é o sujeito do questionamento, da dúvida, e essa posição passiva lhe rende uma abertura ao novo da qual deriva certo saber sobre o mundo, fruto de uma elaboração própria, pessoal (Larrosa, 2002).

Ao mencionar a humildade adquirida pela prática da leitura, bem como o respeito pela complexidade da natureza humana, o participante Ronaldo enfatiza que “uma vida inteira de leitura” lhe possibilitou uma compreensão mais profunda do mundo – e de si mesmo – graças à abertura essencial aos textos, à sua disponibilidade primeira em fazer com que o conteúdo de suas leituras ressoasse em sua própria identidade subjetiva, em seu mundo interno (Larrosa, 2002). É essa abertura desinteressada, afinal, que o faz sentir-se humilde, pois ele assume a possibilidade de, através da prática da leitura, parar para pensar, escutar, refletir sobre sua condição, inclusive formando novas concepções de realidade.

Para Freire (2008), se a leitura deve ser um encontro potencialmente desencadeador de experiências nas quais o leitor constrói sentidos, afeta-se e transforma sua compreensão do mundo, a prática da leitura pode ser encarada como um exercício intelectual e afetivo que forja parte do mundo subjetivo do leitor a partir dos temas que os textos propõem. Isso ocorre porque a leitura pode engendrar no leitor o afastamento reflexivo e o desprendimento de si, que o levam a colocar em suspenso, ou em xeque, suas próprias convicções e seus hábitos relacionados à maneira com que se porta no ambiente em que vive (Almeida, 2008; Kramer, 2000). Esse processo é possível quando leitor se coloca na posição de sujeito da experiência.

8 A PRÁTICA DA LEITURA PARA LEITORES IDOSOS COMO POSSIBILIDADE DE EXPERIÊNCIA E ÓCIO: RETOMANDO OS CONCEITOS

Algumas das categorias vistas anteriormente nos remetem a elementos subjetivos que convocam a noção de experiência. Por uma questão de organização, utilizaremos este

tópico para tecer articulações mais detidas entre essas categorias e o conceito de experiência, indicando relações possíveis entre elas e as experiências de ócio, incluindo o cenário do envelhecimento satisfatório. Esta discussão final é importante para retomarmos os pressupostos desta pesquisa e considerá-los a partir do referencial teórico apresentado e dos dados analisados.

Esta pesquisa se impôs a seguinte pergunta norteadora: Quais são as possibilidades subjetivas da prática da leitura para leitores idosos da cidade de Fortaleza-CE? A busca pelas possíveis respostas a essa questão nos levou a identificar, em relatos de leitores idosos, alguns dos elementos subjetivos convocados pela prática da leitura, dentre as suas motivações, os seus significados e benefícios. Os pressupostos admitidos foram dois: a) a prática da leitura pode convocar elementos subjetivos que possibilitam ao leitor idoso o que se entende por experiência, a partir de Larrosa (2002, 2003); e b) a prática da leitura pode proporcionar, aos leitores idosos, experiências de ócio relacionadas à motivação intrínseca, à liberdade percebida e à satisfação, tal como apontam Aquino e Martins (2007), Rhoden (2009) e Cuenca (2016). Assim, consideramos que a prática da leitura pode contribuir para um envelhecimento satisfatório, constituindo uma prática automotivada e voltada para o desenvolvimento pessoal desses leitores.

Para que essas articulações sejam compreendidas pelo leitor deste trabalho, é importante considerar alguns conceitos centrais, a começar pelo conceito de experiência, que retomamos aqui brevemente.

Larrosa (2002, 2003) define experiência como um encontro repleto de sentido e potencial de transformação entre o sujeito (o chamado sujeito da experiência) e o fenômeno em foco (que pode ser uma atividade, por exemplo, ou uma prática). Esse encontro, rico do ponto de vista subjetivo, proporciona uma sabedoria de si, fruto da exposição ao fenômeno e à sensação de contato imersivo com o que ele oferece. Ao se deixar atravessar

pelo fenômeno, o sujeito da experiência assume a posição de território sensível no qual se inscreve diversas marcas afetivas: assim, ele se lança em uma série de provações, degustações ou experimentações que envolvem o contato com realidades diferentes das suas, explorando um mundo incerto ao qual ele não tem certeza de como vai reagir. Por isso a experiência inclui, por definição, a exposição e a consciência da oportunidade para se transformar frente o inédito, para desenvolver-se – não do ponto de vista material, mas sobretudo pessoal, afetivo.

A prática da leitura como possibilidade de experiência é inferida a partir das categorias “Prover uma necessidade básica subjetiva” (motivação), “Cultivar uma relação afetiva com os livros” (motivação), “Autoconhecimento” (como um dos significados da prática da leitura e também como um dos benefícios) e “Humildade e respeito pela condição humana” (benefício).

Em “Prover uma necessidade básica subjetiva”, os participantes pontuam que buscam cultivar a prática da leitura porque ela lhes possibilita constituir sua subjetividade, ou seja, ela provê uma necessidade subjetiva que lhes é fundamental. Como vimos, essa necessidade subjetiva está relacionada ao contato mesmo da leitura com a bagagem experiencial do leitor idoso, quer dizer, ela remete à exposição do leitor aos textos, porque é essa exposição – consciente e automotivada, no entender do conceito de experiência – que o alimenta psicologicamente. Como os próprios participantes relataram, é nesse contato frequente com a leitura que eles buscam “o alimento do espírito”, o que quer dizer que eles veem na prática da leitura uma oportunidade para se constituir subjetivamente, para se constituir sujeito, território de atravessamentos subjetivos.

A categoria “Cultivar uma relação afetiva com os livros” resguarda relação com o conceito de experiência quando convoca componentes afetivos para a prática da leitura, a saber, o contato apaixonado (*pathos*) do leitor idoso com o material físico de sua leitura.

Esse contato afetivo faz referência a uma dimensão subjetiva importante envolvida na experiência: os recursos emocionais de que o sujeito dispõe para lidar com o fenômeno, com aquilo que lhe atravessa (Larrosa, 2002). É necessário frisar que a experiência não diz respeito apenas à relação racional, tampouco neutra, entre o sujeito e aquilo que lhe acontece: ela é envolta em componentes afetivos – carinho, sensação de padecimento, sensação de plenitude, amor etc. – que dão contorno ao que se vive em experiência, ou que demarcam o saber proveniente da experiência. Por isso, de acordo com Larrosa (2002), o saber da experiência não deve ser confundido com o simples conhecimento racional sobre algo: ele é recheado pela imersão afetiva no acontecimento – neste caso, na prática da leitura –, que forja parte da constituição subjetiva do leitor idoso.

A categoria “Autoconhecimento”, tanto no tocante ao significado da prática da leitura quanto ao seu benefício, mantém relação com o conceito de experiência porque o saber de si relatado pelos participantes é o saber característico da experiência, aquele que permite ao sujeito apropriar-se da própria vida, provando-se, pondo-se à prova, transfigurando-se (Larrosa, 2002). Esse saber de si pela experiência demarca uma qualidade existencial na prática da leitura, sustentando a possibilidade de autoconhecimento. Os leitores idosos que indicam o autoconhecimento como um dos significados possíveis da prática da leitura sinalizam, assim, que essa exposição de si é uma das condições para tal prática; a prática da leitura só pode significar autoconhecimento para os leitores que compreendem que uma abertura de si é essencial na leitura, o diálogo aberto com o conteúdo dos textos que revela um saber sobre os próprios leitores e dá margem a transformações (Larrosa, 2003). Muitos dos participantes mencionaram que a prática da leitura lhes possibilita, como benefício, conhecer mais da natureza humana, e que conhecer a natureza hu-

mana é conhecer a si mesmo. Além disso, enfatizaram que a identificação com determinados conteúdos de suas leituras lhes permite engendrar um saber sobre sua própria pessoa, o que nos remete ao conceito de experiência discutido por Larrosa (2002).

Por fim, a categoria “Humildade e respeito pela condição humana”, revelada através do discurso do participante Ronaldo, também resguarda relações com o conceito de experiência que aqui abordamos. De acordo com Larrosa (2002, 2003), a experiência ocorre em sujeitos que assumem um estado de receptividade, passividade e até mesmo padecimento, sem o qual a abertura essencial para o saber de si (autoconhecimento) e a apreensão do mundo pela ótica da sensibilidade são impossíveis. Nesse estado, o sujeito da experiência se revela paciente, atencioso e respeitoso para com o que pode surgir de seu contato imersivo com o fenômeno. No caso de Ronaldo, a prática da leitura lhe possibilitou cultivar valores próximos da humildade e do respeito pela condição humana graças a esse estado de passividade propício à experiência – um estado que não deve ser confundido com apatia, mas com permissividade, relacionada à consciência da própria limitação e finitude.

O segundo pressuposto desta pesquisa considera que a prática da leitura pode proporcionar, aos leitores em questão, experiências de ócio relacionadas à motivação intrínseca, à liberdade percebida e à satisfação, tal como apontam Aquino e Martins (2007), Rhoden (2009) e Cuenca (2016).

De acordo com esses autores, a experiência de ócio é um tipo particular de experiência que está ligada à satisfação, à liberdade percebida e à motivação intrínseca para a realização de uma determinada atividade. Esses três fatores combinados promovem ao sujeito a possibilidade de desenvolvimento pessoal, ao lhe permitir o aprimoramento de capacidades e talentos diversos pela via da autonomia e da apropriação do tempo da pró-

pria vida. Como toda experiência, a experiência de ócio está relacionada a elementos subjetivos, ou seja, a como o sujeito se apropria da sua ação em termos afetivos, motivacionais, em sua percepção temporal etc. (Aquino & Martins, 2007).

Nesse aspecto, o ócio é uma experiência enriquecedora da natureza humana, pois, ao envolver uma ocupação prazerosa e apreciada pelo sujeito, ele possibilita a autoafirmação deste diante do mundo: o sujeito tem consciência do que gosta de fazer e de quais são os efeitos da sua ação para a sua constituição psíquica (Rhoden, 2009). É dessa consciência que surge a possibilidade de desenvolvimento pessoal, quando o sujeito se percebe dentro de limites que podem ser expandidos através da prática de uma atividade que lhe estimula, lhe dá prazer e que representa para ele uma chance de crescimento (Cuenca, 2018).

De modo geral, as categorias reveladas nesta pesquisa nos possibilitam identificar elementos subjetivos propícios à experiência de ócio, em especial “Prazer e satisfação” (motivação, significado e benefício), “Busca por conhecimentos” (motivação), “Conhecimento sobre o mundo” (benefício), “Prover uma necessidade básica subjetiva” (motivação), “Cultivar uma relação afetiva com os livros” (motivação) e “Autoconhecimento” (significado e benefício). Não serão analisadas aqui cada uma delas em separado, mas sim algumas das características da experiência de ócio que elas convocam: Prazer e satisfação, Motivação intrínseca e Liberdade percebida.

Enquanto sensação imediata de bem-estar, desfrute e alegria, o prazer está no cerne das atividades ou práticas que podem proporcionar experiências de ócio (Monteagudo et al., 2013). O ócio facilita o desenvolvimento potencial de talentos e capacidades do sujeito porque não diz respeito a uma atividade ou prática que lhe é frustrante, ou que comporte elementos agressivos àqueles que a realizam. Pelo contrário, a sensação de estar em consonância com os próprios desejos, inclinações e capacidades faz da ação do sujeito

em ócio uma possibilidade de busca pelo aprimoramento e pela expansão de si através do prazer, que reforça o caráter agradável da experiência (Cuenca, 2008, 2018).

Como vimos durante a análise das categorias, os leitores idosos relataram buscar prazer na prática da leitura, significando esta prática como algo que lhes é prazeroso e mencionando o prazer como um dos benefícios proporcionados. Ao analisar detidamente as respostas em questão, consideramos que alguns dos participantes estavam se referindo não somente à sensação imediata de bem-estar, diversão e alegria, mas também a outros elementos considerados derivados, como a possibilidade de se aperfeiçoar, de descobrir novos conteúdos e de se transformar ao longo do tempo, aproximando-se do conceito de satisfação.

Por sua vez, a motivação intrínseca diz respeito ao conceito de *autotelismo*, ou seja, do fim em si mesmo, da meta que se encontra na própria ação. Esse é um conceito caro à noção de ócio porque implica que as experiências de ócio são, sobretudo, voltadas para o sujeito, sublinhando o prazer sentido durante as atividades e a satisfação de quem as realiza de forma automotivada e consciente (Aquino & Martins, 2007; Rhoden, 2009). Nesse caso, como visto na categoria “Prover uma necessidade básica subjetiva” (motivação), a prática da leitura é cultivada pela experiência automotivada que proporciona aos leitores idosos: eles não leem para buscar um ganho externo à leitura, e sim pela própria experiência de leitura, do prazer e da satisfação que essa prática lhes proporciona.

Por fim, a liberdade percebida nas experiências de ócio envolve um componente fundamental: a apropriação subjetiva do tempo. Como abordado no tópico 3.1, o tempo livre, na perspectiva de Munnè (1980), não remete ao tempo cronológico liberado do trabalho ou de qualquer outra obrigação social, e sim ao tempo de máximo autocondicionamento, em que o sujeito realiza atividades nas quais ele se vê livre de imposição externa. Assim, o autocondicionamento dá ao sujeito a percepção de que o tempo lhe pertence. A

prática da leitura como âmbito desse tipo de liberdade é revelada em várias respostas dos participantes, como por exemplo na fala de Erico – “A leitura é o rastreamento e a prospecção. (...) A leitura exige uma certa solidão. Leio em casa, em uma hora em que estou sozinho” – e na de Oliveira – “Geralmente eu leio por prazer. Não consigo ler por outra coisa. Se uma leitura não me agrada, vira obrigação, aí a coisa perde a graça”. Ao dizer que sempre lê “as coisas” que gosta, a participante Eliana enfatiza o autocondicionamento presente em suas leituras, escolhidas a partir das suas próprias motivações: “Coisas assim eu entro no computador e leio. Política. Tudo. E acabo aprendendo um bocado também”.

Ao convocar elementos subjetivos para experiência (Larrosa, 2002, 2003) e, particularmente, para experiência de ócio (Aquino & Martins, 2007; Cuenca, 2016; Rhoden, 2009), a prática da leitura pode ser compreendida como ação orientada para um envelhecimento satisfatório, de acordo com os dados coletados e analisados nesta pesquisa. Como vimos no tópico 3.2, o envelhecimento satisfatório envolve o engajamento do idoso em atividades que são percebidas como automotivadas, prazerosas e satisfatórias, capazes de promover o desenvolvimento pessoal e social do sujeito. O envelhecimento satisfatório está relacionado, portanto, à postura de se comprometer ativamente consigo e com as experiências significativas derivadas do envolvimento consciente nas próprias atividades e no mundo ao redor do idoso (Cuenca, 2017).

A prática da leitura apresentada pelos leitores idosos participantes desta pesquisa não se resume a uma atividade frequente de ocupação do tempo liberado das obrigações; trata-se de se envolver na leitura de tal modo que a experiência advinda deste envolvimento dá ao sujeito a percepção de que seu tempo lhe pertence e é por ele apreendido satisfatoriamente, o que contribui para uma vida digna, com sentido e com qualidade. Como pontua Fernandes (2017), o termo “satisfatório” sublinha a sensação de prazer e

plenitude experimentada pelo idoso ao praticar uma atividade automotivada e com sentido para si, fortalecendo sua autonomia. As categorias “Prazer e satisfação” encontradas nas motivações, nos significados e nos benefícios da prática da leitura nos remetem a esse envolvimento engajado na leitura repleto de sensações que destacam o bem-estar do leitor idoso e a sua satisfação em perceber-se em desenvolvimento; por sua vez, as categorias “Busca por conhecimentos” (motivação), “Autoconhecimento” (significado e benefício) e “Aprendizagem prática e exercício para o cérebro” (benefício) nos orientam para a dimensão de potenciais descobertas e aprendizagens que a prática da leitura pode proporcionar ao leitor idoso.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo – de natureza qualitativa, do tipo descritivo e exploratório – teve como objetivo geral identificar as possibilidades subjetivas da prática da leitura para leitores idosos de Fortaleza-CE; seus objetivos específicos foram a) desvelar o que motiva os leitores idosos à prática da leitura, b) elencar nos relatos os significados da prática da leitura para esses leitores e c) apontar os benefícios proporcionados pela prática da leitura, segundo os participantes da pesquisa. Entendemos que esses objetivos específicos nos encaminharam para a identificação de elementos subjetivos envolvidos na prática da leitura por leitores idosos, focalizando, neste caso, as motivações, os significados e os benefícios encontrados nesta prática. O pressuposto deste estudo, como foi enfatizado no tópico anterior, considera que a prática da leitura convoca elementos subjetivos que possibilitam ao leitor idoso o que se entende por experiência, segundo Larrosa (2002, 2003), e por experiência de ócio, tal como a descrevem Aquino e Martins (2007), Rhoden (2009) e Cuenca (2016).

A revisão de literatura feita por este estudo buscou pormenorizar o protagonista da pesquisa realizada, o idoso, em sua condição de leitor e dentro do contexto contemporâneo. Para isso, traçamos primeiramente um breve panorama teórico acerca da contemporaneidade – estágio civilizatório em que os participantes da pesquisa se encontram –; depois, apontamos a realidade do idoso neste contexto e, por fim, articulamos a noção de velhice e envelhecimento com conceitos que dialogam diretamente com a ideia de apropriação subjetiva de si: tempo livre, experiência e ócio. Buscamos destacar assim a velhice e o envelhecimento sob o ponto de vista subjetivo, ou seja, das experiências possíveis nessa faixa etária e da apreensão subjetiva do tempo livre, que dá ao sujeito a liberdade de investir em uma prática do seu interesse, visando seu desenvolvimento. A esse

respeito, apoiando-nos em Munnè (1980), destacamos que o tempo livre se refere menos ao tempo cronológico e mais à sensação de autonomia que o sujeito – no caso, o idoso – pode ter ao assumir para si a prática de uma atividade.

Sobre o objetivo geral deste estudo, a partir dos dados coletados e das análises realizadas, podemos concluir que a experiência (Larrosa, 2002, 2003) e o ócio (Aquino & Martins, 2007; Rhoden, 2009; Cuenca, 2016) são algumas das possibilidades subjetivas da prática da leitura para leitores idosos, na medida em que esses conceitos resguardam características que foram encontradas nos relatos dos participantes desta pesquisa. A constatação desse dado nos possibilita afirmar que o pressuposto da pesquisa fora atendido, o que abre oportunidades diversas para estudos posteriores que busquem investigar os elementos subjetivos convocados pela leitura, de modo geral, e no leitor idoso, em específico. Estudos que se debrucem sobre as possibilidades subjetivas da leitura, qualquer que seja a sua modalidade, são sempre bem-vindos para que se possa ampliar a compreensão acerca do papel da leitura na constituição (formação e transformação) do sujeito. Longe de pretender esgotar a discussão ou arvorar-se de certezas, esta pesquisa é apenas uma das várias contribuições possíveis a este tema.

Ademais, a possibilidade de experiência e ócio na prática da leitura por leitores idosos parece evidente quando o pesquisador – ou qualquer outra pessoa interessada – os escuta falar sobre sua paixão pelos livros, pelos romances, pela gramática e pela capacidade de buscar conhecimentos nas palavras impressas. Em todas as entrevistas que realizei, os leitores idosos deixaram transparecer claramente que a presença da leitura em seu cotidiano – e, antes, em sua vida – é fruto de uma relação apaixonada com os livros que remonta à infância. É essa paixão, sobretudo, que os guia para o encontro com as experiências advindas da leitura, e é ela que os manteve lendo ao longo da vida, como pude

perceber. Como Larrosa (2002, 2003) e Cuenca (2016) definem, é preciso um envolvimento apaixonado com algo para que surja daí a oportunidade de o sujeito encontrar uma motivação genuína para continuar fazendo o que faz. Sem a paixão – sem a paixão que pude encontrar, pessoalmente, nos relatos dos leitores idosos que discorriam sobre a leitura –, é impossível construir uma relação sólida, duradoura e satisfatória com qualquer atividade; sem ela, corremos o risco de reproduzir saberes e práticas de maneira alienada, sem compreender o impacto de nossos fazeres sobre nós mesmos. Os leitores idosos que entrevistei são bastante conscientes dos efeitos subjetivos que a prática da leitura lhes proporciona, e por isso eles foram tão assertivos ao descrever esses efeitos e a sua própria motivação para ler.

Como esta pesquisa fez questão de destacar, a experiência descrita por Larrosa (2002, 2003) e a experiência de ócio pontuada por Aquino e Martins (2007), Rhoden (2009) e Cuenca (2016) são componentes importantes para o que se entende por “envelhecimento satisfatório”. A propósito, o envelhecimento e a velhice têm sido encarados cada vez mais pelo senso-comum como uma etapa de transição e de afirmação da identidade e dos valores pessoais, respectivamente, ainda que persistam visões depreciativas sobre essa faixa etária (Lima, 2015). Contribui para que o idoso seja encarado como sujeito de potência o fato de que ele é, também, um sujeito de experiência, e a qualidade de sua vida – sua dignidade humana e seu potencial de transformação – é fruto dessa condição.

Estudos sobre o envelhecimento satisfatório sublinham que essa época de transição do ciclo vital pode, e deve, ser considerada também em seu aspecto subjetivo, ou seja, a partir das experiências que constituem o sujeito (Cuenca, 2017; Silva et al., 2010). São essas experiências, ou a possibilidade delas, que esta pesquisa procurou investigar quando

se debruçou sobre uma atividade praticada pelo idoso e os elementos subjetivos nela envolvidos. O modo como o idoso se apropria de seu tempo, da atividade que pratica e do mundo ao seu redor é um fator determinante para a apreensão de si – sua autonomia e sua presentificação – e, conseqüentemente, para sua qualidade de vida. Ter ciência das possibilidades convocadas pela prática da leitura – os desafios da leitura, seus benefícios, seus significados e as motivações pessoais para ler – é parte do processo de considerar a experiência possível nesse âmbito, da proposta de uma sabedoria de si a partir do contato passional e interessado com o mundo e da percepção de liberdade no tempo que leva ao desfrute do ócio.

Apesar das contribuições proporcionadas, este estudo apresenta limitações e encontrou dificuldades ao longo do caminho investigativo. Dentre as limitações, destacamos as poucas referências de apoio utilizadas para a abordagem do conceito de experiência. Os estudos de Larrosa (2002, 2003) são grandes demarcadores para o que se entende por experiência atualmente na academia, principalmente em estudos de natureza qualitativa, e sua larga e frequente citação em pesquisas ao redor do mundo contribuiu para que escolhêssemos trabalhar com o conceito discutido por esse autor específico; mas é certo que um aprofundamento teórico sobre a experiência apoiado por outros estudiosos, dentre eles clássicos como Benjamin e Heidegger, poderia ser de grande valia. Optamos por restringir o debate sobre experiência a Larrosa (2002, 2003) por entendermos que a expansão do conceito a outros autores convocaria um cuidado teórico redobrado e, possivelmente, escaparia do ponto específico que esta pesquisa pretendeu abordar: a experiência que implica o sujeito no seu fazer, na sua atividade, proporcionando o conhecimento e a sabedoria de si e a satisfação da trajetória percorrida com consciência, temas centrais nos escritos de Larrosa.

A principal dificuldade deste estudo foi encontrar referências sobre a leitura como experiência e âmbito potencialmente promotor de desenvolvimento humano no leitor comum. A maioria das pesquisas empíricas e dos ensaios encontrados na revisão bibliográfica sobre a leitura estava relacionada às áreas de Educação, Pedagogia e Letras; nas duas primeiras, enfatiza-se o caráter didático-formativo da leitura e da prática da leitura – uma abordagem natural para áreas do conhecimento que se propõem à aplicação da teoria em processos de ensino e aprendizagem –; na terceira, os pesquisadores se debruçam sobre as estruturas textuais propriamente ditas e a relação leitor-texto sob o viés da semiótica e da teoria da linguagem, majoritariamente. Cada área adota um enfoque particular sobre o mesmo fenômeno e têm, claro, extrema relevância para o conhecimento. O fato é que estudos da Psicologia que se detêm sobre os elementos subjetivos experienciais envolvidos na prática da leitura, bem como sobre a leitura como possibilidade de desenvolvimento humano pessoal, permanecem em menor quantidade.

Por fim, esperamos que esta pesquisa possa somar às contribuições sobre a leitura, a prática da leitura e o idoso na condição de leitor, ao destacar os elementos subjetivos identificados na leitura e sua relação com a possibilidade de um envelhecimento satisfatório implicado em experiência e ócio.

REFERÊNCIAS

- Aguirre, A., & Martins, J. C. (2014). *A Pesquisa Qualitativa de Enfoque Etnográfico*. Coimbra: Grácio Editor.
- Almeida, L. P. (2008). *Literatura e subjetividade: reflexões sobre a linguagem e o exercício da liberdade*. Artigo apresentado no IV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (ENECULT), Salvador, BA. Retirado de <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14418.pdf>
- Almeida, L. P. (2014). A experiência total da leitura literária. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(2), 143-158.
- Almeida, T., & Lourenço, M. (2009). Reflexões: conceitos, estereótipos e mitos acerca da velhice. *RBCEH*, 6(2), 233-244.
- Altman, M. (2011). O envelhecimento à luz da Psicanálise. *Jornal de Psicanálise*, 44(80), 193-206.
- Alvântara, A. M., & Vesce, G. E. P. (2008). In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 8., 2008, Curitiba, *Anais...*, Curitiba, Paraná: Educere.
- Andrade, M. M. de. (2002). *Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas*. São Paulo: Atlas.
- Aquino, C. B., & Martins, J. C. (2007). Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. *Mal-estar e Subjetividade*, 7(2), 479-500.
- Araújo, E. N. P. (2010). Intervenções psicogerontológicas na promoção de envelhecimento bem-sucedido. In W. Malagutti, A. M. A. Bergo (Orgs.), *Abordagem interdisciplinar do idoso* (pp. 67-76). Rio de Janeiro: Rubio.
- Assis, L. P. P., & Amaral, M. L. N. (2010). Envelhecimento e suporte social. In G. A. Costa (Org.), *Atividade física, envelhecimento e a manutenção da saúde* (pp. 207-217). Uberlândia: EDUFU.
- Azevedo, R. (2004). Formação de leitores e razões para a literatura. In Souza, R. J. de. (Org.). *Caminhos para a formação do leitor* (p. 22-33). São Paulo: DCL.
- Bakhtin, M. (2010). *Questões de literatura e de estética: A teoria do romance*. São Paulo: HUCITEC.
- Bakhtin, M. (2011). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Baltes, P. B., & Smith, J. (2006). Novas fronteiras para o futuro do envelhecimento: a velhice bem-sucedida do idoso jovem aos dilemas da quarta idade. *A Terceira Idade*, 17(36), 7-31.

- Barbieri, N. A. (2003). Trabalho com velhos: algumas reflexões iniciais. *Pulsional: Revista de Psicanálise*, (173), 18-24.
- Barthes, R. (2002). *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva.
- Bauman, S. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, S. (2007). *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Beauvoir, S. de. (1990). *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Benedetti, T. R., Gonçalves, L. H., & Mota, J. A. (2007). Uma proposta de política pública de atividade física para idosos. *Texto Contexto Enfermagem*, 16(3), 387-398.
- Bezerra, F. C., Almeida, M. I., & Nóbrega-Therrien, S. M. (2012). Estudos sobre envelhecimento no Brasil: uma revisão bibliográfica. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 15(1), 155-167.
- Bohm, V., & Marangoni, M. (2011). Círculo de leitura: ressignificando experiências. *Estudos Interdisciplinares sobre Envelhecimento*, 16(1), 143-157.
- Bosi, E. (1994). *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bosi, E. (2003). *Tempo vivo da memória*. São Paulo: Ateliê.
- Brasil. (2003). *Legislação sobre o idoso: Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003* (Estatuto do idoso) e legislação correlata, Pub. L. nº 104. Brasil: Câmara dos Deputados, Coordenação de Edições Câmara.
- Brum, L. (2014). A sombra de um corpo que se anuncia: Corpo, imagem e envelhecimento. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 17(2), 251-264.
- Cabral, M. C. (2006). *Encontros que nos movem: a leitura como experiência inventiva*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.
- Camargo, L. O. (2012). *O que é lazer?* São Paulo: Brasiliense.
- Castanheira, M. L. (2002). Da escrita do cotidiano à escrita escolar. *Leitura, teoria e prática*, 11(20), 35-42.
- Chartier, R. (Org.). (2001). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Chartier, R. (2003). *Formas e sentido – Cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Campinas: Mercado de Letras.
- Correa, M. R. (2009). *Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade*. São Paulo: Cultura Acadêmica.

- Costas, F. A., & Ferreira, L. S. (2011). Sentido, significado e mediação em Vygotsky: implicações para a constituição do processo de leitura. *Revista Iberoamericana de Educación*, 55, 205-223.
- Creswell, J. W. (2007). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed.
- Cuche, D. (2012). *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC.
- Cuenca, M. (2004). El ocio como experiencia humana. *Revista de Estudios de Ocio*, (28), 15-18.
- Cuenca, M. (2008). Ócio humanista. In: M. C. Cuenca & J. C. O. Martins (Org.), *Ócio para viver no século XXI* (pp. 33-55). Fortaleza: As Musas.
- Cuenca, M. (2016). O ócio autotélico. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação – SESC*, (2), 10-29.
- Cuenca, M. (2017). Potencialidades do ócio para o desenvolvimento humano ao longo da vida e sustentabilidade ao longo da vida. In J. C. de O. Martins & M. R. R. Lopes (Orgs.). *Envelhecer: tempo de (re)criar a vida* (p. 165-185). Curitiba: CRV.
- Cuenca, M. (2018). *Ocio valioso para un envejecimiento activo y satisfactorio*. Madrid: Editorial CCS.
- Dadico, L. (2012). A "fisiognomia" do livro no estudo psicológico da leitura. *Psicologia em Estudo*, 17(4), 629-638.
- Debert, G. G. (1999). *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: EDUSP.
- Dehaene, S., Cohen, L., Morais, J., & Kolinsky, R. (2015). Illiterate to literate: behavioural and cerebral changes induced by reading acquisition. *Nature reviews: Neuroscience*, 16(4), 234-244.
- Dell'Isola, R. L. (2005). *Leitura: inferências e contexto sociocultural*. Belo Horizonte: Formato Editorial.
- Dér, L. C. S. (2004). A constituição da pessoa: a dimensão afetiva. In: A. A. Mahoney; L. R. Almeida (Org.). *A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon*. São Paulo: Edições Loyola.
- Duarte, S. J. H., Mamede, M. V., & Andrade, S. M. O. de. (2009). Opções Teórico-Metodológicas em Pesquisas Qualitativas: Representações Sociais e Discurso do Sujeito Coletivo. *Saúde Soc.*, 18(4), 620-626.
- Dumazedier, J. (1979). *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva.

- Failla, Z. (Org.). (2016). *Retratos da leitura no Brasil – 4*. São Paulo: Sextante/Instituto Pró-livro.
- Fernandes, M. G. M., & Santos S. R. (2007). Políticas públicas e direitos do idoso: desafios da agenda social do Brasil contemporâneo. *Revista de Ciência Política*. Recuperado de http://www.achegas.net/numero/34/idoso_34.pdf
- Ferreira, N. S. de A. (2012). A prática de “ler literatura” como distinta de muitas outras práticas de leitura. *Nuances: estudos sobre educação*, 21(22), 75-91.
- Ferreira, S. P., & Dias, M. da G. (2005). Leitor e leituras: considerações sobre gêneros textuais e construção de sentidos. *Psicologia: reflexão e crítica*, 18(3), 323-329.
- Figueiredo, L. C. (2007). *A invenção do psicológico*. São Paulo: Perdizes.
- Flick, U. (2009). *Desenho da pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.
- Floriani, K. B. (2005). *A influência da leitura na aprendizagem implícita de estruturas complexas da língua portuguesa*. 2005. 110 f. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre.
- Francileudo, F. A. (2013). A perspectiva humana do ócio. In J. C. Martins & M. M. Baptista (Org.), *O ócio nas culturas contemporâneas – teorias e novas perspectivas em investigação* (p. 91-109). Coimbra: Grácio Editor.
- Francileudo, F. A., Rocha, L. L. de A., Brasileiro, F. N. V., Lima, S. M. de O., & Martins, J. C. de O. (2017). Os nomes da velhice na contemporaneidade. In J. C. de O. Martins & M. R. R. Lopes (Orgs.). *Envelhecer: tempo de recriar a vida* (p. 45-61). Curitiba: CRV.
- Freire, J. C. (2008). Literatura e psicologia: a constituição subjetiva por meio da leitura como como experiência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 60(2), 2-9.
- Freire, P. (1993). *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (2011). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- Guaresi, R. (2012). Influência da leitura no aprendizado da escrita: uma incursão pela (in)consciência. In: V. W. Pereira, & R. Guaresi (Org.). *Estudos sobre leitura: psicolinguística e interfaces* (p. 63-75). Porto Alegre: EDIPUCRS.

- Guimarães, H. de S. (2001). *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Teoria e História Literária, Universidade de Campinas, São Paulo, Brasil.
- Gurgel, L. (2017). *Aposentadoria e tempo desobrigado do trabalho: desvelando significados a partir de idosos ex-bancários em Fortaleza-CE*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE, Brasil.
- Haberlandt, K. & Graesser, A. C. (1985). Component processes in text comprehension and some of their interactions. *Journal of Experimental Psychology: General*, 114(3), 357-374.
- Henriques, E. M. de O., & Fontoura, H. A. (2014). Leitura como formação, formação como leitura: processos narrativos/formativos em questão. *Linhas críticas*, 20(42), 345-361.
- Herédia, V., Cortelletti, I., & Casara, M. (2009). Abandono na velhice. *Textos sobre Envelhecimento*, 8(3), 1-11.
- Horikawa, A. Y. (2006). *Modos de ler em contexto de uma prática de leitura de formação continuada: uma prática enunciativa*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística]. (2015). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – 2015*. Rio de Janeiro: IBGE.
- IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística]. (2017). *Panorama do município de Fortaleza-CE: população, trabalho, rendimento e educação*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/fortaleza/panorama>
- Kramer, S. (2000). Leitura e escrita como experiência: seu papel na formação de sujeitos sociais. *Presença pedagógica*, 6(31), 17-27.
- Larrosa, J. (2002). Notas sobre a Experiência e o Saber da Experiência. *Revista Brasileira de Educação*, 19, 20-28.
- Larrosa, J. (2003). *La experiencia de la lectura*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Lefevre, F., & Lefevre, A. M. (2010). *Pesquisa de Representação Social: um enfoque qualitativo*. São Paulo: Liber Livro.
- Leite, S. A. (2011). A afetividade no processo de constituição do leitor. *Atos de pesquisa em educação*, 6(1), 25-52.
- Lencastre, L. (2003). *Leitura: a compreensão de textos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Lima, S. M. (2015). *Apontamentos sobre os novos nomes da velhice*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade de Fortaleza, CE.
- Lipovetsky, G. (2004). *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Editora Barcarolla.
- Lipovetsky, G. (2007). *A Felicidade Paradoxal: Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Luz, M. M. C., & Amatuzzi, M. M. (2008). Vivências de felicidade de pessoas idosas. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 25(2)303-307.
- Maheirie, K. (2002). Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. *Interações*, 7(13), 31-44.
- Manguel, A. (1997). *Uma história da leitura*. Companhia das Letras: São Paulo.
- Marcellino, N. (1983). *Lazer e humanização*. Campinas: Papirus.
- Marconi, M. A., & Lakatos, E. V. (2004). *Metodologia científica*. São Paulo: Editora Atlas.
- Marques, M., Lefevre, F., & Lefevre, A. M. (2009). Discurso do sujeito coletivo, complexidade e auto-organização. *Ciência e Saúde Coletiva*, São Paulo, 14(4), 1193-1204.
- Martins, J. C. de O. (2017). A velhice é agora e enquanto vida for. In J. C. de O. Martins & M. R. R. Lopes (Orgs.). *Envelhecer: tempo de recriar a vida* (p. 9-15). Curitiba: CRV.
- Martins, J. C. de O., & Francileudo, F. A. (2011). Compreendendo a subjetividade à luz dos estudos que caracterizam o período histórico da hipermodernidade. *Kairós*, 2(4), 323-345.
- Mascarenhas, F. (2005). *Entre o ócio e o negócio: teses acerca da anatomia do lazer*. Tese de Doutorado, Departamento de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, SP.
- Monteagudo, M. J., Cuenca, J., Bayón, F., & Kleiber, D. (2013). Ócio ao longo da vida: As potencialidades dos itinerários de ócio para a promoção do desenvolvimento humano. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 1(2), 155-172.
- Moscovici, S. (2007). *Representações sociais: investigação em psicologia social*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Mota, K. M. S., Pereira, A. de S., & Rodrigues, M. E. O. de S. (2014). Leituras compartilhadas, memória e envelhecimento. *Revista da FAEEBA – Educação e contemporaneidade*, 23(41), 105-116.
- Munnè, F. (1980). *Psicosociologia del tiempo libre: Um enfoque crítico*. México: Trilhas.

- OMS [Organização Mundial da Saúde]. (2005). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Brasília: Organização Pan-Americana de Saúde.
- ONU [Organização das Nações Unidas]. (2002). *Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos.
- Ordine, N. (2013). *A utilidade do inútil*. Zahar: Rio de Janeiro.
- Orlandi, L. B. L. (2003). O indivíduo e sua implexa pré-individualidade. In P. Pelbart & R. Costa (Eds.), *O reencantamento do concreto: Cadernos de subjetividade* (p. 87-96). São Paulo: Hucitec.
- Pena, S. C. (2010). *Histórias de leituras e de leitores: práticas e representações de leitura em narrativas de professores de diferentes disciplinas escolares*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil.
- Piegay-Gros, N. (2002). *Le lecteur, textes choisis & présentés*. Paris: GF Flammarion.
- Queiroz, K. C. F. (2016). *Empreender-se nos Tempos Livres da Velhice: Estudo Etnográfico com Pensionistas e Aposentados Idosos de Mossoró-RN*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade de Fortaleza, CE.
- Queiroz, K. C. Q. (2017). O Clube Reviver: relatos sobre experiências potencializadoras de vida de pensionistas e aposentados. In J. C. de O. Martins & M. R. R. Lopes (Orgs.). *Envelhecer: tempo de recriar a vida* (p. 63-82). Curitiba: CRV.
- Raupp, F. M., & Beuren, I. M. (2006). Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. In I. M. Beuren (Org.), *Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática* (p. 76-97). São Paulo: Atlas.
- Rhoden, I. (2009). O ócio como experiência subjetiva: contribuições da psicologia do ócio. *Mal-estar e Subjetividade*, 9(4), 1233-1250.
- Rhoden, I., Martins, J. C., & Pinheiro, K. F. (2013). Ócio e lazer: das possibilidades às realidades na contemporaneidade. In J. C. Martins & M. M. Baptista (Org.), *O ócio nas culturas contemporâneas – teorias e novas perspectivas em investigação* (p. 111-129). Coimbra: Grácio Editor.
- Ribeiro, N. N., Batista, T. C., & Rodrigues, M. C. (2014). Teoria da mente: possíveis implicações educacionais. *Psicologia Argumento*, 32(78), 127-135.
- Rodrigues, M. C., Silveira, F. F., & Pelisson, M. C. C. (2017). Teoria da mente e leitura: estudo qualitativo na educação infantil. *Psicologia Escolar e Educacional*, 21(2), 195-204.
- Rolim, F. S., & Forti, V. A. M. (2009). Envelhecimento e Atividade Física: auxiliando na melhoria e manutenção da qualidade de vida. In M. J. D. Diogo, A. L. Neri, & M.

- Cachioni (Orgs.), *Saúde e Qualidade de Vida na Velhice* (p. 57-73). Campinas: Alínea.
- Salis, V. D. (2004). *Ócio criador, trabalho e saúde*. São Paulo: Claridade.
- Salis, V. D. (2013). Ensaando uma epistemologia sobre os termos ócio e trabalho. In J. C. Martins & M. M. Baptista (Org.), *O ócio nas culturas contemporâneas – teorias e novas perspectivas em investigação* (p. 23-37). Coimbra: Grácio Editor.
- Santi, P. L. R. (2016). *A construção do eu na modernidade*. Ribeirão Preto: Holos.
- Santos, J. O. (2014). Uma discussão sobre a produção de sentidos na leitura: Entre Bakhtin e Vygotsky. *Leitura: Teoria & Prática*, 32(62), 75-86.
- Schneider, R. H., & Irigaray, T. Q. (2008). O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estud. Psicol.*, 25(4), 585-593.
- Silva, H. S., Lima, A. M., & Galhardoni, R. (2010). Envelhecimento bem-sucedido e vulnerabilidade em saúde: aproximações e perspectivas. *Interface – Comunicação, Saúde e Educação*, 14(35), 867-877.
- Silva, I. R. (2011). Prática da leitura. *Philologus*, 17(51), 390-397.
- Silva, M. C. (2009). Leitura e letramento do idoso. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 17., 2009, Campinas. *Anais do 17º COLE*, Campinas, São Paulo: ALB.
- Simondon, G. (2003). A gênese do indivíduo. In P. Pelbart & R. Costa (Org.), *O reencontamento do concreto: Cadernos de subjetividade* (p. 99-117). São Paulo: Hucitec.
- Sousa, L., Galante, H., & Figueiredo, D. (2003). Qualidade de vida e bem-estar dos idosos: um estudo exploratório na população portuguesa. *Revista Saúde Pública*, 37(3), 364-371.
- Tinsley, H. E. A. & Tinsley, D. J. (1986). A theory of attributes, benefits, and causes of leisure experience. *Society and Leisure*, 8(1), 1-45.
- Vasconcelos, A. M. (2015). *Dançando no Salão da Vida: Apontamentos sobre a Experiência de Dançar a Dois de Idosos na Cidade de Fortaleza-CE*. 2015. 110 f. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade de Fortaleza, Fortaleza.
- Vilhena, J., Novaes, J. V., & Rosa, C. M. (2014). A sombra de um corpo que se anuncia: corpo, imagem e envelhecimento. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 17(2), 251-264.
- Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44), 203-220.
- Vygotsky, L. (2008). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.

- Wachelke, J., & Camargo, B. (2007). Representações Sociais, Representações Individuais e Comportamento. *Revista Interamericana de Psicología, 41*(3), 379-390.
- Whitaker, D. C. A. (2007). *Envelhecimento e poder*. Campinas: Alínea.
- Wolff, F. (2012). Apologia grega à preguiça. In: Novaes, A. (Org.), *Elogio à preguiça* (p. 29-49). São Paulo: SESC-SP.
- Xavier, F., Ferraz, M., Marc, N., Escosteguy, N., & Moriguchi, E. (2003). Elderly people's definition of quality of life. *Revista Brasileira de Psiquiatria, 25*(1), 31-39.
- Zumthor, P. (2018). *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: CosacNaify.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA:

Possibilidades subjetivas da prática da leitura para leitores idosos de Fortaleza/CE

PESQUISADOR RESPONSÁVEL:

Marlo Renan Rocha Lopes

Mestrando em Psicologia na Universidade de Fortaleza (UNIFOR/PPGP)

Prezado Participante,

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que pretende identificar possibilidades subjetivas da prática da leitura na perspectiva de leitores idosos. Em outras palavras, buscamos conhecer os significados, as motivações e os benefícios da prática da leitura no seu cotidiano, em termos de experiência subjetiva.

Esta pesquisa busca saber quais são suas impressões sobre a leitura e procura conhecer um pouco algumas das experiências que você tem, ou já teve, lendo. Para alcançar este objetivo, esta pesquisa inclui a realização de entrevistas com leitores idosos que queiram compartilhar com o pesquisador experiências pessoais, memórias e percepções sobre o próprio hábito de leitura. Com esses dados, o pesquisador almeja ampliar a literatura acadêmica e o conhecimento que se tem do idoso hoje e de sua relação com a prática da leitura, o que pode lhe fornecer uma inequívoca fonte de desenvolvimento pessoal.

Do ponto de vista ético, é fundamental que o participante da pesquisa compreenda o seu papel no estudo e a importância que o seu relato terá para o trabalho do pesquisador. Por esse motivo, é apresentado a você este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido,

que tem como objetivo informá-lo sobre os seus direitos enquanto participante da pesquisa.

1. POR QUE ESTOU SENDO CONVIDADO A PARTICIPAR?

O pesquisador foi informado de que o seu perfil de leitor é adequado aos objetivos desta pesquisa; ou seja, você considera cultivar a leitura como prática individual e regular e investe esforços pessoais para manter essa atividade no seu cotidiano. Além disso, você está sendo convidado para participar desta entrevista porque sua idade se encontra dentro da faixa etária que interessa a este estudo.

2. COMO SERÁ A MINHA PARTICIPAÇÃO?

A sua valiosa colaboração será responder a uma entrevista contendo algumas perguntas sobre suas experiências pessoais, memórias e percepções sobre a prática da leitura. A entrevista poderá ser gravada e terá a duração que você e o pesquisador julgarem necessária para abordar as questões da pesquisa. Reiteramos que a sua colaboração é muito importante para este estudo.

A sua participação é voluntária, ou seja, não é obrigatória, e você tem plena autonomia e liberdade para decidir se quer ou não participar. Você pode desistir da sua participação a qualquer momento, mesmo após ter iniciado a entrevista, sem nenhum prejuízo para você. Não haverá nenhuma penalização caso você decida não participar ou desistir de sua participação no decorrer da pesquisa. A qualquer momento, durante a pesquisa ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato discriminados no final deste documento.

3. QUEM SABE QUE EU ESTOU PARTICIPANDO?

Somente o pesquisador responsável e seu orientador saberão que você está participando desta pesquisa. Entretanto, caso você deseje que o seu nome / seu rosto / sua voz ou o nome da sua instituição conste no trabalho final, nós respeitaremos sua decisão. Basta que você marque ao final deste termo a sua opção.

4. HÁ GARANTIA DE CONFIDENCIALIDADE E PRIVACIDADE?

Todos os dados e informações que você fornecer serão guardados de forma sigilosa. Garantimos a confidencialidade e a privacidade dos seus dados e das suas informações. Tudo que você fornecer será utilizado somente para esta pesquisa. Além disso, a entrevista apenas será gravada se houver a sua autorização, sendo importante a gravação para que se mantenha a fidedignidade do discurso. O material da pesquisa, com os seus dados e informações, será armazenado em local seguro e guardado em arquivo por pelo menos 5 anos após o término da pesquisa. Qualquer dado que possa identificá-la será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa. Caso você autorize que sua voz seja publicada, teremos o cuidado de anonimizá-la, o que significa que a sua voz ficará diferente e ninguém saberá que é sua. Caso você autorize que sua imagem seja publicada, teremos o cuidado de desfocar seu rosto, a fim de preservar o anonimato.

5. EXISTE ALGUM RISCO SE EU PARTICIPAR?

Os procedimentos utilizados nesta pesquisa apresentam um risco mínimo para o participante. Ocasionalmente, durante a entrevista, você poderá lembrar ou sentir algo que gere emoção. Se isso proporcionar desconforto, a entrevista será interrompida imediatamente, sendo continuada em outro momento ou, se você preferir, será

interrompida a sua participação na pesquisa. Lembramos, entretanto, que estes casos são muito raros.

6. EXISTE ALGUM BENEFÍCIO SE EU PARTICIPAR?

Os benefícios esperados com a pesquisa são no sentido de criar oportunidade para o participante falar sobre a sua relação pessoal com a prática da leitura, contribuindo dessa maneira com a ampliação dos conhecimentos que se tem sobre as possibilidades subjetivas da leitura.

7. FORMAS DE ASSISTÊNCIA

Caso haja algum desconforto emocional e necessite de assistência, você será encaminhado pelo pesquisador para o Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), no segundo andar do Núcleo de Atenção Médica Integrada (NAMI) da Universidade de Fortaleza, localizado na Rua Desembargador Floriano Benevides, 221- Bairro Edson Queiroz. CEP: 60811-905, cujo telefone para contato é (85) 3477 3644. No SPA, o participante receberá assistência no Plantão Psicológico, caracterizado por oferecer de quatro a seis atendimentos de caráter emergencial, gratuitos e por ordem de chegada. Se houver necessidade, **você** será encaminhado para o atendimento psicoterápico individual no mesmo local. O Plantão funciona de 14 às 17 horas, todas as terças, quartas e quintas-feiras.

8. RESSARCIMENTO DAS DESPESAS

Caso você aceite participar da pesquisa, não receberá nenhuma compensação financeira.

9. ESCLARECIMENTOS

Será concedida a garantia de esclarecimentos sobre a metodologia da pesquisa, antes e durante o curso da mesma. O estudo será orientado pelo prof. Dr. José Clerton de Oliveira Martins, professor titular da Universidade de Fortaleza.

Em caso de esclarecimentos, favor entrar em contato com o pesquisador responsável, Marlo Renan Rocha Lopes, entre 10h e 20h, no seguinte endereço: Avenida Rogaciano Leite, nº 200, bairro Guararapes, Fortaleza/CE. CEP: 60810-786. Fone: (85) 9.8686-2103. E-mail: marlo_renan@hotmail.com.

Se você deseja obter informações sobre os seus direitos e os aspectos éticos envolvidos na pesquisa, poderá consultar o Comitê de Ética da Universidade de Fortaleza. O Comitê de Ética tem como finalidade defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade, e tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto, de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

É possível localizar o comitê de ética da Universidade no seguinte endereço:

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade de Fortaleza – COÉTICA. Av. Washington Soares, nº 1321, Bloco da Reitoria, Sala da Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 1º andar, Bairro Edson Queiroz, CEP 60811-341, Fortaleza/CE. Horário de Funcionamento: 08:00hs às 12:00hs e 13:30hs às 18:00hs. Telefone: (85) 3477-3122.

10. CONCORDÂNCIA NA PARTICIPAÇÃO

Se você estiver de acordo em participar da pesquisa, deve preencher e assinar este documento, que será elaborado em duas vias: uma via deste Termo ficará com você e a outra ficará com o pesquisador.

O participante da pesquisa ou seu representante legal, quando for o caso, deve rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinando na última página deste Termo. O pesquisador responsável deve, da mesma forma, rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinando na última página deste Termo.

11. USO DE VOZ E/OU IMAGEM

Caso você deseje que seu nome, seu rosto, sua voz ou o nome da instituição que frequenta apareça nos resultados da pesquisa, marque um dos itens abaixo.

___ Eu desejo que o meu nome conste no trabalho final.

___ Eu desejo que o meu rosto/face conste no trabalho final.

___ Eu desejo que a minha voz conste no trabalho final.

___ Eu desejo que o nome da instituição que frequento conste no trabalho final.

12. CONSENTIMENTO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, o Sr. _____, portador da cédula de identidade _____, declara que, após leitura minuciosa do TCLE, teve oportunidade de fazer perguntas e esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelo pesquisador. Ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetida, e

não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO em participar voluntariamente desta pesquisa.

E, por estar de acordo, assina o presente termo.

Fortaleza, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante ou representante legal

Assinatura do pesquisador

APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA

DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Nome

Idade

Profissão/Ocupação

Há quanto tempo você se considera leitor?

Estimativa de renda pessoal

PERGUNTA DE PARTIDA

Como começou seu envolvimento com a leitura?

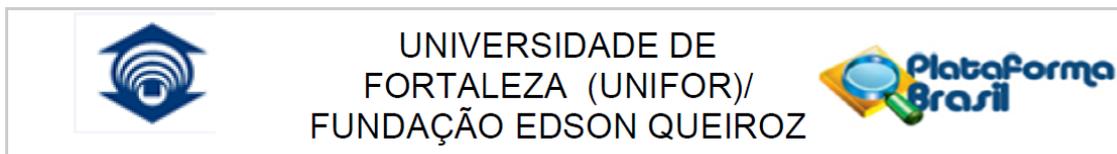
PERGUNTAS PRINCIPAIS

O que motiva você à prática da leitura?

O que a prática da leitura significa para você?

O que você considera que ganha através da prática da leitura, em termos de benefício pessoal?

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Possibilidades subjetivas da prática da leitura para leitores idosos de Fortaleza-CE

Pesquisador: MARLO RENAN ROCHA LOPES

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 69483417.5.0000.5052

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE FORTALEZA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.145.007

Apresentação do Projeto:

O projeto aborda a temática da leitura para idosos e justifica-se pelo aumento expressivo da população idosa a nível global e a necessidade em investigar em profundidade as motivações e os significados atribuídos por idosos a diversas atividades cotidianas. Esse interesse tem levado pesquisadores a refletir sobre o lugar do idoso na cultura ocidental contemporânea e, principalmente, os significados das atividades que ele pratica e as possibilidades que tem de se potencializar para a vida nas condições de hoje. Para tanto, o projeto propõe como objetivo identificar as possibilidades subjetivas da prática de leitura para leitores idosos de Fortaleza-CE, a partir de um estudo de abordagem qualitativa, do tipo descritivo e exploratório. Para a coleta de dados, será utilizada a entrevista em profundidade, focalizada e não sistematizada com idosos que consideram cultivar a prática da leitura em seus ambientes cotidianos. A análise dos dados será realizada a partir do método de análise do Discurso do Sujeito Coletivo, visando à elaboração de um discurso síntese que represente a prática de leitura para os idosos em foco. Esta pesquisa propõe se debruçar sobre o que a prática de leitura pode proporcionar ao leitor idoso, segundo a sua própria perspectiva, o que corresponde à tentativa de explorar as possibilidades subjetivas da leitura sob o prisma da velhice enquanto fenômeno social e pessoal, a partir de uma atividade específica desenvolvida por ele.

Endereço: Av. Washington Soares 1321 Bloco da Reitoria

Bairro: sala da VRPPG - Edson Queiroz

CEP: 60.811-905

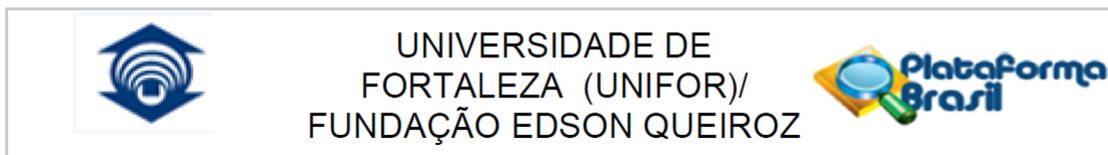
UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3477-3122

Fax: (85)3477-3056

E-mail: coetica@unifor.br



Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Identificar as possibilidades subjetivas da prática da leitura para leitores idosos de Fortaleza-CE.

Objetivo Secundário:

Desvelar o que motiva os leitores idosos à prática da leitura;
Elencar em relatos os significados da prática de leitura para esses idosos;
Apontar os benefícios proporcionados pela prática da leitura, segundo relatos.

Avaliação dos riscos e benefícios:

Riscos:

Os procedimentos utilizados nesta pesquisa apresentam um risco mínimo para o participante.

Ocasionalmente, durante a entrevista, o participante poderá lembrar ou sentir algo que gere emoções intensas. Se isso lhe proporcionar desconforto, a entrevista será interrompida imediatamente, sendo continuada em outro momento ou, se o participante preferir, será interrompida a sua participação na pesquisa.

Benefícios:

Os benefícios esperados com a pesquisa envolvem criar oportunidades para o participante falar sobre a sua relação pessoal com a prática da leitura, contribuindo dessa maneira com a ampliação dos conhecimentos que se tem sobre as possibilidades subjetivas de uma prática que ele desenvolve em seu cotidiano. Assim, o participante pode se tornar mais consciente dos benefícios, caso estes existam, envolvidos na prática da leitura.

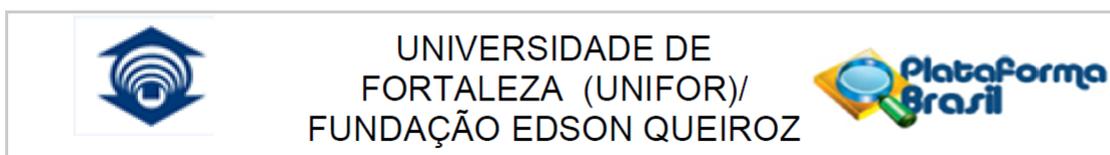
Comentários e considerações sobre a pesquisa:

O projeto apresenta-se, de uma forma geral, coerente entre os objetivos e o método. O método proposto atende à norma 466/2012 do CNS, especificando forma de recrutamento dos participantes, a estratégia de coleta/análise dos dados, os riscos e benefícios da pesquisa para os participantes.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos obrigatórios foram apresentados e estão de acordo com a Resolução 466/12 do CNS.

Endereço: Av. Washington Soares 1321 Bloco da Reitoria
Bairro: sala da VRPPG - Edson Queiroz **CEP:** 60.811-905
UF: CE **Município:** FORTALEZA
Telefone: (85)3477-3122 **Fax:** (85)3477-3056 **E-mail:** coetica@unifor.br

**Recomendações:**

Após a leitura da versão apresentada, não há recomendações por conta de pendências do projeto de pesquisa analisado.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O Colegiado recomenda a Aprovação ao projeto de pesquisa visto atender, na íntegra, às determinações da Resolução CNS/MS 466/12 e diretrizes.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_937949.pdf	08/06/2017 16:06:57		Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	08/06/2017 15:56:42	MARLO RENAN ROCHA LOPES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	06/06/2017 21:45:32	MARLO RENAN ROCHA LOPES	Aceito
Cronograma	Cronograma.png	06/06/2017 21:42:37	MARLO RENAN ROCHA LOPES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	06/06/2017 21:38:23	MARLO RENAN ROCHA LOPES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FORTALEZA, 28 de Junho de 2017

Assinado por:
ALDO ANGELIM DIAS
(Coordenador)

Endereço: Av. Washington Soares 1321 Bloco da Reitoria
Bairro: sala da VRPPG - Edson Queiroz **CEP:** 60.811-905
UF: CE **Município:** FORTALEZA
Telefone: (85)3477-3122 **Fax:** (85)3477-3056 **E-mail:** coetica@unifor.br